



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – CAMPUS ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA**

RONILSON DE OLIVEIRA SOUSA

**“NO TEMPO DO PEGA”:
Lugares e memórias da Balaiada no ensino de História em São
Bernardo-MA**

ANANINDEUA

2020

RONILSON DE OLIVEIRA SOUSA

**“NO TEMPO DO PEGA”:
Lugares e memórias da Balaiada no ensino de História em São
Bernardo-MA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino Profissional de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Junior Ishihara Brito

ANANINDEUA-PA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S725 Sousa, Ronilson de Oliveira
"NO TEMPO DO PEGA": Lugares e memórias da
Balaiada no ensino de História em São Bernardo-MA /
Ronilson de Oliveira Sousa. — 2020.
204 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Adilson Ishihara Brito Brito
Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Ensino
de História, Campus Universitário de Ananindeua,
Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020.

1. Ensino de História. Memória. Tradição Oral.
Balaiada. ProfHistória. . I. Título.

CDD 306.432




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



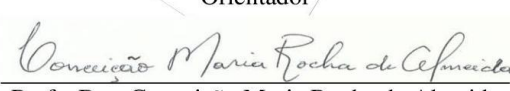
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

RONILSON DE OLIVEIRA SOUSA

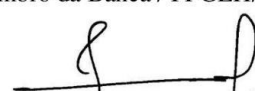
A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Adilson Junior Ishihara Brito e constituída pelos examinadores Profa. Dra. Conceição Maria Rocha de Almeida, Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes e Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos, reuniu-se no dia 18 de dezembro de 2020, às 16:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando **RONILSON DE OLIVEIRA SOUSA** intitulada: "NO TEMPO DO PEGA: LUGARES E MEMÓRIAS DA BALAIADA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SÃO BERNARDO/MA". Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi APROVADA, com conceito EXCELENTE pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.



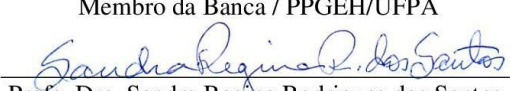
Prof. Dr. Adilson Junior Ishihara Brito
Orientador



Profa. Dra. Conceição Maria Rocha de Almeida
Membro da Banca / PPGEH/UFPA



Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Membro da Banca / PPGEH/UFPA



Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos
Membro Externo da Banca / NUPEGEM/UEMA

Dedico este trabalho a quem sempre lutou para que hoje eu pudesse estar onde estou: minha mãe, Enedina Garces de Oliveira.

“Não há nenhuma poética universal: universal é a poesia, a vida mesma. Universal é Bizuza, cuja voz se apagou com sua garganta desfeita há anos no fundo da terra. Universal é o quintal da casa, cheio de plantas, explodindo verde no dia maranhense, longe de Paris, de Londres, de Moscou. O frango que nasce e morre ali, entre as cercas de varas. O cheiro do galinheiro, a noite que passa arrastando bilhões de astros sobre nossa vida de pouca duração. Universal porque Bizuza, amassando pimenta-do-reino numa cozinha de São Luís, pertence à Vida-Láctea. E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas ruínas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer a minha poesia, dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz”.

Ferreira Gullar

AGRADECIMENTOS

Diante da folha em branco desta seção de agradecimentos, um turbilhão de lembranças invade minha memória e vejo-me diante da incompetência de narrá-las. Um filme, com múltiplas cenas, de cada momento, de tantas lembranças, risos e tantas saudades que agora sinto. Saí da pequena “Matriz” de São Bernardo, no interior do estado do Maranhão há um ano e meio, e nunca deixei de sentir o cheiro da minha terra, o calor de minha casa, a companhia dos meus familiares e a voz marcante de minha mãe. Atravessando o Maranhão, quando dei por mim estava em Belém (PA), terra morena de Nossa Senhora de Nazaré. Talvez seja ela que primeiro merece todos os agradecimentos e gratidão por me sustentar até aqui, afinal, fui recebido por ela no meio de um Círio de multidões, de cheiros, emoções e uma fé única, que me conectou às memórias de minha bisavó, dona Enedina, que com saudade agradeço por me educar, me amar e sentir comigo as belezas da fé. Ancestralidade negra que carrego comigo em cada experiência, cada vivência dessa odisséia terrena.

Agradeço à minha família, que me apoiou e me amparou diante das adversidades deste longo caminho. Sem eles, este trabalho talvez não fosse possível. Serei eternamente grato aos meus pais, Enedina e Raimundo, pela farta cumplicidade, carinho e amor.

Ao meu querido irmão, Ronaldo e minha tia Aldeires incentivadores das minhas conquistas.

A meus amigos e amigas, eternos confidentes. Em especial, aqueles que estiveram diretamente ligados a esta conquista: Keliane Viana, que muito me incentivou e me ajudou a retirar pedras do caminho, rumo à concretização deste mestrado. Quantas noites em claro trocando experiências, me ouvindo, um ombro amigo acessível, que sempre acreditou em mim, socorrendo-me nas aflições e no desespero. Meu agradecimento!

À minha amiga companheira de curso, Ellen, que sempre, ao necessitar, esteve comigo a me ajudar, compartilhando sorrisos, alegrias, apoio e carinho incondicional; à Rosângela, que comigo formava os únicos mestrados do Maranhão presentes na Turma do PROFHISTÓRIA no Pará. Obrigado pelo companheirismo, pelas conversas travadas pessoalmente, pela reciprocidade, muito me incentivou no percurso.

Ao programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA),

representado pela professora Edilza Fontes, por ter contribuído na realização de um sonho. Vale ressaltar todo o carinho e companheirismo, bem como seu olhar, seu sorriso, que muito incentivou nossa turma.

A toda a turma 2019, pelos momentos compartilhados, pelos lanches nos intervalos das aulas, pelas experiências divididas, pelas amizades que ficaram na memória e no coração, como sinal de gratidão.

Aos professores do PROFHISTÓRIA UFPA – campus de Ananindeua, o meu muito obrigado pelo conhecimento partilhado e pelas inspirações recebidas.

Especialmente, agradeço ao meu orientador, Professor Adilson Junior Ishihara Brito, pelas sugestões e críticas que contribuíram para o meu crescimento profissional. Ele que confiou e acreditou em mim, que jamais permitiu que minhas dúvidas e angústias, nos momentos de dificuldades, me desestimulassem. Pela enorme competência, respeito e receptividade o meu agradecimento.

Aos meus alunos das escolas Nilza Coelho Lima e C. E. Deborah Correia Lima especialmente as turmas envolvidas nesta pesquisa. Agradeço a disponibilidade e astúcia desses queridos e queridas. Grandes ajudantes, foram a razão deste trabalho existir. Meu emocionado obrigado!

À Banca Examinadora, que também participou do Exame de Qualificação e ofertou sugestões importantíssimas para o desenvolvimento do trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me concedeu a bolsa, apoio imprescindível para o prosseguimento desta pesquisa.

Não poderia deixar de citar e agradecer as peças fundamentais na produção deste trabalho: os depoentes. Sem eles e elas, sem as sensibilidades narradas, este trabalho não seria possível.

Meus agradecimentos a todos e a todas que fazem parte da minha vida.

RESUMO

Este trabalho, sobre o ensino de história, tem o objetivo compreender a representação da Balaiada, entre o passado e o presente, envolvendo o município de São Bernardo, na região do Baixo Parnaíba Maranhense, considerando as memórias e a tradição oral compartilhadas entre sujeitos sociais ao longo do tempo, sobre os vestígios da escravidão e dos processos de resistência da Balaiada na cidade e região. Problematizamos os silenciamentos e esquecimentos desse passado, a partir do ensino de História na escola pesquisada e, também, na cidade, nas narrativas e discursos históricos no tempo presente. Para analisar essa estratégia, o trabalho foi estruturado como uma pesquisa-ação, explorando os diferentes lugares da cidade e comunidades rurais de ancestralidade negra. Nesse sentido, elaboramos atividades dentro e fora da escola, explorando a história, memória e tradições orais. Por lidar com sujeitos vivos e fontes imateriais, os estudantes foram instrumentalizados a lidar com fontes orais produzidas por meio de gravação de entrevistas realizadas na cidade e nas comunidades, colhendo depoimentos da tradição oral. Dentro do aporte teórico-metodológico da pesquisa-ação, aula-oficina e História Oral –, os estudantes elaboraram formulários com perguntas sobre a origem da cidade, o passado de escravidão e os vestígios da Balaiada na região. Os dados levantados nos permitiram analisar diversos aspectos da historicidade local, principalmente quanto às questões relacionadas aos processos de resistência negra na Balaiada, nos lugares de memória, nas versões e rastros do passado da cidade. Também como parte desta dissertação de mestrado e produto didático-pedagógico, elaboramos um documentário apresentando as narrativas orais, as memórias de grupos e representações do passado Balaio em espaços não-formais de aprendizagem, aliadas ao ensino de História e à História Pública.

Palavras-Chaves: Ensino de História. Memória. Tradição Oral. Balaiada. ProfHistória.

ABSTRACT

This essay on History teaching aims to understand the representations of *Balaiada* in the past and present of São Bernardo-MA, considering the memories and oral tradition shared between citizens throughout time about the vestiges of slavery and *Balaiada* resistance processes. We analyze the silences and forgetfulness of this past from the teaching of History in the researched school and also in the city, the narratives and historical discourses nowadays. To analyze this strategy, the essay was structured as an action research, exploring the different places of the city and rural communities of black ancestry. In this sense, we elaborated activities inside and outside the school, exploring history, memory and oral traditions. By dealing with citizens and immaterial sources, students were instrumentalized in dealing with oral sources, produced by recording interviews conducted in the city and in the communities, collecting testimonies of oral traditions. Within the theoretical-methodological contribution of the research – action, class – workshop and Oral History, students prepared forms with questions about the origin of the city, the past of slavery and the remains of *Balaiada* in the region. The data collected allowed us to analyze several aspects of local historicity, mainly regarding issues related to the black resistance processes in *Balaiada*, in the sites of memory, versions and traces of the city's past. Also, as part of this master's essay and didactic-pedagogical product, we prepared a documentary, presenting oral narratives, group memories and representations of the *Balaio* past in non-formal learning spaces combined with the teaching of History and Public History.

Keywords: History Teaching. Memory. Oral Tradition. Balaiada. HistoryTeacher.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mapa da localização da cidade de São Bernardo-MA.....	29
Figura 2 -	Mapa da localização da microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense.....	30
Figura 3 -	Cidade de São Bernardo início do século XX.....	32
Figura 4 -	Capa de um paradidático encontrado na biblioteca da escola.....	43
Figura 5 -	Artesanato local, cesto de palha.....	46
Figura 6 -	Cesto de palha.....	47
Figura 7 -	Ginásio Bandeirante, década de 1990.....	49
Figura 8 -	Centro de Ensino Déborah Correia Lima (2019).....	49
Figura 9 -	Mapa da cidade de São Bernardo cujos bairros possuem alunos matriculados no CEDCL.....	64
Figura 10 -	Oficina de sensibilização (mosaico).....	77
Figura 11 -	Formulário elaborado.....	89
Figura 12 -	Alunos durante as entrevistas com os moradores (Tiago; Pedro; Angélica; Fátima).....	95
Figura 13 -	Alunos durante as entrevistas com os moradores (Francisco; Irene; Rosa).....	97
Figura 14 -	Aluno E.M. entrevistando as moradoras Jacinta e Nilza.....	98
Figura 15 -	Fazenda Paraíso (Povoado São Raimundo).....	100
Figura 16 -	Muralha de pedra no Povoado Bebedouro de São Pedro (Magalhães de Almeida-MA).....	102
Figura 17 -	Gravação do roteiro.....	113
Figura 18 -	Gravação do roteiro, Povoado Currais (São Bernardo).....	114
Figura 19 -	Abertura de Cena.....	122
Figura 20 -	Abertura de Cena.....	123
Figura 21 -	Abertura de Cena.....	126
Figura 22 -	Convite divulgado em <i>blog</i> de notícias da cidade.....	139
Figura 23 -	Moradores entrevistados.....	141
Figura 24 -	Alunos participantes da pesquisa.....	142

Figura 25 - População da cidade de São Bernardo (Praça 29 de março).....	143
Figura 26 - Cordel da Balaiada.....	144
Figura 27 - População de São Bernardo assistindo ao Documentário.....	145
Figura 28 - População de São Bernardo assistindo ao Documentário.....	145
Figura 29 - Escola José de Freitas (Povoado São Raimundo – São Bernardo).....	151
Figura 30 - Escola Monteiro Lobato – São Bernardo.....	151
Figura 31 - <i>Síte</i> da Jornada de Ciências Humanas e Sociais – UFMA....	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Ações - Elaboração do documentário.....	62
Quadro 2 -	Perfil socioeconômico dos alunos.....	72
Quadro 3 -	Perfil dos moradores entrevistados.....	93

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	16
1	ANALISANDO O OBJETO DE ESTUDO: a cidade, a escola e o presente-passado da balaiada.....	27
1.1	A cidade e o presente-passado da Balaiada: recortando um problema de pesquisa no ensino-aprendizagem de História.....	28
1.2	O ensino de história no Centro de Ensino Débora Correia Lima (CEDCL).....	49
2	A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A PROPOSTA DIDÁTICA DE HISTÓRIA.....	57
2.1	História oral e pesquisa-ação na sala de aula.....	58
2.2	Compondo o roteiro.....	69
2.3	Rodas de conversa.....	72
3	“O TEMPO DO PEGA”: memórias comunitárias, história pública e possibilidades de ensinar e aprender a história escolar.....	86
3.1	As entrevistas.....	87
3.2	Seguindo o rastro dos Balaios.....	92
3.2.1	A Fazenda “Paraíso”.....	98
3.2.2	A “Trincheira de pedra”.....	100
3.2.3	Percepção do alunado.....	102
3.3	“O tempo do pega”: experiências de aprendizagem histórica e de história pública em São Bernardo.....	106
3.4	Descrição do documentário.....	117
4	ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA: as narrativas da Balaiada.....	131
4.1	História pública e tradição oral: as narrativas da Balaiada.....	132
4.2	A exibição do documentário.....	138
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
	REFERÊNCIAS.....	156
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	162
	APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	163
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	164

	APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	165
	APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	170

INTRODUÇÃO

Certa vez, ouviu-se a seguinte expressão: “Você faz suas escolhas e suas escolhas fazem você”. Sem dúvida, a escolha do objeto desta dissertação pode ser concebida como um desses casos, no qual a problemática que se estabelece envolve a minha prática enquanto Professor de História em uma escola pública no município de São Bernardo-MA e a minha experiência enquanto sujeito de sociabilidades com a cidade, entre o presente e o passado.

Sempre me vi desafiado a entender o passado da cidade para além daquele construído pelas narrativas homogêneas que cristalizaram em registros documentais, representações de um mesmo espaço social de vivências que silenciam as experiências de outros seguimentos da sociedade: os negros, os lavradores, os pescadores, os artesãos etc. Ou seja, a gente da MINHA TERRA, pessoas comuns, repletas de uma ancestralidade de tradições e visões de mundo que tecem outras experiências e relações com o passado no chão social de memórias, eram esquecidas e silenciadas das narrativas oficiais da cidade.

Esquecidas porque as representações oficiais contidas em documentos e livros de autores da localidade, em eventos culturais que valorizam o passado da cidade se apresentam em homenagens aos grandes feitos de determinados personagens; datas cívicas consideradas importantes exaltam esses personagens, que são lembrados e homenageados, em detrimento de outros. Geralmente, são autoridades da vida política, representantes de famílias antigas, homens brancos que exerceram cargos de notoriedade social no município. A narrativa histórica construída a partir dessas figuras pauta-se na ideia de progresso e tradições desses sujeitos históricos.

A história dos negros e sua importância na formação social, cultural e histórica na cidade são silenciadas e desqualificadas; a narrativa construída por diferentes vozes de grupos hegemônicos desconsidera sua importância, enquanto o protagonismo é dado a determinados sujeitos históricos, homens brancos e pertencentes às elites dominantes, em detrimento das camadas populares, descendentes dos negros escravizados, dos indígenas, dos camponeses e pescadores são silenciados pela narrativa histórica que circula na cidade de São Bernardo.

Esta pesquisa é decorrente dessas inquietações sobre os esquecimentos e silenciamentos que compreendem as representatividades da Balaiada entre o

passado e o presente, especialmente de grupos não – hegemônicos (PORTELLI,1997).

Problematizamos o ensino de história operacionalizado em uma escola de ensino médio (Centro de Ensino Déborah Correia Lima – CEDCL), seus programas educacionais, o currículo e o material didático usado nas aulas de História. Nesse espaço de atuação docente fui percebendo o currículo repleto de conteúdos e a preocupação do corpo docente em transmiti-lo em sala unicamente para preparar o alunado aos exames que são aplicados na escola, tanto em âmbito nacional como estadual, nas etapas preparativas e avaliativas dos programas educacionais adotados no ensino.

Nesse contexto, para além do ensino de História, que silencia as culturas locais e as representações do passado a partir de grupos sociais negros da região, também problematizamos as narrativas que se construíram para explicar o passado da cidade no tempo presente. São representações que colocam em destaque grupos hegemônicos e explicações pautadas nas características religiosas da cidade em um passado branco, que silencia a presença dos negros, dos indígenas e dos camponeses, grupos étnico-raciais que formaram a sociedade bernardense ao longo de gerações.

Os descendentes desses grupos preservam memórias e representações do passado, como os processos de resistência dos negros nos eventos da Balaiada, na região do Baixo Parnaíba Maranhense. A Balaiada foi a maior revolta popular do Maranhão, ocorrida de 1838 a 1841, alcançando as províncias do Piauí e Ceará. Mobilizou milhares de sertanejos em grande extensão do território maranhense, especialmente na região leste (Baixo Parnaíba), palco dos conflitos nas matas, rios e lagoas da região.

Segundo a historiadora Sandra Regina Rodrigues Santos (2010, p. 189), as causas da guerra “representou a influência de fatores sociais (desrespeito, opressão, exploração e miséria) e de reivindicações políticas de caráter nativistas (suspensão da lei dos prefeitos e subprefeitos, expulsão do Presidente da Província, expulsão dos portugueses)”. Para a pesquisadora, o movimento envolveu “vaqueiros, escravos fugitivos, pequenos artesãos, agricultores, sem-terra, desertores da Guarda Nacional, pequenos comerciantes, fazendeiros etc..” (SANTOS, 2010, p. 189).

A presença expressiva dos negros escravizados e populações livres, pobres e sujeitados tem recebido novas interpretações por parte da historiografia da Balaiada

(ASSUNÇÃO, 1998; ABRANTES, 1996; SANTOS, 1983; SANTOS, 2010), dada sua importância em outros locais do Maranhão, que no tempo presente, as comunidades descendentes de quilombo compartilham na tradição oral representações desse passado na região do conflito.

Em São Bernardo, os moradores da zona rural, muitos deles descendentes dessa mescla étnico-racial, que exercem saberes com a terra e os rios, lavradores e pescadores guardam histórias e memórias do chamado **tempo do cativo e do tempo do pega**.

Esses indícios trazem à tona as representações do passado da Balaiada em São Bernardo, silenciados nas narrativas da cidade, e esquecidos no currículo ensinado, o que nos leva a indagar: como considerar as memórias de grupos marginalizados, a exemplo do movimento social Balaiada para o ensino de história? Como as tradições orais dos moradores e moradoras da cidade contribuem para a construção de uma contranarrativa do passado, colocando em destaque outras interpretações, que considerem o protagonismo dos negros e suas memórias históricas? A proposta de nosso trabalho é refletir sobre essas questões, tanto na escola pesquisada, sobre as culturas negadas e silenciadas no currículo (SANTOMÉ, 1995), quanto na cidade, nas narrativas oficiais em documentos e representações do passado da localidade, entre esquecimentos e silenciamentos (POLLAK, 1989).

Deste modo, diante desse contexto, o problema da pesquisa situa as questões entre o presente e o passado de São Bernardo, e somente o reconhecimento das narrativas silenciadas torna possível elaborar, no ensino de História, uma experiência com o passado de grupos negros e seus descendentes com as memórias da escravidão e da Balaiada.

Nesta pesquisa, temos a hipótese de que os moradores mais antigos da zona rural e da cidade de São Bernardo são cheios de historicidade e memórias preservadas dos seus antepassados, o que permite o ensino de história por meio do contato entre alunos e moradores, nas experiências de reconhecimento desse passado dos grupos negros e os processos de resistência da Balaiada em São Bernardo e região.

Este trabalho sobre o ensino de história do Maranhão tem como objetivo compreender as representatividades da Balaiada entre o passado e o presente, envolvendo o município de São Bernardo, na região do Baixo Parnaíba Maranhense, considerando as memórias e a tradição oral compartilhadas entre sujeitos sociais ao

longo do tempo, principalmente quanto às questões relacionadas aos processos de resistência negra na Balaiada, nos lugares de memória, nas versões e rastros do passado da cidade.

Atuando como professor de História por mais de uma década, fui percebendo, juntamente com meus colegas, nas escolas da cidade, diversas problemáticas com relação ao ensino de História relacionado à memória da cidade de São Bernardo. Começando pelas dificuldades dos alunos em compreender a história do cotidiano, com o local, com a região onde vivem; e muitas vezes, a falta de interesse por essas temáticas afeta o trabalho docente, que diante das exigências de um ensino pautado em um currículo a ser cumprido, deixa em esquecimento esses outros olhares sobre as experiências históricas da localidade.

A falta de material didático atualizado com narrativas sobre o passado da localidade dificulta o acesso dos estudantes às representações da história do município e da própria região do Baixo Parnaíba Maranhense, a exemplo dos eventos da Balaiada. A história ensinada, que predomina nos livros didáticos, opera por meio da seleção dos conteúdos que legitimam determinadas tradições escolares de cunho colonial, fortalecendo a presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas, bem como o total esvaziamento da temática regional no ensino de História.

Na visão de Santomé (1995, p. 161), “se criou uma tradição na qual os conteúdos apresentados nos livros didáticos aparecem como os únicos possíveis, os únicos pensáveis”. Os docentes, diante da carga horária mínima, selecionam os conteúdos, que rapidamente são repassados em sala de aula, não tendo um aprofundamento crítico daquilo que é ensinado, tanto pelo professor quanto pelo aluno, que se torna sujeito passivo, desinteressado daquilo que é ensinado, uma vez que esse conteúdo está distante da realidade social do aluno.

Além disso, na escola pesquisada, grande parte dos professores em atuação é de outros municípios, especialmente do estado do Piauí, não tendo experiências com o reconhecimento da história local, e pelas exigências do currículo, estão mais comprometidos em repassar os conteúdos ensinados na disciplina de História. Para Santomé (1995, p. 161), “o professorado atual é fruto de modelos de socialização profissional que lhe exigiam unicamente prestar atenção à formulação de objetivos e metodologias, não considerando objeto de sua incumbência a seleção explícita dos conteúdos culturais”. Desse contexto, o ensino de história na escola pauta-se pelos conteúdos e pelo reconhecimento mínimo de questões do cotidiano do alunado e das

representações históricas do passado da cidade. A seleção de conteúdos silencia outras maneiras de ensinar, enquanto o livro didático torna-se a referência única e acabada na sala de aula.

Além desses desafios, na escola pesquisada, e, também, local da prática docente, o ensino de História defronta-se com extensos referenciais curriculares a serem cumpridos mediante os programas educacionais a nível estadual, para atender a formação do alunado para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Essas diretrizes e programas educativos pautam-se pela seleção e padronização do ensino brasileiro, e não é uma realidade recente, em diversos momentos o ensino de História esteve pautado em discurso e ideologias dominantes.

Segundo a pesquisadora Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt (2012, p. 76), analisando a trajetória do ensino de História no Brasil, afirma que historicamente o ensino de História esteve sempre vinculado à “dinâmica das articulações entre as instituições escolares e determinados projetos e propostas políticas”. Trata-se, segundo ela, de que o ensino de História, durante o século XX, atrelava-se ao ideário de construção de uma identidade nacional.

Essa dinâmica da disciplina privilegiou a narrativa de determinados sujeitos históricos (homens, brancos e pertencentes às elites dominantes), inevitavelmente, causando a invisibilização de outros grupos sociais, sobre a cultura e as vivências e experiências de outros sujeitos históricos, refletindo diretamente em determinadas tradições escolares (GASPARELLO, 2008), programas, currículos e, até mesmo, materiais didáticos.

Com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no início da década de 1990, o currículo do ensino de História não se vinculou à questão da identidade nacional, a disciplina volta-se à diversidade cultural dos sujeitos históricos, às vivências e experiências de cidadania, uma transformação responsável por novas abordagens e respondendo às mudanças do mundo contemporâneo. Nesse contexto, ganha visibilidade a construção de sínteses histórias, as relações entre a História Local e a História Regional, “estabelecendo relações de diferença e semelhança, mudança e permanência entre as problemáticas identificadas e as questões vivenciadas por outros sujeitos, nas múltiplas dimensões da vida coletiva, em outros tempos e espaços” (BRASIL, 2000, p. 76).

Segundo o pesquisador Luís Carlos Cerri (2004, p. 229), ao analisar os PCNs, apresenta que eles foram importantes ao longo dos anos 1980 e início dos anos 1990,

servindo como bandeiras críticas que questionavam o ensino de História, abrindo caminho como “sustentáculo para que se continue enfrentando as resistências às transformações neste sentido”. Para esse autor:

[...] não se pode deixar de reconhecer os PCN como um avanço em relação a currículos nacionais anteriores, ressaltando principalmente a vitória sobre a lógica da cronologia como princípio estruturador dos conteúdos da história. Não se deve esquecer, entretanto, que os PCN, com sua voracidade unificadora, passam por cima de dezenas de experiências curriculares regionais positivas, ainda que se beneficiando de seus ganhos (CERRI, 2004, p. 229).

No tocante ao currículo, os PCNs apontam que é na escola, no cotidiano da sala de aula, que ocorre a elaboração de “currículos reais”, com a participação de outros agentes. Conforme esse documento: “são grupos de professores e alunos, de pais e educadores, em contextos sociais e educacionais concretos e peculiares, que formulam e colocam em prática as propostas de ensino” (BRASIL, 1998, p. 15). Segundo Libâneo (2004), o “currículo real” acontece pela rotina do professor na elaboração e contextualização dos conteúdos. Dentre vários tipos de currículo, esse certamente é norteado por um modelo formal, no qual, ao ser aplicado em sala de aula, apresenta-se e é concebido por competências de caráter conceitual, procedimental e atitudinal.

Em nossa realidade de ensino, em uma escola estadual situada no interior do Maranhão, atualmente, os PCNs são citados no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, mas na realidade da sala de aula, no desenvolvimento do “currículo real”, as dificuldades vão se somando: desde a falta de material didático adequado ao ensino de determinadas abordagens regionais e locais, assim como a diminuição da carga horária da disciplina e o realinhamento de ações dentro da escola, para atender aos exames que são aplicados ao longo do ano, tanto em nível estadual (Exame do Plano MAIS IDEB) quanto nacional, o Exame Nacional do Ensino Médio¹ (ENEM).

¹ O Exame Nacional do Ensino Médio foi criado em 1998, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, como forma de verificar a qualidade do Ensino Médio, avaliando as competências e habilidades dos estudantes. Em 2004, essa prova nacional passou a contemplar os alunos com bolsas de estudo em Instituições de Ensino Superior (IES) particulares, por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni). Em 2009, houve modificações em sua estrutura, isto é, o ENEM foi instituído, em muitas universidades públicas, como forma de ingresso unificado dos alunos no Ensino Superior, por meio das notas obtidas nesse exame e, recentemente, os estudantes, para financiarem seus estudos em faculdades particulares, também precisam da nota para utilizar no Financiamento Estudantil (Fies). Essa constatação permite perceber que no ENEM ocorreram transformações desde a sua criação, pois a sua pretensão não teve a opção de selecionar estudantes para ingressarem no Ensino Superior, contudo, ser uma ferramenta de avaliação da qualidade do Ensino Médio.

Sobre o Plano MAIS IDEB, foi instituído pelo governo Flávio Dino, desde 2016, composto por um conjunto de ações e estratégias para melhorar os índices educacionais do Maranhão, em toda a rede de educação. Atualmente, o que era Plano transformou-se em Programa, com o engajamento das Unidades de Educação do Estado (URE), que realizam a formação, orientação e acompanhamento das metas específicas para cada unidade de ensino nos municípios, focando na qualidade da aprendizagem e nos índices alcançados em cada etapa.

A estrutura curricular desse programa na disciplina de História, apesar de trazer novas abordagens, com a introdução de temáticas regionais da história do Maranhão, ainda assim, os conteúdos seguem a lógica eurocêntrica, destacando acontecimentos em uma continuidade espaço-temporal para, a partir deles, estabelecer um quadro didático linear, valorizando determinados grupos hegemônicos e seu protagonismo.

Esses elementos corroboram com o esvaziamento do ensino local na escola, tanto por conta de um programa curricular que contribui para silenciar as culturas e vozes dos grupos minoritários e/ou marginalizados quanto pelo material didático, livros e paradidáticos que não propõem outras reflexões da realidade do alunado, os conteúdos são contemplados sem compreensão de seu sentido.

Assim, o presente trabalho visa problematizar o ensino de História do Maranhão e as representações do passado da cidade nas narrativas construídas, no ensino e no material didático que legitima determinadas tradições com aspectos coloniais. Percebendo a necessidade de valorização das memórias da Balaiada no ensino de História, desenvolvemos uma proposta pedagógica com o objetivo de compreender as representatividades desse movimento social entre o passado e o presente do município de São Bernardo. Através do protagonismo dos estudantes em contato com os moradores da cidade, as memórias e a tradição oral compartilhadas, que permitiram, entre os alunos e alunas, diferentes percepções e consciência história (RUSEN, 2001).

A metodologia aplicada pautou-se numa pesquisa-ação, História Oral e aula-oficina, que orientou todo o itinerário da pesquisa, dentro e fora da escola. Mesclamos alguns desses recursos metodológicos citados e incluímos a aprendizagem em espaços fora da escola, ao propormos visitas e a realização de entrevistas com moradores da cidade.

Na escola, as aulas-oficinas foram fundamentais para o alcance do objetivo de tratar do silenciamento pela narrativa histórica da cidade, considerando o ensino-

aprendizagem da história e as memórias da Balaiada. Segundo a perspectiva apresentada por Isabel Barca (2004), realizamos o levantamento dos conhecimentos prévios das representações dos estudantes sobre a Balaiada, que misturam experiências sociais e de ensino. Os conhecimentos prévios e as representações dos alunos deram novos significados, a partir da problematização de fontes históricas da Balaiada em dimensões sociais da tradição oral, sendo uma estratégia utilizada na aula- oficina para sensibilização e empatia dos estudantes nas etapas de entrevista e produção do documentário, nosso produto didático da pesquisa.

Na mesma direção, as reflexões metodológicas de pesquisa-ação permitiram a análise da prática educacional entre os sujeitos envolvidos no ensino, como estudantes, professores e demais membros da comunidade escolar. Segundo Guido Irinei Engel (2000, p. 23):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em posição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. E, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situação em que também se é uma pessoa da prática, esse deseja melhorar a compreensão desta.

Deste modo, considerando a valorização dos sujeitos do processo histórico entre o passado e o presente, na construção coletiva, e o protagonismo dos estudantes como atores, e não agentes passivos da educação, a pesquisa-ação se tornou um método utilizado para aproximar alunos e moradores nas ações pedagógicas que foram desenvolvidas na pesquisa. Segundo Michel Thiollent (2007), a pesquisa-ação, como metodologia, proporciona aos grupos sociais e ao pesquisador formas de enfrentamentos de situações problemáticas pelo grupo. No caso desta pesquisa, o problema está nos silenciamentos e ausência de reconhecimento da Balaiada com as representações e sentidos do passado da cidade e na escola, portanto, cabe a construção de soluções, de forma cooperativa e participativa, situando os sujeitos sociais. Segundo o autor, “outra qualidade da pesquisa-ação consiste no fato de que as populações não são consideradas como ignorantes e desinteressadas.” (THIOLLENT, 2007, p. 23).

Nosso trabalho busca as experiências pessoais e coletivas de memórias entre os moradores e moradoras de São Bernardo e comunidades rurais com identidade

quilombola, valorizando as memórias preservadas e as representatividades desses grupos sociais negros com o passado da cidade. Para evidenciar essas memórias e torná-las interpretativas no ensino de História, instrumentalizamos os alunos e alunas com as ferramentas da História Oral, com a realização de entrevistas, gravações e registros de depoimentos contendo as diversas narrativas, nas quais nossa pesquisa tinha como objetivo perceber, nas memórias, a tradição oral entre o presente-passado dos processos de resistência da Balaiada em São Bernardo e região. Memórias de segunda mão, preservadas por grupos descendentes dos moradores mais antigos, repletos de histórias e memórias. Ao utilizarmos esse instrumento, temos que ter uma série de cuidados e precauções para que a História Oral possa ser bem aplicada à pesquisa. Nesse sentido, usamos a técnica para registro da história, da memória e lembranças da comunidade.

Com essa possibilidade de metodologia inovadora, aliada ao ensino de História, realizamos as entrevistas com os moradores e moradoras em diferentes espaços na cidade e em povoados – comunidades rurais – de São Bernardo. Todas as entrevistas foram gravadas, os encontros foram registrados, sendo o material analisado e editado na construção do produto didático, um documentário construído com as narrativas dos moradores, com representações do passado, valorizando a tradição oral desses grupos que preservam memórias vivas dos seus antepassados.

A pesquisa-ação deu protagonismo aos estudantes e aos moradores como atores e sujeitos no processo de construção de narrativas históricas. A valorização das tradições orais e os usos do passado no presente, a partir do ensino de história, são de fundamental importância, uma vez que trouxe à tona as experiências humanas e a história de pessoas da comunidade, muitas delas descendentes dos negros escravizados, cujas histórias não seriam ouvidas e compartilhadas sem uma estratégia de ensino que se volte para a localidade.

Quanto aos estudantes, a consciência histórica se torna perceptível mediante o envolvimento dos alunos e alunas na construção da pesquisa. Segundo Rusen (2001, p. 56), a história sobre como ocorreu a formação da cidade, o reconhecimento do passado pode trazer contribuições fundamentais para a construção da consciência histórica em sala de aula, pois ela é “[...] a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária”. Para esse autor, a consciência histórica pode ser definida como “[...] a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo

e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida no tempo” (*Ibidem*, p. 56). Nesse sentido, as experiências dos alunos e alunas possibilitará que se percebam como sujeitos históricos, como parte de uma sociedade, e que por suas ações, produzem e modificam a história.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, analisamos as narrativas históricas que circulam na cidade e na região, percebendo, na historiografia da Balaiada, as ausências e silêncios dos processos de resistência. Recortando o problema da pesquisa, destacamos as leituras entre o presente-passado da Balaiada em São Bernardo. Logo, é importante que se atente para os elementos que compõem as memórias individuais e coletivas. Também tratamos sobre o ensino de História em São Bernardo e suas diretrizes curriculares na escola pesquisada. Apresentamos um perfil do campo de pesquisa, o Centro de Ensino Débora Correia Lima (CEDCL). Contextualizamos a percepção do esquecimento da Balaiada no material didático, o currículo e a realidade do ensino médio em uma escola do interior do Maranhão.

No segundo capítulo, trazemos algumas considerações metodológicas sobre a construção das aulas-oficina, sobre História Oral e pesquisa-ação. Fazemos a definição dos conceitos, uma vez que lidamos com depoimentos orais, e as percepções dos estudantes envolvidos na pesquisa. Apresentamos minuciosamente a construção das oficinas, a percepção dos alunos e alunas, a construção das entrevistas e execução da pesquisa-ação.

Apresentamos, no terceiro capítulo, a construção do produto pedagógico resultado das entrevistas gravadas com os moradores e moradoras, com base nas narrativas de indivíduos da cidade e região, sobre o passado e os lugares de memória da Balaiada. Elencamos, ainda, o passo a passo da elaboração do documentário, o trabalho com as entrevistas e a seleção das narrativas, a participação dos alunos e as diferentes percepções na criação do roteiro e edição com os recursos audiovisuais.

No quarto capítulo, apresentamos a proposta pedagógica, o documentário audiovisual com as representações do passado da Balaiada em São Bernardo e região do Baixo Parnaíba Maranhense, uma **contranarrativa**, que tornou mais complexa a compreensão do passado da Balaiada nas narrativas hegemônicas dos livros didáticos, currículos prescritos e sistemas de ensino. Também apresentamos a exibição do produto em praça pública, a percepção do público, dos moradores e moradoras, dos alunos e alunas, também dialogamos apontando o estreitamento entre ensino de história e história pública a partir da proposta pedagógica

apresentada. O documentário está disponível no seguinte endereço:
<https://www.youtube.com/watch?v=Cqb8oEQmf5s&t=2802s>.

1 ANALISANDO O OBJETO DE ESTUDO: a cidade, a escola e o presente-passado da Balaiada

O presente capítulo tem por objetivo contextualizar o problema da pesquisa, contemplando os esquecimentos sobre a representatividade da Balaiada entre o passado e o presente, do município de São Bernardo-MA. Damos destaque às narrativas históricas que circulam na cidade e na região, percebendo, na historiografia da Balaiada, as ausências e silêncios de alguns personagens e processos históricos. Por meio da análise crítica dessas leituras, questionamos os silêncios e a representatividade do passado no tempo presente, na memória coletiva dos sujeitos e na construção das identidades dos alunos e moradores da cidade.

Nossas hipóteses apontam que há na cidade e região vestígios de lugares e memórias dos processos de resistência da Balaiada, que precisam ser conhecidos e devem ser lembrados, no sentido de sua valorização como parte da história da cidade. Existiria uma memória “clandestina” separada da memória “oficial” (POLLAK, 1989), sendo necessário perceber os “lugares de memória” (NORA, 1998) a partir da problematização no presente, com os sujeitos da pesquisa, moradores de São Bernardo.

Deste modo, a percepção do esquecimento da Balaiada opera ainda no interior da escola pesquisada, sendo, portanto, necessária uma contextualização (social e escolar) do problema dentro da sala de aula, no currículo que é ofertado e da realidade do ensino médio na escola. Assim, um dos grandes desafios da disciplina de História no ensino médio em São Bernardo, apresenta-se mediante os programas curriculares, por meio da seleção dos conteúdos que estruturam o ensino, estabelecendo os conhecimentos nos resquícios de uma história factual, que ressalta determinados sujeitos históricos, não dando outra possibilidade de representações sociais e culturais dos estudantes com o seu passado.

É a partir desse ponto que buscamos entender a escola e o sistema de ensino atual, a lógica do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Plano MAIS IDEB de educação, do Estado do Maranhão, e seus impactos na realidade da escola pesquisada, assim como o esquecimento da Balaiada no ensino de História.

1.1 A cidade e o presente-passado da Balaiada: recortando um problema de pesquisa no ensino-aprendizagem de História

Embora uma cidade tenha formas de ser representada, que se renovam ao longo do tempo, há elementos que podem permanecer, como por exemplo, o que conta sobre suas origens, acontecimentos de fundação, nomes e fatos (PESAVENTO, 2007). Prevalece, nas narrativas sobre o município de São Bernardo, no imaginário social, uma relação de poder que resulta na cristalização de uma memória consolidada na materialidade da cidade.

No discurso sobre a representação oficial da cidade há elementos da memória coletiva, nos quais a história narrada elege determinados fatos, que dão conta de um passado que é lembrado, preservado, especialmente sobre a origem da cidade, em eventos de caráter religioso, como a origem do lugar que se apresenta em uma narrativa legendária, na qual os padres jesuítas, os indígenas e o Santo São Bernardo são os protagonistas do relato.

A cidade de São Bernardo é relativamente jovem – 82 anos –, tendo aproximadamente 28 mil habitantes. Está localizada no Estado do Maranhão, na região Leste, conhecida como o Baixo Parnaíba Maranhense², distante 372km da capital, São Luís (Ver Figura 1). Fundada nos anos de 1938, a cidade tem passado por um processo de crescimento populacional e econômico durante todo o século XX e XXI, especialmente com o comércio, hotelaria e o setor religioso, com o festejo católico que acontece no município e atrai milhares de turistas e devotos no mês de agosto³.

A cidade se encontra em um importante entroncamento com o estado do Piauí e Maranhão, tendo o rio Parnaíba como divisor dos dois Estados. O município é banhado pelas águas desse rio; já a cidade é cortada por um dos seus afluentes, o

² A microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense é uma das microrregiões do estado do Maranhão pertencente à mesorregião Leste Maranhense. Sua população foi estimada, em 2010, pelo IBGE, em 129.381 habitantes, sendo composta por seis municípios (Água Doce do Maranhão, Araiões, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria do Maranhão, Santana do Maranhão e São Bernardo). Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 1º ago. 2020.

³ Os Festejos da cidade ocorrem anualmente, entre os dias 10 e 20 de agosto, em comemoração ao Santo Bernardo de Claraval, São Bernardo, padroeiro do município maranhense. A festa é organizada pelos moradores mais antigos, devotos da paróquia santuário e autoridades eclesiais locais. Sua programação é envolvida por missas, novenários, romarias, leilões, batizados, casamentos, pagamento de promessas ao santo, levantamento do Mastro, festas e procissões, contando com intensa participação da população da região (SOUSA, 2013).

rio Buriti, navegável por pequenas embarcações, abastecendo de água a cidade e os pescadores que realizam a venda de peixes no mercado municipal.

Figura 1 – Mapa da localização da cidade de São Bernardo- MA



Fonte: IBGE/CIDADE.

O rio Parnaíba foi um importante caminho fluvial na região do Baixo Parnaíba, desde o século XVIII, com a presença dos jesuítas e portugueses que fundaram vilas e, posteriormente ao surgimento das cidades que compõem a região; mas muito antes, historicamente o território foi habitado pelos povos indígenas, os Anapurus⁴, que viviam às margens do rio Parnaíba, nas extensas áreas que hoje correspondem às cidades de São Bernardo e Brejo (MA).

A localização estratégica da região do Baixo Parnaíba, ao longo do século XIX, tornou-se uma importante rota das populações cearenses e piauienses, que se dirigiam para as terras do hoje Estado do Pará, região rica em água e em alimentos. As secas⁵ do Nordeste mobilizaram a imigração ao longo do tempo, formando a mescla étnica, cultural e social da população que hoje forma o município de São Bernardo e demais cidades da região do Baixo Parnaíba Maranhense (SOUSA, 2014; VIANA, 2014).

⁴ Anapurus, segundo uma carta de 1686, do Governador de Pernambuco, é uma corruptela de Muipurá, índios das margens do rio Parnaíba. É o elemento etnológico mais antigo conhecido dos índios brasileiros, palavra que significa fruta do rio (CARDOSO, 2001).

⁵ Segundo a historiadora Regina Helena de Farias, em seu livro “Mundos do Trabalho no Maranhão Oitocentista: os descaminhos da liberdade”, ocorreram “secas em 1804, 1809, 1816-1817, 1824-1825, 1830, 1844-1845, 1877-1879, 1888-1889, 1898 e 1900” (FARIAS, 2012, p. 68).

Figura 2 – Mapa da localização da microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense



Fonte: IBGE/CIDADE.

Ao longo do século XX o rio Parnaíba ainda apresentava sua importância econômica e social no processo de ocupação territorial do interior maranhense e da importância dos povos que adentraram a região, ocupando seu vale e promovendo os contatos e núcleos de povoamentos. No aspecto econômico, as embarcações traziam mercadorias, que eram vendidas em portos que ficavam nas cidades de São Bernardo (MA), Brejo (MA), Luzilândia (PI) e Parnaíba (PI). A produção econômica da região se constituiu através das práticas de extrativismo vegetal – a coleta de frutas, do coco de babaçu, da carnaúba, do bacuri, do pequi; da extração de mel e da criação de animais, as plantações de milho, feijão e a produção de farinha ocupam um papel importante dentro da lógica de reprodução socioeconômica da região no passado e no presente (VIANA, 2018; GASPAR, 2013).

Atualmente, diversas comunidades rurais mantêm as tradições de uso da terra, modos de vida e tradições conforme os saberes locais dessa mescla étnica que se configurou ao longo do tempo, na produção de alimentos e artesanatos e nos saberes tradicionais. Mesmo diante das transformações global e local, nas disputas e conflitos sociais, através dos novos modelos de produção econômica da monocultura de soja, que tem expandido suas fronteiras no Baixo Parnaíba, tal avanço dos interesses econômicos de mercado tem reproduzido novas dinâmicas sociais na região, na qual os territórios já ocupados por povos e comunidades tradicionais buscam formas de autonomia e de resistência frente ao fenômeno. Trazendo, essas novas dinâmicas,

não apenas políticas econômicas, mas também estéticas culturais que incidem sobre as identidades e memórias dos sujeitos históricos da região⁶.

A abordagem inicial sobre a origem da região ajuda na compreensão do processo de configuração das cidades que formam este imenso território do leste maranhense, no qual a cidade de São Bernardo historicamente se constituiu. Há, no município, fazendas antigas que atestam o passado de trabalho e riqueza de famílias consideradas tradicionais que se constituíram na região. Esses espaços também são visíveis através de antigos engenhos, senzalas, igrejas e comunidades rurais, que refletem os traços de descendência quilombola, tais como as comunidades rurais Currais, Santa Maria e São Raimundo. Nesse território, as memórias são presentificadas em saberes e modos de fazer tradicionais, que permanecem e se alteram cotidianamente.

A referência mais antiga do discurso oficial circulante da cidade aparece nos relatos de criação de uma igreja matriz e formação de um núcleo de povoamento com a presença dos “desbravadores” padres jesuítas e dos indígenas no século XVIII (MARQUES, 1970). Essa representação que atravessa o tempo, atualmente ganha versões com diferentes variantes⁷, como a do surgimento da imagem do santo que “milagrosamente” foi encontrado pelos povos indígenas nas encostas dos morros, surgindo a partir daí a devoção com a construção de uma igreja “A Matriz”, como assim é conhecida a cidade no passado e no presente.

Este termo “matriz”, que religiosamente remete às questões de subordinação de Igrejas católica, no passado e presente do Brasil, no caso de São Bernardo é usado

⁶ “O Baixo Parnaíba é uma região cercada de conflitos agrários, cuja existência só ganha notável relevância e chega ao conhecimento do restante do país quando empresas nacionais e estrangeiras, voltadas à produção de carvão vegetal, proveniente da queima de algumas espécies de madeiras nativas, à plantação de eucalipto e também de soja instalam-se na área.” (VIANA, 2018 p.114).

⁷ Há 4 variantes que a memória coletiva informa sobre o surgimento do lugar que hoje se encontra o território de São Bernardo. A primeira se encontra no famoso Dicionário Histórico- Geográfico do Maranhão, de César Augusto Marques (1970), com a descrição de um relato sobre o achado da imagem de São Bernardo no local onde hoje se encontra a igreja matriz; a segunda versão, bem mais elaborada, aparece nos livros de memórias do Senhor Nonato Vaz “São Bernardo Documentário” que relata o surgimento do lugar a partir de um vaqueiro que encontra a imagem de São Bernardo e tenta de todas as formas levar a imagem para um outro local, sendo que, “milagrosamente”, o santo retorna ao local de origem, sendo então erguida a igreja sobre a invocação de São Bernardo. A terceira versão surge no livro “Coleção de Histórias”, de Maria de Lourdes Correia Lima, cujo relato legendário descreve as aparições do Santo em morros da região; os padres jesuítas mandam então construir uma capela e comunicam o episódio a Roma. A quarta versão é contada pela senhora Maria Elizabete de Almeida Lima, em um pequeno texto reproduzido em algumas edições do livro de cantos do festejo de São Bernardo, da década de 90. Nele consta o relato que se situa na fronteira entre a lenda e a história. Descreve a presença dos padres jesuítas e atribui a eles a origem da imagem do Santo, que mediante uma artimanha, sensibilizam os indígenas à devoção, surgindo assim a freguesia de São Bernardo.

para atribuir nome ao lugar que hoje se encontra a cidade, e não propriamente apenas a igreja católica da cidade. A religiosidade predominante fez surgir essa referência para atribuir sentido ao lugar, ao município. Por ser uma cidade que nasceu dessa religiosidade (Ver Figura 3), a igreja matriz se destaca na paisagem histórica, obtendo, entre os moradores ao longo do tempo, esta relação imbricada no social, cultural e na própria memória coletiva.

Figura 3 – Cidade de São Bernardo início do século XX



Fonte: IBGE.

O discurso histórico oficial do município é edificado sobre este passado, no qual os elementos religiosos ganham destaque, considerando os três componentes: os índios, os jesuítas e a evangelização. Essas narrativas escondem as disputas e as relações de poder, nas quais os indígenas eram dominados e o homem branco (os padres) aparece como os “desbravadores”, que trouxeram a imagem e iniciaram o processo de “civilização” do lugar. Nessa perspectiva, mulheres, negros e indígenas são silenciados da história oficial (SILVA, 2017; MACATRÃO, 2009; VAZ, 2016), inclusive a própria representação do “vazio demográfico”, em que se entende que não haveria ninguém, demonstrando assim o processo de exclusão e esquecimento de outros sujeitos históricos importantes ao longo do tempo na formação étnica e cultural da cidade.

Vimos que alguns sujeitos são silenciados na história circulante da cidade, e, por vezes, na historiografia regional sobre a Balaiada. A presença dos negros também é deixada à margem da História Oficial, especialmente quando se trata do passado

do movimento de resistência negro, a exemplo da guerra Balaiada, que teve como palco dos conflitos a região do Baixo Parnaíba Maranhense. Não há, no patrimônio histórico da cidade, nomes de ruas, praças e monumentos que homenageiem a revolta popular e seus líderes, que simbolicamente lutaram contra as condições de desigualdade social e miséria que as populações pobres da região estavam submetidas naquela época.

No século XIX, período que eclodiu a revolta da Balaiada, com os negros sendo protagonistas do conflito, São Bernardo estava submetida à administração política de Brejo (MA), sendo as duas vilas mais antigas da região, com núcleos populacionais e aspectos econômicos constituídos pelas fazendas que usavam mão de obra negra e indígena na plantação de algodão (ASSUNÇÃO, 2015). Atualmente, as marcas desse passado estão na arquitetura das duas cidades, no casario colonial, nas fazendas e nas igrejas.

A presença negra também é visível nos grupos sociais que se formaram na região, no processo de povoamento e ocupação da terra. Esses grupos trouxeram suas tradições e culturas, que simbolicamente estão presentes nas danças, festejos, saberes e fazeres ao longo de gerações, que resistem às transformações do mundo contemporâneo, como é o caso das comunidades de identidade quilombola presentes em São Bernardo e na região do Baixo Parnaíba Maranhense. Também o campesinato regional que se formou trouxe suas raízes e legados, dando início ao entrelaçamento de culturas e novas formas de sociabilidades: indígenas, negros e migrantes. Homens e mulheres, camponeses, lavradores, vaqueiros do sertão nordestino tangidos pela seca. Essa característica se acentuou principalmente nas regiões de fronteiras do Maranhão, onde se localiza São Bernardo.

As disputas e conflitos estiveram presentes entre esses grupos sociais ao longo do tempo. As fugas e rebeliões de escravos eram comuns, contribuindo para a formação das comunidades negras rurais da região (GOMES, 2015). Indígenas e negros eram perseguidos por senhores brancos, donos de latifúndios. Segundo Maria Januária Vilela Santos (1983), as rebeliões negras se espalhavam na região dos engenhos localizados no Baixo Parnaíba Maranhense. É nesse contexto histórico que surge a Balaiada, mobilizando homens e mulheres contra a realidade de opressão, violência e miséria.

Essas relações de poder construídas ao longo do tempo colocam em esquecimento as memórias desses grupos étnico-raciais, enquanto a legitimidade de

um passado das elites locais se perpetua no tempo presente, através das narrativas circulantes, destacando os personagens considerados importantes na narrativa sobre a cidade. Desse modo, é de fundamental importância rever outros personagens deixados à margem da história e problematizar esses silenciamentos e apagamentos da memória dos grupos sociais que configuraram a estética social, cultural e histórica de São Bernardo.

Atualmente, o poder público municipal não realiza ações de valorização da cultura e memória desse passado de resistência negra. A Secretaria Municipal de Cultura realiza eventos na cidade, como o São João, festas de emancipação política, desfiles etc., mas nenhum traz a discussão, a problematização da cultura negra a partir da valorização das memórias e representações da Balaiada, mesmo sendo essa guerra simbólica, por envolver o cultural e o social no Maranhão, especialmente com marcas em todo o território histórico do Baixo Parnaíba Maranhense.

Além disso, essa ausência se reflete ainda dentro das escolas do município, pois os currículos são trabalhados de maneira homogênea, sem aproximações dos conteúdos com a realidade social, histórica e cultural dos alunos e alunas; e quando isso acontece, geralmente se trabalha datas e eventos comemorativos em uma perspectiva factual, dos eventos de fundação e origem da cidade, o que causa ausência e silenciamentos de outras realidades históricas, dos grupos sociais (negros, indígenas, camponeses), que constituíram a formação da cidade ao longo de gerações.

Entende-se como História Oficial da cidade estas leituras que estão por toda parte, dentro e fora das escolas, circulando em publicações e registros comemorativos, especialmente produzidos pelo próprio Poder Público municipal na educação, em datas comemorativas da cidade em que determinado passado deste “mito de fundação” ganha maior visibilidade, pautando-se na ideia de progresso e desenvolvimento.

Essa simples constatação permite perceber que outros grupos sociais são deixados à margem nas narrativas e discursos históricos da cidade, tais como os negros e indígenas, grupos étnico-raciais formadores da histórica de São Bernardo. A própria menção aos povos indígenas não recebe a importância no tempo presente, pois não há monumentos ou nome de ruas, praças, escolas, ou até mesmo registro de trabalhos antropológicos que valorizem essa ancestralidade indígena no território; da mesma forma, as populações camponesas não são sequer mencionadas em

registros histórico da cidade, sobretudo os negros, e os lugares de identidade quilombola na região.

É essa história que marginaliza determinados coletivos sociais que se pretende desconstruir junto aos alunos, colocando em destaque as diversas interpretações do passado, a partir do presente, especialmente sobre os lugares e memórias da Balaiada, em uma perspectiva local nas narrativas culturais dos sujeitos históricos.

Esse silêncio é reflexo primeiramente da historiografia maranhense sobre a Balaiada, como aparece nas diversas interpretações tradicionais, que negam o protagonismo dos negros, indígenas e camponeses na cena pública do movimento social; são leituras sob a ótica da historiografia tradicional, como Magalhães (1848) e Ribeiro do Amaral (1898), que se constituíram desde o século XIX, após a guerra, e nas abordagens do início do século XX.

Esses discursos que marginalizam, assim como silenciam a Balaiada, têm reflexos no ensino da História nos conteúdos que reproduzem nos livros didáticos da disciplina de História na escola pesquisada, na cidade de São Bernardo. Diante das orientações pedagógicas, a escola segue um modelo curricular para o ensino médio mantido na relação de dependência do livro didático. Para o triênio 2018-2020, o Centro de Ensino Déborah Correia Lima, escola campo, escolheu, para uso no ensino médio, a coleção #Contato História (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016). Analisando essa coleção, percebe-se o esquema didático conhecido pelo nome de História integrada, que intercala conteúdo da chamada História geral com conteúdo de História do Brasil. É nessa abordagem que percebemos o total silenciamento da Balaiada como conteúdo da coleção de 1º ao 3º ano. No livro de História do 2º ano, o qual apresenta os eventos históricos das revoltas regenciais, a Balaiada não aparece; resumidamente, é citado o levante dos malês, Cabanagem e Revolução Farroupilha. Já no livro do 3º ano, as abordagens voltam-se às questões do Brasil contemporâneo.

Essa constatação é um descaso com a temática da Balaiada em uma perspectiva regional de ensino de História, uma vez que nós, os professores, diante da sala de aula, buscamos, em outros livros e paradidáticos, incluir a Balaiada como conteúdo, mas em alguns casos essa inclusão acontece de forma excludente, pois alguns livros da biblioteca da escola apresentam versões conservadoras (MAGALHÃES, 1848; AMARAL, 1898), sendo necessária uma análise crítica para seu uso em sala de aula, muitas vezes não contempla tal análise, em razão do tempo limitado da disciplina. Já outros discentes nem trabalham com a possibilidade de

incluir a temática, seguindo estritamente o livro didático usado na escola, como única opção.

Quanto aos livros que abordam a temática da Balaiada que encontramos na biblioteca da escola, estão às obras “A Revolução da Província do Maranhão desde 1838 até 1840”, de Domingos Magalhães (1848) e “Apontamentos para a História da Revolução da Balaiada na Província do Maranhão”, de Ribeiro do Amaral (1898). São esses os livros usados em pesquisas e atividades pedagógicas da disciplina, uma vez que falta material didático adequado. São livros que não dialogam com o lugar social dos estudantes, a partir de uma análise do passado com o presente, uma vez que o problema fundamental da História diz respeito ao presente, aos silêncios do passado balaiado na cidade e na escola.

Apesar do esforço em trazer a abordagem para dentro da sala de aula, o próprio currículo e o livro que a escola aprovou não apresenta a Balaiada, causando silêncios e esquecimentos. Se por um lado, falta material adequado para o ensino desse movimento social, de uma forma plural e democrática na escola, por outro, o livro usado na sala de aula silencia a abordagem da temática, e a partir de outros livros e paradidáticos da biblioteca, constata-se uma historiografia conservadora, que silencia o protagonismo dos rebeldes com visões preconceituosas e excludentes dos grupos sociais no movimento de resistência Balaiado. Tal representação omite as ideias políticas do movimento, silencia lugares e cria mitos; as versões mais conservadoras resumem a Balaiada como movimento de massa de manobra, agindo sem propósitos, com violência e sem consciência política. Atribuindo ao Duque de Caxias os feitos heroicos no combate violento aos rebeldes (MAGALHÃES, 1848; AMARAL, 1898).

Nesse sentido, é necessário cuidados no uso dessas obras no ensino de História, pois tais leituras fazem parte de uma corrente de argumentos que desqualifica politicamente os segmentos mais pobres envolvidos na Balaiada, usando-se de uma diversidade de expressões que vão desde a caracterização social até as questões raciais, identificando os participantes como: “desocupados”, “vadios”, “fugitivos da justiça”, “assaltantes”, que protagonizaram “bagunça”, “violências”, “atrocidades”.

Cabe, então, brevemente, reconhecer essas interpretações nesses livros que encontramos na biblioteca da escola e que são usados como consulta, pesquisas e leituras entre os alunos e professores. As narrativas descrevem a revolta no interior do Maranhão, apontando as causas do conflito. São leituras do século XIX, nas quais

devemos perceber as formas de silenciamento de grupos étnico-raciais, tendo a Balaiada sido situada nesses textos. A historiografia conservadora sobre o movimento se apresenta em duas obras clássicas de autoria de: Domingos José Gonçalves Magalhães e Ribeiro do Amaral.

Em 1848, tornou-se público, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o relato da revolta pela ótica de Domingos Magalhães, contemporâneo da revolta, pois ele fez parte da comitiva de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. A obra, intitulada “A Revolução da Província do Maranhão desde 1838 até 1840”, é repleta de adjetivações preconceituosas, que reproduzem um tipo de interpretação da Balaiada de maneira conservadora. O autor nomeia homens e mulheres do movimento como rebeldes sem visão política, “bandidos”, “bando de facciosos com interesses apenas na pilhagem” (MAGALHÃES, 1848, [n. p.]). Essa visão do primeiro relato da guerra repercutiu ao longo dos séculos XIX e XX, uma vez que a obra de Domingos Magalhães foi compartilhada pelo governo do Estado da época e pelas elites que se constituem durante e posteriormente à revolta.

Pela extensão do movimento e suas formas de resistência, Domingos Magalhães se negou a acreditar que os homens e mulheres do interior seriam capazes de formular ações revolucionárias, e muito menos que a figura de um vaqueiro lideraria as multidões. Para ele, o vaqueiro Raimundo Gomes, líder do movimento, não passava de uma figura “insignificante”, um “ladrão” sem ideias políticas, como descrito no texto.

Os outros dois líderes do movimento: Manuel Francisco dos Anjos, “o Balaio” e Cosme Bento das Chagas, “o Negro Cosme”, foram descritos como rebeldes “facínoras”, “facciosos”, “bandidos”, “entregues ao crime e aos roubos”. A visão de Domingos Magalhães considera que o movimento é despossuído de causa, que os seus líderes agiam conforme os interesses de políticos que eram contrários ao governo da província do Maranhão.

Posterior à narrativa de Domingos Magalhães, outra interpretação historiográfica da Balaiada, que se consolidou, surge a partir da visão de Ribeiro do Amaral, intelectual maranhense que escreve, no final do século XIX, a obra: “Apontamentos para a História da Revolução da Balaiada na Província do Maranhão” (1898). A interpretação dos eventos da guerra não se distancia da apresentada por Domingos Magalhães, em seu caráter conservador, ao também definir o movimento usando termos preconceituosos, tais como: “bandidos”, “bando”, “salteadores”, “baixa

ralé”, “brutos”, “ignorantes”. Não faltam exemplos de adjetivação pejorativa aos sujeitos que protagonizaram a guerra, sendo, portanto, uma interpretação que apaga os ideais políticos e revolucionários do movimento social.

Para Amaral, a região do conflito (Baixo Parnaíba Maranhense) fez surgir uma “baixa ralé”, “população de cor”, que aderiu ao movimento, tirando o sossego da “boa” sociedade das vilas e fazendas no interior. Acerca dos líderes do movimento, Ribeiro do Amaral reproduz uma narrativa que desqualifica o protagonismo de Raimundo Gomes, assim como esvazia o sentido político e revolucionário, quando aponta que o líder do movimento, um vaqueiro, não tinha condições intelectuais “homem ignorante” vindo das camadas baixas “ralé” da sociedade maranhense, de formular reivindicações políticas (AMARAL, 1989).

Essas interpretações conservadoras contribuíram para reforçar a visão negativa do movimento no tempo presente, na prática escolar e na cidade, mediante a falta do reconhecimento da Balaiada a partir das memórias do conflito, da cultura negra e indígena no passado da cidade. As referências citadas, as obras que estão disponíveis na biblioteca da escola, e por vezes usadas quando se busca trabalhar a temática da Balaiada na sala de aula, associam a desqualificações dos sujeitos históricos, negros e indígenas. Na realidade da escola pesquisada, as temáticas voltadas às questões do negro e indígena ainda carecem de maior atenção e preparo dos discentes, uma vez que há equívocos no trabalho com essas questões étnico-culturais, podendo inclusive produzir interpretações excludentes.

Em eventos tais como a Semana da Consciência Negra, na escola, essas dificuldades ficam visíveis quando não se faz uma ampla discussão da importância da cultura negra e indígena, a partir do lugar social dos estudantes, a exemplo da Balaiada, movimento social constituído de negros e indígenas. Essas questões aparecem em eventos na escola, mas de maneira muito superficial, o que gera silêncios e esquecimentos, não tendo um espaço amplo de discussões, pesquisas e estudos desse passado dos Balaios, de forma que o estudante questione, a partir do presente, os silêncios e exclusões desses sujeitos negros e indígenas no presente da cidade.

A falta de material didático adequado na realidade da escola torna-se uma dificuldade, enquanto os poucos livros e paradidáticos que apresentam a Balaiada carregam uma visão conservadora do movimento, ligada a aspectos de desqualificação, algo que deixou marcas na atualidade, quando observamos os

silenciamentos e esquecimentos da História da Balaiada no interior do estado, especialmente na região do Baixo Parnaíba, palco do conflito nos longínquos tempos regenciais.

Em São Bernardo, a História dos eventos da Balaiada não recebe a devida atenção e reconhecimento nos livros de autores locais, que também estão na escola, de acesso dos estudantes e usados em pesquisas e atividades escolares, na disciplina de História. Tais como “Matriz de São Bernardo: de capela a santuário”, Felipe Costa Silva (2017); “São Bernardo documentário”, de Raimundo Nonato Vaz (2016); “Coleção de Histórias”, Maria de Lourdes Correia Lima (1996). São livros que apresentam narrativas a despeito da cidade e sua formação social, cultural e histórica em uma perspectiva oficial, a partir do olhar da elite local.

E esse silêncio dominante se reflete também em toda a região, nas cidades do Baixo Parnaíba Maranhense, e quando se menciona a Balaiada, os discursos oficiais são associados à desqualificação dos rebeldes, como por exemplo, podemos citar trechos do Hino municipal da cidade de Brejo (MA), conforme reproduzimos aqui:

[...] A resposta aos balaios ousados
Foi aquela resposta viril
Seguiremos os nossos soldados
Morremos por nosso Brasil

Ao todo, o Hino apresenta cinco (5) estrofes, descrevendo eventos gloriosos da cidade de Brejo, mas na quarta (4) estrofe, descreve de maneira pejorativa os eventos da Balaiada no município, quando aponta os balaios como “ousados”, e que os soldados deram uma resposta viril. “Seguiremos os nossos soldados” apresenta uma ideia de que as elites locais preferiram apoiar as forças militares, enquanto o movimento dos rebeldes era odiado pela classe dominante da cidade. Brejo foi uma das vilas ocupadas pelo movimento dos Balaios, tendo seu território controlado pelos homens e mulheres, e de lá saiu o líder do movimento, Manoel Francisco dos Anjos, “o Balaio”, sendo que ainda hoje a cidade tem aversão ao passado balaio, pois para a elite local, os balaios foram violentos e causaram crimes dentro da cidade, na época do conflito.

No tempo presente, não há na cidade qualquer homenagem ou referência ao passado balaio, seja em ruas, praças ou monumentos, o que reforça o esquecimento, fruto de um preconceito racial sobre as camadas populares que estiveram no conflito: negros, vaqueiros e camponeses, que não são considerados importantes para a

narrativa oficial da cidade. Em contrapartida, há no mesmo Hino homenagens aos políticos considerados importantes na história da região, a exemplo de um senador do império, Cândido Mendes⁸.

Por toda a cidade há nome de escolas, praças e monumentos homenageando o senador; já em São Bernardo, o Hino do Município não cita a Balaiada, e muito menos qualquer evento de guerra no passado da cidade. São destacadas as riquezas naturais, sua gente, o rio buriti e o Parnaíba, a festa de agosto e a devoção ao santo. No mesmo hino, também surgem homenagens a Cândido Mendes, formando uma disputa pelo local de seu nascimento entre as duas cidades, conforme mencionamos abaixo, nos trechos dos hinos de Brejo e São Bernardo:

[...] Ô Brejo, no amor tu nos prendes
Terra de Cândido Mendes (bis). (HINO DE BREJO)

[...] Torrão de Cândido Mendes,
De um povo trabalhador,
Oh São Bernardo compreende
O nosso canto de amor. (HINO DE SÃO BERNARDO)

Atualmente, em São Bernardo, o Poder Público municipal não promove comemorações que valorizem a memória da Balaiada, apesar de sua importância política e social, tendo inclusive lugares por onde o movimento passou, deixando marcas no território. Esse passado parece não ser importante, do ponto de vista estético, social e cultural, aos poderes municipais e aos grupos sociais dominantes. Neste sentido, no discurso oficial da cidade existem espaços interditados, nos quais a história da Balaiada é silenciada, verificando-se, assim, as relações de poder, nas quais as narrativas na cidade elegem memórias de determinado grupo como válidas, sobre o que deve ser lembrado, preservado, esquecido.

Desta forma, a memória coletiva da sociedade bernardense, especialmente dos grupos dominantes e dos discursos oficiais dos poderes públicos, atua como uma “escolha” permeada pelo conflito, pelas disputas de memória, garantindo os silenciamentos à cultura e às memórias da Balaiada no tempo presente. O que propomos ao longo da pesquisa é reconhecer e valorizar as memórias e narrativas da Balaiada que não são lembradas nos discursos oficiais da cidade. Entendemos que existe uma memória “clandestina”, separada da memória “oficial. Seria primordial

⁸ Para mais informações sobre a vida e obra de Cândido Mendes, conferir o artigo A coragem de ser só: Cândido Mendes de Almeida, o arauto do ultramontanismo no Brasil (Ítalo Domingos Santirochhi).

saber como essas memórias seletivas se impõem na cidade, “como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade.” (POLLAK, 1989, p. 4).

Em um espaço histórico de representações do passado atravessadas por discursos sobre o passado em disputa e legitimação, as identidades dos sujeitos desses lugares também são permeadas por essas relações de disputas de memória e construção de identidades. Por ser uma construção social, as identidades não são fixas, mas móveis, multifacetadas e líquidas (BAUMAN, 2005).

Em São Bernardo, ao longo do tempo as identidades coletivas foram seguindo acontecimentos sociais que dão validade à existência do grupo, podendo este mesmo grupo, ao longo do tempo, experimentando diversas concepções de identidade (HALL, 2006), especialmente nessa região do Baixo Parnaíba Maranhense, palco de disputas e transformações sociais, políticas e culturais ao longo do tempo. Daí, portanto, a necessidade de repensar o passado da cidade, percebendo essas dinâmicas e transformações pertinentes às identidades dos sujeitos sociais, entre esquecimento e ressignificação de suas identidades, em contato com outros grupos ao longo do tempo.

Há gerações atuais que não reconhecem as identidades e o passado da Balaiada na cidade e na própria região. Uma das causas tem a ver com os discursos oficiais da cidade, mas também com as transformações do sujeito pós-moderno (HALL, 2006), que mesmo em cidades do interior do Maranhão, como São Bernardo, os ventos da modernidade avançam, transformando as relações dos moradores com seu passado, interferindo no sentimento de pertencimento ao local, ao passado que projeta o centro de nossas formações identitárias.

Essas concepções de construção de identidade são importantes ao se investigar um local como São Bernardo, que percebemos transformações e permanências de determinadas identidades, mas há também, no ensino de História, ausências e silêncios sobre as memórias e identidades da Balaiada. Daí a necessidade de problematizar o social e o escolar, ajudando os sujeitos históricos a reconstruir novas percepções sobre a identidade e o passado da Balaiada no tempo presente.

Neste contexto, caberia uma inquietação: “Qual a contribuição que a historiografia conservadora, representante de um colonialismo da Balaiada, refletiu na construção das representações do passado local e regional sobre os eventos

históricos do movimento a partir do ensino de História?” Podemos mencionar os paradidáticos do ensino de História do Maranhão, que ao longo do tempo reproduzem determinadas narrativas que omitem a participação popular no movimento, as ideias políticas e as memórias de resistência.

Segundo o historiador Yuri Givago A. Sampaio Mateus (2018), analisando os paradidáticos de História do Maranhão usados na rede de ensino, no período da primeira República aos dias atuais; o autor apresenta, na cronologia da análise, inúmeras omissões e esquecimentos que o material didático reproduz sobre a Balaiada. O historiador analisa os paradidáticos de 1889 até 2013, sendo que a partir da década de 1990, os novos paradidáticos trouxeram interpretações que validaram a participação popular; mesmo que algumas omissões ainda apareçam, há orientações curriculares pela valorização das identidades culturais presentes nas abordagens da Balaiada.

Em nossa prática de ensino na escola pesquisada podemos perceber que o material didático, o livro que é usado na organização e planejamento das aulas (#Contato História), silencia a temática da Balaiada, colocando em total esquecimento, já que apresenta outros eventos e revoltas no período regencial (capítulo 12), enquanto a Balaiada não aparece ao longo do texto, conforme se observa em um trecho do livro.

Na página 267 do livro do 2º ano, na apresentação das revoltas que ocorreram em determinado período histórico chamado de Regência, as revoltas populares são descritas de forma superficial, resumida e pontuando apenas uma causa, conforme excerto do texto transcrito abaixo:

Um período Conturbado

O período Regencial foi um dos mais instáveis após a Independência do Brasil. O governo do país foi disputado por diversos grupos políticos, enquanto as condições de vida da maioria da população continuavam péssimas. Diante dessa situação, ocorreram rebeliões contra o governo central em várias regiões do país. (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016, p. 267).

Desse ângulo, portanto, podemos perceber que a narrativa do livro resume todas as rebeliões em um mesmo sentido de causas, uma visão que não aponta as particularidades dos movimentos e omite as principais revoltas, como a Balaiada, que não é sequer citada ao longo do capítulo, e todas as outras rebeliões que surgem, são

abordadas de forma resumida, a exemplo da Farroupilha, Cabanagem e Levante dos Malês.

Entre alguns paradidáticos que encontramos na escola, apenas um apresenta narrativas sobre a Balaiada, e assim mesmo de forma resumida, destacando acontecimentos da revolta. A obra “Terras das Palmeiras” (edição de 1996) é assinada pelas autoras Deuris de Deus Moreno Dias Carneiro e Maria Nadir Nascimento.

Figura 4 – Capa de um paradidático encontrado na biblioteca da escola



Fonte: Biblioteca da Escola C.E.D.C.L.

Nesse livro, a História do Maranhão é apresentada sob a forma de narrativa, pontuando eventos e fatos de maneira cronológica, contendo diversas imagens, mapas e desenhos. Ao longo da obra, as autoras fazem considerações sobre os aspectos geográficos do Maranhão, as regiões, a paisagem natural, economia, cultura. Ao todo, o manual se divide em sete unidades, sendo seis referentes à Geografia, e a sétima unidade é destinada à História tanto Geral como do Maranhão. Apesar disso, observamos que as autoras se limitam mais à História Geral, com outras regiões, do que à História do Maranhão.

No paradidático há um tópico sobre a Regência, no qual as autoras apresentam um mapa contendo as Revoltas Regenciais: Cabanagem (1835-1840), Guerra dos Farrapos (1835-1845), Sabinada (1837-1838) e Balaiada (1838-1841); cada abordagem dessas revoltas é seguida de comentários explicando cada uma delas, que contam apenas a História do vencedor, como responsáveis pelos eventos

históricos, estabelecendo a ordem e a paz, através da repressão às manifestações populares.

Sobre a Balaiada, as páginas 117-118 definem o movimento como “a revolta popular mais importante do Maranhão”. Apresentam a composição social do movimento, as camadas pobres da população maranhense, apontam a miséria e a exploração como causas do conflito. Porém, as autoras afirmam que “os balaios não faziam reivindicações políticas.” (NASCIMENTO; CARNEIRO, 1996). São citados os líderes do movimento, mas não se reflete a trajetória de cada um, mencionando a região palco do conflito; há ausências de como os rebeldes foram reprimidos pelas forças militares de Luís Alves de Lima e Silva, que é saudado como patrono do exército brasileiro.

Apesar de o Manual apresentar a Balaiada, há minúsculos avanços no sentido de uma interpretação diversificada, em diálogo com os conceitos de cidadania, igualdade racial, que é pouco explorado na obra. Acerca da localização do movimento e da trajetória dos líderes, também não se tem uma reflexão consistente; os rebeldes são entendidos como massa de manobra, agindo sem propósitos e sem consciência política.

Essas ausências e silêncios são reflexo da historiografia conservadora da Balaiada, que ainda no início da década de 90, quando o Manual foi lançado, constituía-se como referência nas pesquisas históricas e na produção de material didático (paradidático) de História. Essas narrativas trazem consigo ideologias das classes dominadoras, carregando discursos preconceituosos, que ao longo do século XX, reproduziam-se em livros e paradidáticos usados nas salas de aula, a exemplo desse Manual encontrado na escola. Falta material didático atualizado, em sintonia com uma perspectiva plural, que se pretenda desconstruir os mitos presentes nos livros, especialmente os que são relacionados à presença dos sujeitos históricos no movimento social Balaiada.

Sob esse prisma, ensinar a História da Balaiada na sala de aula em São Bernardo tem sido um desafio na educação básica, quando se trata de fugir dos esquemas explicativos (cronológico, acrítico, factual) construídos nesses materiais ultrapassados, nas interpretações que nos façam compreender a ausência de material didático atualizado no ensino de História, que valorize a memória histórica da Balaiada.

Outra dimensão que podemos compreender sobre o ensino de História, é que essas leituras conservadoras que se cristalizam no ensino, nas práticas pedagógicas e curriculares, trazem consigo, nos livros didáticos, resumidamente, a História da Balaiada de maneira factual, sem nenhuma proximidade com o tempo presente, com a cultura e as identidades dos estudantes. A falta de uma compreensão democrática e plural sobre o movimento social Balaiada reproduz interpretações equivocadas, nas quais os estudantes não conseguem perceber as relações de classe, disputas, resistência e consciência política que o movimento representou.

Acreditamos no direito à memória pelas comunidades que historicamente foram palco do conflito na região do Baixo Parnaíba, não apenas no sentido de transmitir o conhecimento atualizado sobre a Balaiada em uma perspectiva progressista, mas para que os esquecimentos sejam problematizados no tempo presente, mediante a discussão do lugar social do aluno, dos diferentes contextos, no sentido de garantir o conhecimento e a valorização da Balaiada enquanto uma memória viva na cidade.

Reconhecer essa “fratura” que há sobre a memória da Balaiada na cidade de São Bernardo e propor formas de problematizar a importância social, cultural e histórica do movimento é um desafio desta pesquisa, contemplando o contexto social e escolar, para alcançar o objetivo de reconhecer os lugares e memórias do movimento social no tempo presente, por meio de uma proposta didática de ouvir os moradores e saber deles o que sabem sobre o passado da cidade, o passado da Balaiada no tempo presente.

A cidade de São Bernardo, assim como as outras cidades do Baixo Parnaíba, foram palcos dos conflitos da guerra da Balaiada no século XIX. Os resquícios estão presente nos lugares (trincheiras, cemitérios, caminhos antigos, senzalas, fazendas) e nas memórias de segunda mão, elementos do passado preservados na oralidade dos descendentes, situados na cidade e nas comunidades com identidade quilombola.

Como já descrevemos, a cidade de São Bernardo não é tão antiga, porém, enquanto vila e território habitado, é historicamente secular na região leste maranhense, tendo no passado a presença de povos indígenas (LAGO, 1989), além de grupos sociais que fugiram das secas (FARIA, 2012), formando o campesinato local, negros cativos em comunidade quilombolas (VIANA, 2018). Todo esse caldeirão étnico-cultural deixou marcas nas experiências, nos saberes e tradições do povo, moldando a história e a cultura local.

O historiador Mathias Assunção (2015), que há décadas pesquisa a historicidade do leste maranhense, na perspectiva de entender a Balaiada, traz uma análise inovadora, incluindo fontes orais. O autor assegura que a memória oral e os lugares confirmam por si só a região como central no reconhecimento do passado desse conflito, na qual as representações do passado e do presente incidem diretamente sobre a dinâmica do patrimônio material e imaterial maranhense, e sua existência na cultura regional.

Essa mescla cultural se expressa no Patrimônio Cultural da cidade, não apenas no patrimônio “oficial”, na cultura legitimada dos grupos dominantes, mas a partir das experiências múltiplas da imaterialidade constituída, na identidade local e coletiva, e de seus lugares de memória.

A cidade de São Bernardo não possui bens materiais e imateriais, saberes, criações e práticas oficialmente reconhecidos pelo Ministério da Cultura como patrimônio histórico cultural, por Secretaria Estadual e Municipal. Mesmo assim, tal situação não impede de conferirmos compreensão sobre o patrimônio cultural local nas referências culturais de determinados grupos sociais da cidade.

Podemos perceber, na cidade e nos povoados do município, aspectos e valores das experiências de grupos sociais que não aparecem na narrativa “oficial” da cidade: são técnicas, fazeres e saberes de homens e mulheres que se relacionam com a natureza, na construção de embarcações, artefatos domésticos, pesca artesanal, trato com a terra e artesanato herdados pela população ao longo do tempo, práticas de uma imaterialidade cultural singular no município (ver Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Artesanato local, cesto de palha



Fonte: Acervo do autor.

Figura 6 – Cesto de palha



Fonte: Acervo do autor.

Neste sentido, a cidade apresenta elementos de natureza material e imaterial (FUNARI; PELEGRINI, 2009), de populações marcadas pela permanência de modos de vida, saberes e fazeres, tradições culturais e a oralidade, como lendas, danças e rezas, que interligam vínculos dos indivíduos uns com os outros e com seus ancestrais. Acreditamos que o ensino de História deva promover a apropriação desses conhecimentos sobre os processos de formação dos espaços públicos da cidade, sobre os grupos sociais e suas tradições culturais, mostrando a importância que o patrimônio local tem no passado, no presente e, conseqüentemente, não apenas o belo, o grandioso, o heroico (TEIXEIRA, 2008), mas nas práticas culturais e históricas de cidadãos comuns, em seus espaços de vivências.

Buscamos, nesta pesquisa, desenvolver uma prática de ensino de História em espaços dentro e fora da escola, ao propormos visitas e a realização de entrevistas com moradores da cidade, aproximando os estudantes da cultura local, despertando o sentimento de pertença ao lugar no qual se vive. Cabe, então, valorizar as tradições orais, marcas de uma imaterialidade que os sujeitos se tornam “guardiões da memória”, de uma tradição oral secular sobre as experiências e as histórias de pessoas da comunidade. É a partir desse lugar de escuta que buscamos entender o passado da Balaiada, nas vozes desses sujeitos em diferentes espaços da cidade, no tempo presente, favorecendo a construção de uma identidade sobre a Balaiada.

Por isso mesmo, a presente pesquisa iniciou-se apresentando a historicidade da cidade, na tentativa de compreendermos o esquecimento da Balaiada na memória social e nas narrativas “oficiais” históricas que circulam na comunidade, percebendo as disputas de memórias e suas permanências no tempo presente.

Entendemos que a Balaiada não recebeu ainda o reconhecimento social, político e cultural no tempo presente, na valorização do patrimônio material e imaterial, nas memórias e tradições culturais do movimento social nas localidades que foram espaços de resistências dos populares que protagonizaram o conflito. Atualmente, nas cidades do Baixo Parnaíba, não há homenagens aos seus líderes, nome de ruas, em forma de monumentos e avenidas, os poderes públicos municipais não realizam ações de valorização dessa memória, no sentido de uma reavaliação oficial.

1.2 O ensino de história no Centro de Ensino Débora Correia Lima (CEDCL)

Com base na problemática das ausências e silêncios da Balaiada no ensino de História e na cidade de São Bernardo, propomos desenvolver uma atividade com os estudantes dentro e fora da escola, dando sentido e significado ao passado da Balaiada, para além do conteúdo ensinado, em diálogo com a comunidade no tempo presente, com os sujeitos históricos, reconhecendo neles quais versões eles guardam sobre a Balaiada, entre memórias, lugares e esquecimentos, em São Bernardo e região.

É precisamente desse ângulo que analisamos o contexto histórico, social e a organização pedagógica da escola, o Centro de Ensino Déborah Correia Lima (CEDCL), onde esta pesquisa se vincula à prática de ensino de História. A escola surgiu ainda na década de 1970, com o nome de “Ginásio Bandeirante”, que mesmo diante das dificuldades, busca atender à demanda por serviços educacionais na cidade (ver Figura 7).

Figura 7 – Ginásio Bandeirante, década de 1990



Fonte: PPP da escola.

Desde o início, oferecia ensino fundamental maior do 6^a ao 9^a ano; a partir de 2002, devido ao aumento populacional, foi implantado o ensino médio, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola (2017). Atualmente, a proposta pedagógica de ensino pauta-se pela “preocupação e o compromisso dos educadores com a melhoria do ensino para responder às necessidades sociais e históricas, que caracterizam a sociedade e as especificidades da comunidade local” (PPP, 2017, p. 3).

Figura 8 – Centro de Ensino Déborah Correia Lima (2019)



Fonte: PPP da escola.

Atualmente, o CEDCL é a maior escola de ensino médio da cidade, sob o critério quantidade de alunos, com aproximadamente 489 (quatrocentos e oitenta e

nove) estudantes (2019), atendidos em três turnos, e 40 professores (Ver Figura 8). A escola possui “9 salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, auditório e pátio para recreação dos alunos.” (PPP, 2017, p. 4). A maioria das salas de aulas já possui climatizadores, e recentemente a escola passou por uma reforma que melhorou o ambiente e deu maior acessibilidade aos estudantes.

O Projeto Político Pedagógico da escola informa que a maioria das famílias dos estudantes que lá estudam sobrevive com “baixos rendimentos”, com famílias que trabalham no funcionalismo público, comércio, agricultura familiar e serviços autônomos. Sobre a renda socioeconômica da maioria das famílias, “muitos contam com ajuda do governo federal, a exemplo do programa Bolsa Família”, dentre outros benefícios (PPP, 2017, p. 16).

O CEDCL recebe um público de alunos da zona urbana, e, também, da zona rural, sendo que esses dependem do transporte do município para locomoção à escola. Há dois anexos que funcionam em povoados dentro do município: Mamorana e Coqueiro.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, o CEDCL se apresenta como uma escola preocupada com um ensino voltado “às necessidades sociais e históricas”, objetivo a ser alcançado para a “preparação dos seus alunos para prosseguirem seus estudos na universidade”; além disso, o PPP apresenta os objetivos da interação entre “conteúdo, vivência – prática, mercado de trabalho” (PPP, 2017, p. 2).

Há uma preocupação, ainda no PPP, sobre a atuação do ensino para as mudanças da sociedade, o currículo da escola apresenta-se mediante os princípios de “autonomia, responsabilidade, solidariedade e respeito ao bem comum” essas atribuições devem se relacionar as atividades na escola (PPP, 2017, p. 2).

Sobre o currículo, segundo o Projeto Político Pedagógico, o CEDCL, apresenta-se mediante a ideia de “currículo significativo”, na abordagem centrada efetivamente no aluno, no conteúdo e na realidade social da escola. Ainda, segundo o PPP, o “currículo deve então contemplar a vida sócio-político-cultural da sociedade e suas transformações, demonstrando uma prática que revele os compromissos com o sujeito, a sociedade, história e a cultura” (PPP, 2017, p. 5). No que tange ao ensino médio, afirma seguir a “proposta curricular pela Secretaria de Educação do Maranhão” (*Ibidem*), que se configura através do plano MAIS IDEB (Programa de Fortalecimento do Ensino Médio).

O MAIS IDEB é o plano do governo maranhense, pensado para elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), no estado. Para isso, realizam, nas escolas públicas de ensino médio e nos Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA), provas-simulados, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. O plano visa alavancar a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações que são ofertadas em quatro etapas nas escolas.

As Unidades Regionais de Educação (UREs), que ficam em cada região do Estado (para essa escola, região Baixo Parnaíba Maranhense, unidade de Chapadinha), promovem, durante todo o ano, formação para os professores de Matemática e Língua Portuguesa, bem como para os membros da direção e coordenadores escolares pelo Plano. Esses encontros contemplam a apresentação das estratégias, reflexão e análise pedagógica dos simulados por cada escola nos anos anteriores. Além da formação específica de cada área: português e matemática, e suas abordagens no conteúdo ensinado em sala de aula, o plano ainda contempla as outras disciplinas do currículo escolar.

Os simulados são aplicados na escola, em três momentos do decorrer do ano, contemplando as três etapas do Ensino Médio. O caderno de prova é composto por 40 questões de múltipla escolha, divididas em 2 blocos, sendo 2 de Língua Portuguesa e 2 de matemática, com 10 questões cada bloco.

Atualmente, a escola organiza sua rotina bimestral, considerando as especificidades do ENEM e o cronograma do simulado do Plano Mais IDEB. Por conta do plano, a escola tem promovido aulas especiais no contraturno, aulas nos finais de semana e durante o período de férias. Segundo o PPP: “durante o ano serão realizados 3 simulados propostos pelo Plano MAIS IDEB, aplicados em todas as séries do ensino médio regular e EJA” (PPP, 2017, p. 11).

Embora represente o esforço do sistema educacional do estado para elevar a qualidade de ensino, focando nos conteúdos e no acompanhamento detalhado de cada escola, mediante os simulados, essas orientações têm tido impacto durante o ano inteiro na rotina da escola, com aulas de reforço no contraturno, finais de semana, entre outras atividades, afetando até mesmo outras disciplinas, como História, que diante do preparo dos estudantes para o ENEM, outras abordagens ficam de fora das aulas.

O ensino de história na escola enfrenta desafios, com um currículo com extensos referenciais a serem cumpridos durante o ano, com uma carga horária mínima. Os conteúdos se dividem por bimestres, assim, nós temos duas opções: ou trabalhamos de forma muito rápida os conteúdos para cumprir o que está sendo proposto, ou buscamos selecionar e aprofundar apenas alguns conteúdos, deixando de cumprir com o restante do referencial.

Deste modo, pela demanda de cumprir os conteúdos para o ENEM, a escola se encontra nesse dilema, entre os exames do Plano MAIS IDEB e o preparatório dos estudantes para o Enem. Enquanto isso, a disciplina de História e as demais disciplinas de Ciências Humanas também seguem a lógica de conteúdos e a rotina de simulados elaborados pela própria escola, com as orientações de cada “caderno do MAIS IDEB” por disciplina.

O Caderno de Orientação Curricular do Plano Mais IDEB é composto por duas partes: textos introdutórios e textos específicos. Os textos introdutórios reforçam as características do plano, as estratégias de fortalecimento do ensino médio, organização da ação pedagógica e reflexão da avaliação no ensino médio. Já os textos específicos, direcionam as discussões do plano em cada componente curricular, nas competências da área e objetivos gerais.

No caderno de História, a disciplina, teoricamente, pauta-se por meio de uma perspectiva humanística e crítica, em que há a possibilidade de interpretar o mundo, os grupos sociais, locais e regionais, como objetivos que as escolas da rede pública precisam assumir, mediante as aulas. Assim, o ensino de História aproxima-se, teoricamente, das relações de sociabilidades dos alunos, o estudo dos lugares e memórias das comunidades na qual estão inseridos (PPP, 2017).

De fato, o ideário do plano se coloca como fomentadores de criatividade e alinhamento por parte dos professores, fazendo o uso do conhecimento teórico para atribuir sentido ao que será ensinado, aproximando os saberes e a realidade histórica desses sujeitos presentes na sala de aula

O que se observa na prática, na sala de aula, no convívio com os colegas docentes e alunos, mediante a disciplina de História, é um alinhamento voltado à exposição de conteúdos seguindo a matriz curricular do Ensino Médio, contemplando os eventos de maneira linear, com narrativa global, nacional e minimamente regional. Situação que se intensifica, quando se leva em consideração o Exame Nacional do Ensino Médio, que, por um lado, condiciona o alunado a estudar a disciplina com o

objetivo de alcançar nota suficiente de aprovação. Contudo, a escola acompanha a prática docente pelos planos de aula, formação e alinhamento dos conteúdos, que devem seguir o caderno de orientações curriculares do Plano MAIS IDEB por disciplina.

Delimitamos apenas a proposta curricular do 3º ano, uma vez que a pesquisa se vincula à prática do ensino de História nessa turma, no CEDCL. A proposta curricular do caderno MAIS IDEB para o 3º ano do ensino médio apresenta um formato a partir de eixos temáticos, que são seis: “Sociedade e relações de trabalho”; “Intervenção no mundo natural e social”; “Sociedade e relações de trabalho e poder”; “Estado e relações de poder”; “Razão e liberdade”; “História, memória e identidade”. Para cada bimestre, aos conteúdos considerados “básicos-mínimos” relacionam-se os objetivos e aprendizagem do caderno de História, referência das aulas de História, nos quais consistem nos seguintes objetivos:

- Perceber as relações existentes entre fatos históricos e interferência humana nos acontecimentos;
- Estimular nos estudantes a autopercepção de sujeitos históricos, cientes que suas atitudes interferem na realidade;
- Possibilitar a (re) significação da sociedade a partir da análise crítica das experiências históricas;
- Identificar relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e outros povos;
- Perceber diferenças e semelhanças, conflitos/contradições e solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades;
- Comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma analítica e crítica frente ao presente e buscar as relações possíveis com o passado (CADERNO DE HISTÓRIA, 2017, p. 41-42).

Nesse caderno de História, observando os conteúdos elencados, a proposta apresenta episódios ocorridos na Europa, com eventos que se desenvolvem cronologicamente, mesclando outras partes do mundo, a exemplo do Brasil e África, ao longo do século XX até os dias atuais. Há, portanto, em sua característica básica, uma abordagem ainda predominante dos eventos históricos ocorridos na Europa, envolvendo aspectos políticos, culturais, econômicos e sociais. Desse modo, é uma sequência de narrativas em que predominam um viés colonialista, na qual as ações partem da Europa para o restante do mundo, limitando-se a apontar a história do Brasil de forma geral e regional minimamente. Com efeito, esse tipo de narrativa acaba por privilegiar temáticas globais do conteúdo, reduzindo a importância do local e do regional no Ensino de História.

Conforme esses eixos, não há espaço na proposta que favoreça um ensino de História que leve em conta o “lugar social” do sujeito. O único eixo que poderia ser feita a abordagem com as vivências dos estudantes, o sobre “memória e identidade”, apresenta-se em uma relação com os eventos contemporâneos de forma global e abrangente (O Maranhão contemporâneo), desvinculado dos espaços públicos, das vivências e sentidos com a realidade dos alunos e alunas.

A demanda do currículo formal da escola, considerando a proposta do caderno MAIS IDEB da disciplina de História, é dar conta de determinados processos históricos mais amplos, em uma visão global dos eventos históricos. Segundo Cerri (1999, p. 143-144), esse tipo de currículo, com aspectos mais tradicionais, resume-se no ensino de “uma história estática, linear e cronológica, sucessão arbitrária e obrigatória de eventos e nomes, com pouco ou nenhum sentido para a vida ou formação intelectual” do estudante.

Em nossa sala de aula, a disciplina atende ao currículo formal, e essa preocupação em cumprir os conteúdos coloca em esquecimento outros assuntos importantes do ponto de vista cultural e social dos estudantes, como no caso da Balaiada, que foi um evento histórico representativo da cultura maranhense e que ainda não recebe a devida atenção no ensino de História na disciplina, na sala de aula.

Apesar de considerar a experiência vivida e o protagonismo dos estudantes, o que se observa na sala de aula é um currículo formal que aparece nas aulas preso a conteúdos e fixado em versões consolidadas, sem espaço para um debate amplo sobre processos históricos próximos da realidade dos estudantes, em uma perspectiva de alteridade e reconhecimento da diferença, na

elaboração de uma perspectiva do passado que considere o que não aconteceu, os projetos dos vencidos, uma história das ideias de mundo, para que não se ensine e não se aprenda que o presente, tal como o conhecemos, era a única possibilidade” (CERRI, 2011, p. 124-125).

Frente a esse problema complexo, a escola se encontra em uma região que, no passado, foi palco de processos históricos da guerra da Balaiada, conforme descrevemos na caracterização histórica e social da cidade e região. A ausência dessa discussão na sala de aula, em uma perspectiva histórica e cultural, ou até

mesmo no ensino de História com o patrimônio local, com as memórias e as identidades.

É um problema, não apenas da escola, mas da própria comunidade, que mediante as transformações do progresso, das mudanças que acontecem na vida social da cidade, as memórias da Balaiada caíram no esquecimento, conforme as representações de um passado “oficial” que se consolidou nas narrativas da cidade.

Já na sala de aula, a temática da Balaiada aparece minimamente, quando algum professor apresenta, de maneira simplória e resumidamente, no contexto das revoltas regenciais, pois não há material adequado para o ensino-aprendizagem da temática, com novas interpretações do movimento social. Nos eventos culturais ao longo do ano, que acontecem na escola, a temática não aparece; não há comemorações, exposições, pesquisas com mediação dos professores com a temática da Balaiada na sala de aula. Não há uma abordagem voltada para perceber, na localidade e região, as marcas do movimento, no patrimônio local em uma perspectiva cultural (PROENÇA, 1990).

A realidade de São Bernardo, por ausência de tombamento de bens materiais e imateriais, não permite um trabalho de educação patrimonial em locais oficialmente reconhecidos como patrimônio cultural. Mesmo assim, é possível, no ensino de História, problematizar o patrimônio local não-oficial, no qual as pessoas guardam uma tradição oral capaz de dar significado a tudo que desperta o interesse da comunidade como algo que lhe pertence, que evidencia suas singularidades.

Apesar da falta de vínculos com o passado da Balaiada no tempo presente da cidade, é possível perceber, entre os moradores mais antigos, uma tradição oral, preservada e reproduzida, que dá conta de episódios da guerra em toda a região. São representações do passado vivo no tempo presente, que ao longo de gerações são transmitidas, assim como os lugares de memórias (NORA, 1993) que esses sujeitos informam existir. É a partir dessas questões que percebemos a Balaiada como um patrimônio cultural, pois segundo Teixeira (2008), o patrimônio não deve ser reconhecido apenas em elementos do passado, mas no próprio presente. É através dessas memórias, no cotidiano da comunidade e nos aspectos mais simples, que procuramos ressignificar a disciplina de História na sala de aula, com a temática da Balaiada, afastando o esquecimento e problematizando as versões para a constituição de representações sobre o passado, as quais compõem o imaginário social da Balaiada na cidade e na região.

Nesta pesquisa, percebemos uma “fratura” da memória da Balaiada tanto na sala de aula, no ensino de História, quanto na cidade de São Bernardo. Daí, portanto, buscamos problematizar e reconhecer nas experiências pessoais e coletivas com os estudantes em seu espaço de sociabilidades o reconhecimento desse passado, que perdura nas memórias dos sujeitos históricos que compõem a cidade de São Bernardo. Portanto, cabe à escola promover atividades de conscientização e reconhecimento com a causa do patrimônio local. A partir dessa perspectiva, os alunos irão perceber que a História é feita no cotidiano, por cidadãos comuns, em seus espaços de vivências. Com isso, propõe-se, nesta pesquisa, dentro e fora da escola, buscar no passado, nas pessoas, formas de valorização e ressignificação, no tempo presente, da memória da Balaiada, através de visitas à comunidade, e a realização de entrevistas com os moradores da cidade.

A opção por focalizar essas ausências e silenciamentos, tanto dentro da escola, pesquisa-campo, com a dificuldade de material adequado que apresente a Balaiada a partir do passado de resistência negra, evidenciando, portanto, silenciamento para além da sala de aula, como na própria comunidade, nos discursos e narrativas que omitem a Balaiada como uma presença negra na região de São Bernardo.

Neste sentido, no próximo capítulo apresentamos a importância da memória no ensino de História e a apropriação de metodologias usadas para valorizar e reconhecer o passado vivo da Balaiada, por meio das tradições orais, entre esquecimento e histórias de pessoas da comunidade e os lugares de memória.

Tanto os moradores quanto os estudantes são os atores e sujeitos no processo dessa proposta didática, cujas histórias e memórias não seriam ouvidas e compartilhadas sem uma estratégia de ensino que se voltasse para a localidade.

2 A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A PROPOSTA DIDÁTICA DE HISTÓRIA

Neste capítulo, o objetivo é apresentar a trajetória metodológica desenvolvida na construção do produto didático, por meio de aulas-oficinas dentro e fora da escola CEDCL, aproximando estudantes e moradores da cidade. Dialogamos com a História Oral (SANTHIAGO, 2015; FREITAS, 2002), aplicada no roteiro de entrevistas que fez parte do produto didático, que contou com as narrativas e o protagonismo dos estudantes como sujeitos históricos em seus espaços de vivências sociais.

Nesse sentido, as ferramentas da História Oral, tais como entrevistas, gravações e registros de depoimentos, torna-se, nesta pesquisa, de fundamental importância no processo de ensino de História, capaz de produzir sentidos a partir do contato com o lugar de memória e com os sujeitos históricos da pesquisa. Utilizamos dessa metodologia da História Oral para envolver os estudantes no registro das entrevistas, nos encontros, na percepção de produção audiovisual na qual esta pesquisa se apresenta.

Ao usarmos deste instrumento, temos que ter uma série de cuidados e precauções para que a História Oral possa ser bem aplicada à pesquisa. Neste sentido, usamos a técnica para registro da história, da memória e lembranças da comunidade.

Sobre a metodologia de pesquisa-ação, pauta-se em uma concepção participante e engajada (ENGEL, 2000), considerando a valorização dos sujeitos do processo histórico entre o passado e o presente, na construção coletiva e no protagonismo dos estudantes como atores, e não como agentes passivos da educação. Segundo Michel Thiollent (2007), a pesquisa-ação, como metodologia, proporciona aos grupos sociais e ao pesquisador formas de enfrentamentos de situações problemáticas pelo grupo, no caso dessa pesquisa, o problema são os silenciamentos e ausências de reconhecimento da Balaiada, com as representações e sentidos do passado da cidade e na escola; portanto, cabe a construção de soluções de forma cooperativa e participativa, situando os sujeitos sociais. Segundo o autor, “outra qualidade da pesquisa-ação consiste no fato de que as populações não são consideradas como ignorantes e desinteressadas.” (THIOLLENT, 2007, p. 23).

Portanto, esta pesquisa-ação, desenvolvida de forma coletiva, tem por objetivo relacionar uma proposta de ensino de História no espaço da cidade, aproximando os

alunos e alunas com os sujeitos sociais; além disso, esses alunos (as) tiveram espaços para perguntar, sugerir, arguir e propor maneiras de participação na proposta didática. Nesse contexto, a pesquisa teve um caráter de entendimento da escola como espaço de conhecimento, mas não a única detentora desse.

Já nas aulas-oficinas, segundo a perspectiva apresentada por Isabel Barca (2004), realizamos o levantamento dos conhecimentos prévios das representações dos estudantes sobre a Balaiada, conhecimentos que misturam experiências sociais e de ensino. Os conhecimentos prévios, as representações dos alunos deram novos significados a partir da problematização de fontes históricas da Balaiada em dimensões sociais da oralidade, sendo uma estratégia utilizada na aula-oficina, para sensibilizar e gerar empatia nos estudantes nas etapas de entrevista e produção do documentário, nosso produto didático da pesquisa.

Como objetivo específico, as aulas-oficinas visam reconhecendo as percepções dos estudantes sobre a Balaiada, análises de fontes, protagonismo dos estudantes com a produção de entrevistas, manejo de equipamentos audiovisuais na construção do produto didático, com narrativas que problematizam os lugares, as memórias e os esquecimentos. Sendo, portanto, uma proposta didática complexa em diálogo com a História oral, a metodologia de aulas-oficinas e a pesquisa-ação, que se apresenta na conexão entre escola, comunidade e oralidade dos sujeitos protagonistas das histórias narradas.

2.1 História oral e pesquisa-ação na sala de aula

O trabalho pedagógico com as tradições orais tem se tornado rico de possibilidades entre os professores de História em sala de aula. Há educadores que utilizam diferentes ações didáticas, como entrevistas para despertar os alunos para determinados conteúdos. Essas intervenções contribuem significativamente para o entendimento da História ensinada num contexto social mais amplo, além da sala de aula, contribuindo na construção de projetos culturais e comunitários, os quais despertem nos estudantes o valor e especificidades das histórias narradas, das memórias, da oralidade e, sobretudo, da alteridade.

Essas práticas da História oral na sala de aula contribuem com os vínculos dos alunos com a comunidade, sendo a metodologia usada tanto para o registro de narrativas de memórias quanto para o resultado, isto é, como a apresentação de

práticas educacionais: seminários, exposições, produções audiovisuais etc., que reforçam a História Oral entre pessoas, gerações, comunidades e o meio escolar (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015).

Neste sentido, o uso da História oral como possibilidade de pesquisa com testemunhos, dentro e fora da sala de aula, tem crescido nos últimos anos, reconstruindo histórias de vida e dando diversas representações do passado recente dos lugares. Segundo Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães (2002, p. 32):

O uso da história oral em sala de aula pode ser feito por educadores preocupados em fazer com que a história da comunidade, sua memória, suas lembranças, estejam conectadas de forma mais ampla ao cotidiano da escola e às atividades escolares.

O que se pode perceber é que a metodologia da História Oral abre novas possibilidades para o entendimento de questões na sala de aula, a partir de pontos de vistas sobre uma mesma História. A diversidade de versões do passado-presente elucida e funciona na prática educativa, entre alunos, professores e a comunidade, e isso pode ser percebido em pesquisas com procedimentos da História Oral (FREITAS, 2002; SANTIAGO; MAGALHÃES, 2015). Assim, o uso da metodologia da História Oral em sala de aula ajuda o alunado a se aproximar da História, vista, muitas vezes, afastada da realidade social, como algo apartado do mundo de experiências e expectativas vivido cotidianamente.

Diante desse desafio, de conhecimento da realidade histórica e sociocultural dos alunos, essa experiência de atividade com a História oral aliada ao ensino de História permite envolver o alunado no reconhecimento da realidade local, que oportuniza o estudo do cotidiano da comunidade, pois se torna evidente que o ensino de História a partir dos conteúdos ensinados deixa lacunas importantes na aprendizagem histórica, sem contemplar as experiências mais democráticas e abrangentes, como as identidades culturais dos alunos e suas formas de entender a sua realidade social como sujeitos históricos.

Diante dessa realidade, utilizamos a metodologia da História oral como ferramenta na prática que desenvolvemos para a proposta didática na sala de aula da escola. Por se tratar dos lugares de memórias e de uma tradição oral da Balaiada, buscamos compreender esses lugares e os rastros dessa guerra em São Bernardo, favorecendo assim a construção da identidade social dos alunos para além da sala de aula, em um diálogo com os espaços públicos e os sujeitos sociais da comunidade.

A cidade faz parte da “rota dos balaios” na região maranhense que serviu de palco dos eventos histórico da guerra da Balaiada, conforme os registros do “Fórum Balaiada⁹”. Nas comunidades (Currais, São Raimundo) de São Bernardo, os moradores guardam memórias e apontam os lugares do conflito, a partir de relatos e lendas, que vão sendo transmitidos por gerações ao longo do tempo. São tradições orais dos sujeitos que outrora foram esquecidas, uma vez que as representações do passado de um grupo prevaleceram nas narrativas sobre a História da cidade, silenciando as representações do passado da Balaiada na tradição oral, que não recebe uma abordagem dentro da escola, mas que a partir dessa experiência e dos relatos dos alunos sobre esse passado em específico, buscamos refletir e construir narrativas históricas de vida e as memórias de pessoas que guardam vestígios dessa resistência no tempo presente.

Utilizamos da pesquisa-ação e do diálogo com a História Oral como metodologia, além do conceito de aula-oficina na primeira etapa dentro da escola, ouvindo os alunos e analisando fontes históricas. Em dois movimentos, a proposta didática dialoga com a escola e com a comunidade: nos encontros com os moradores na realização das entrevistas e nas gravações e na construção da experiência didático-pedagógica, o documentário.

A pesquisa-ação foi usada neste trabalho pela possibilidade de aproximar os alunos da realidade da comunidade, estabelecendo assim o contato com as memórias de moradores mais antigos sobre os vestígios materiais do passado da Balaiada na região. Segundo Guido Irinei Engel (2000, p. 182), “a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática”. Ou seja, procuramos, neste trabalho, a partir da prática escolar, incentivar a pesquisa – reflexão com vivências dentro e fora da escola nos espaços públicos, onde os estudantes foram instrumentalizados a lidar com fontes orais em espaços não-formais de aprendizagem, a exemplo das vivências sociais da comunidade, suas representações culturais nos lugares em que vivem.

A pesquisa-ação se desenvolveu na escola e nos espaços da comunidade através da experiência de oficinas com os alunos, possibilitando a sensibilidade e

⁹ O Fórum Balaiada surgiu a partir do Projeto Balaiada, articulado por Jânio Rocha, professor da rede pública da cidade de Chapadinha – MA. O Fórum tenta reabilitar a Balaiada, a promoção do turismo histórico e eventos culturais voltado à história do movimento, especialmente a Semana da Balaiada, tendo o dia 13 de dezembro, marco do início do movimento segundo a historiografia regional da Balaiada.

aproximação com o interesse coletivo da proposta didática. Propiciou, ainda, o engajamento dos estudantes na produção do roteiro de entrevistas com os indivíduos e suas memórias acerca de suas experiências e dos acontecimentos sociais dos quais não participaram, no entanto, guardam vestígios de relatos das gerações, que dão conta dos processos de resistência nos espaços de São Bernardo.

Segundo Sônia Maria de Freitas (2002, p. 61), “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social [...] com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo”, ou seja, as representações que se compartilha socialmente e que dão sustentação no interior do grupo do qual se faz parte.

Os estudantes, apesar dos poucos vínculos com o passado da comunidade, e até mesmo da ausência de valorização do passado dessa guerra no tempo presente, na história da cidade, puderam entrar em uma zona de contato com a subjetividade dos diálogos com os sujeitos de idade avançada, conhecer outras percepções e lembranças que sobrevivem nos relatos, mesmo com as transformações, porque o tempo se transforma e essas memórias constituem uma base importante de discussão, concebida dentro e fora da escola, com os estudantes na construção de suas identidades com a localidade.

A partir da experiência docente em sala de aula, um grupo de alunos foi reunido, a fim de desenvolver as ações da proposta didática, sendo então “uma maneira de fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta” (ENGEL, 2000, p.182), ou seja, a nossa própria prática docente, a sala de aula, foi o local que encontramos para iniciar as primeiras etapas da pesquisa, com a participação dos estudantes e dos moradores da cidade e das comunidades rurais do município de São Bernardo.

Foi necessário criar estratégias de sensibilização e conhecimento sobre a importância das memórias da Balaiada, para além do conteúdo ensinado, as identidades, os saberes e a cultura local, assuntos que, em grande parte, no cotidiano das aulas, quase não se tem momentos para se discutir sua importância detalhadamente, uma vez que o currículo obrigatório possibilita minimamente essa abordagem. Nesta pesquisa, as experiências de fabricação do produto didático fizeram toda a diferença, tanto no processo de ensino e aprendizagem, quanto na abordagem histórica e social da Balaiada, que pode ser ensinada e aprendida de

outras maneiras, a partir das representações e dos lugares de memória da própria comunidade.

Para alcançar os objetivos, a pesquisa pautou-se em explorar as diferentes representações do passado do município, através de ações didáticas que ocorreram na perspectiva da pesquisa-ação, dentro e fora da escola, com um grupo de alunos (as) do Ensino Médio, em duas salas de 3ª ano, matutinas. Assim, elaboramos atividades de exploração da história, memória e identidade local a partir dos lugares reconhecidos “lugares de memória” da Balaiada no município e região.

Nesse contexto, listamos, no Quadro 1 explicativo, a sequência das ações didáticas desenvolvidas na escola e nos espaços da cidade com o protagonismo dos estudantes.

Quadro 1 – Ações - Elaboração do documentário

Ações didáticas	Metodologia de trabalho	Objetivos
Roda de conversa	Aula-Oficina	Perceber a consciência histórica dos estudantes a partir da problematização da Balaiada no ensino de História, na análise de fontes documentais e discussões sobre a percepção do aluno sobre a Balaiada.
Elaboração de questionário	História Oral	Desenvolver a capacidade técnica dos estudantes na elaboração de questionários e aplicá-lo na proposta didática.
Entrevistas / Diário de campo / Minutagem.	Pesquisa-ação, Aula-Oficina	Perceber nas narrativas os rastros e evidências sobre as representações do passado da comunidade, evidenciando os eventos de resistência negra sobre a Balaiada na subjetividade dos testemunhos.
Edição / Construção de roteiro do Documentário.	História Oral, História Pública	Elaborar uma sequência fílmica, com roteiro próprio, seguindo a divisão fílmica de um documentário, com efeitos visuais, legendas, imagens em movimento.

Fonte: Construído pelo autor com base na sequência didática.

Por lidar com sujeitos vivos e fontes materiais e imateriais, os estudantes que participaram da pesquisa foram instrumentalizados a lidar com as fontes orais, produzidas por meio da relação de entrevistas filmadas e o uso de um diário de campo, na tentativa de entender os processos de resistência da guerra da Balaiada, que ainda perduram em memórias e lugares mencionados pelos sujeitos entrevistados. Todas

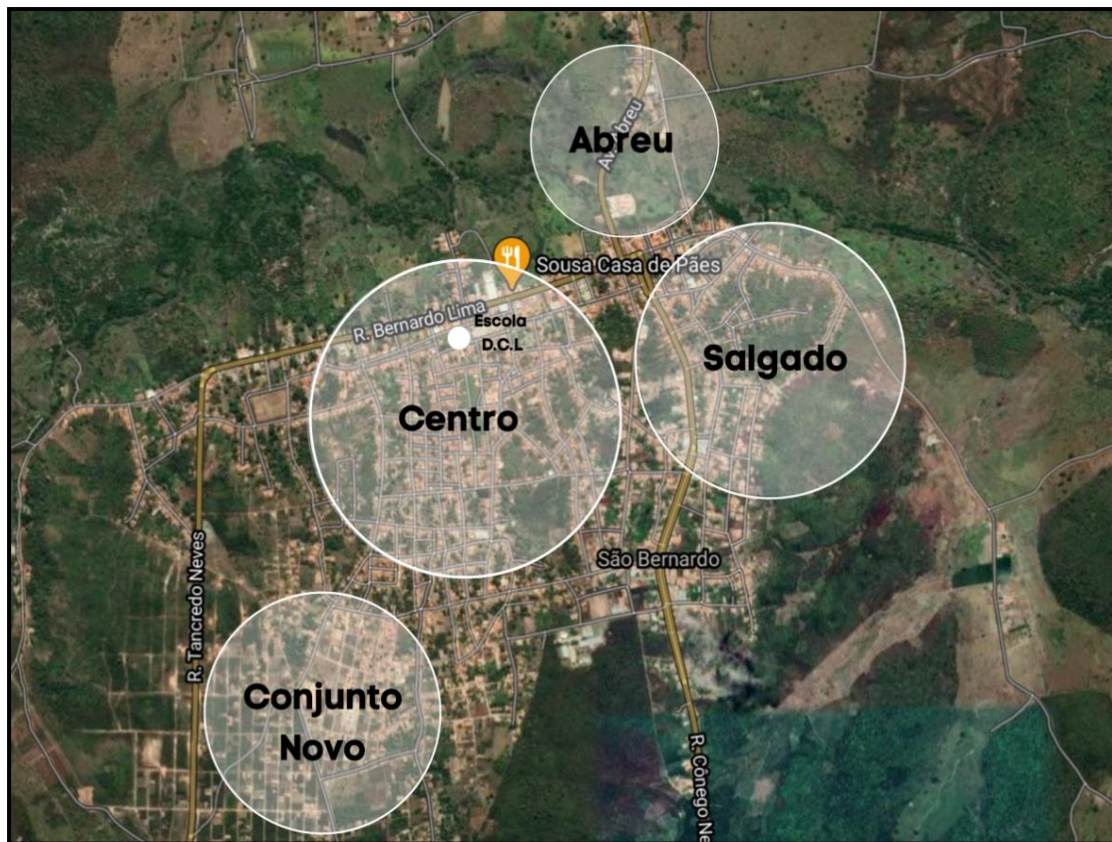
essas informações constituíram o documentário, com roteiro criado a partir dessas memórias registradas por meio das entrevistas, assim como das anotações que surgiram dos encontros com os moradores.

A partir de meados de maio de 2019, apresentamos a ideia da proposta didática para as 2 (duas) turmas de terceiro ano do ensino médio; explicamos os detalhes do trabalho da pesquisa-ação com a metodologia da História Oral, bem como a importância, dentro e fora da escola, das ações com a História e memória do município, em que a pesquisa teve como objetivo registrar esses testemunhos advindos da memória coletiva. Também apresentamos informações do mestrado profissional, contexto ao qual a pesquisa se vincula, mostramos a ideia do produto didático, que seria um documentário com as narrativas dos alunos e dos moradores, produzido coletivamente, e fizemos o convite para o engajamento deles (as) na elaboração e realização das etapas.

Explicamos, ainda, que pela complexidade da pesquisa, com atividades que seriam realizadas dentro e fora da escola, nos finais de semana, no contraturno das aulas, algumas atividades não contemplavam a participação de todas as turmas, sendo necessária uma seleção dos alunos em primeiro momento, a qual se levou em consideração a disponibilidade e o engajamento de cada um.

Selecionamos duas turmas de 3º ano, A e B matutinos, para realizar as ações da pesquisa, sendo que somente alguns alunos das duas turmas iriam participar. A turma do 3º Ano A é composta por um total de trinta e dois alunos matriculados, sendo dezenove (19) meninos e treze (13) meninas. Na turma de alunos do 3º ano B, apuramos que são trinta e um alunos, dezessete (17) meninos e quatorze (14) meninas. Boa parte dos alunos mora em quatro bairros da cidade: Centro, Salgado, Abreu e Conjunto Novo (Ver Figura 9).

Figura 9 – Mapa da cidade de São Bernardo cujos bairros possuem alunos matriculados no CEDCL.



Fonte: Acervo do autor.

Há também a presença de alunos da zona rural, comunidades: Baixa Grande, Cajueiro, Pedrinhas; sendo, portanto, um público bastante diversificado de alunos que a escola atende durante todo o ano letivo.

Os alunos com família na zona rural do município relataram que realizam seus estudos na cidade, convivendo em casas de parentes; já outros vão e vêm no transporte escolar todos os dias. Perguntamos se eles realizavam atividades de trabalho, no que alguns confirmaram que ajudam os pais na lavoura e na pesca nos rios e lagoas da região, além de realizarem trabalho doméstico. Já os alunos da cidade disseram que também ajudam os pais em atividades domésticas, no contraturno, e serviços no comércio local.

Essas questões socioeconômicas foram sendo conhecidas a partir dos diálogos em sala, ouvindo cada um e anotando, como forma de delinear um perfil das duas turmas. Percebemos uma grande preocupação deles para concluir o ensino médio e conseguir um emprego fora da cidade, em outros Estados. Em algumas falas eles

chegam a dizer que a cidade não oferece o emprego desejado: - “Não há emprego de qualidade aqui”, por conta disso, desejam sair do município.

Durante as aulas, esses momentos de diálogos entre professor e aluno nos ajudaram a estabelecer o reconhecimento das realidades locais, assim como o comprometimento deles na realização da proposta didática, na disponibilidade ou não de tempo para participar de todas as etapas. Percebemos que a preocupação da maioria dos alunos, durante as aulas, está direcionada para o ENEM, e, concluir assim o ensino médio e obter uma profissão. O exame acontece no mês de novembro, mas desde o início do ano o currículo da escola é construído na perspectiva dele, com cursinhos no contraturno, aplicação de provas do plano “Mais IDEB” e outras estratégias pedagógicas com o mesmo objetivo, a partir do qual a escola dedica-se totalmente.

Essas questões demandaram um desafio a mais diante da proposta que apresentamos nas duas turmas, em dar prosseguimento à construção de um documentário audiovisual com entrevistas, sendo a participação dos alunos uma prioridade na qual os deixamos à vontade para optar pela participação ou não na proposta.

Apresentamos a proposta e resolvemos distribuir entre eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo detalhamento dos objetivos da pesquisa, da problemática e o direcionamento das ações, com a colaboração e protagonismo deles. Nesse termo, foi inclusa a autorização dos pais para o uso da imagem dos alunos durante as gravações do documentário. Colocamos também, à disposição, os contatos e os dados pessoais do professor-pesquisador em caso de dúvidas e de questionamentos, ao longo do desenvolvimento do produto didático-pedagógico.

Incluímos, ainda, o Cronograma com as ações que ocorreriam dentro e fora da escola, às possíveis datas e ações. Demos um prazo para receber de volta e, assim, poder organizar o grupo de trabalho, explicando que a entrega do Termo estaria oficializando a participação, sendo, assim, uma seleção justa e de livre consentimento dos alunos (as).

Tanto a direção da escola quanto a coordenação pedagógica nos deram o apoio necessário nos preparativos da proposta didática e contribuição administrativa para respaldar todas as etapas que foram realizadas. Nas reuniões pedagógicas ocorrida nos meses de março e abril de 2019, apresentamos a proposta aos colegas

do corpo docente e o cronograma das atividades que seriam desenvolvidas na sala de aula, no decorrer da disciplina. Mesmo que esses docentes não tenham participado diretamente das atividades, consideramos relevante colocar ao conhecimento de todos os funcionários, inclusive uma das professoras, a de Sociologia, ao tomar conhecimento da pesquisa, mencionou “lugares de memória” que deveríamos conhecer acerca da Balaiada, que incluímos, posteriormente, como locais de visita que realizaríamos nos meses de junho, julho, agosto e setembro do mesmo ano.

Por fim, falamos da relevância da pesquisa no ensino de História e que ela forneceria à escola um produto didático contemplando a formação cultural e histórica do município, nos processos de reconhecimento e valorização das narrativas sobre o passado da Balaiada e seus lugares de memória em São Bernardo.

Mesmo que as etapas da construção do produto pudessem contemplar todas as turmas na qual lecionávamos, seria um trabalho dificultoso, principalmente no deslocamento de todos os alunos para realizar as entrevistas com a presença do professor pesquisador, tanto na cidade quanto na zona rural do município. Daí, portanto, o nosso cuidado em organizar a ação pedagógica visando alcançar a todos em etapas diferentes e de forma limitada com as duas turmas de ensino médio.

Ao decorrer das aulas, fomos explicando aos alunos os detalhes da pesquisa e especialmente sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contendo todas as informações das ações que seriam desenvolvidas. Posteriormente, alguns alunos disseram que não tinham interesse em participar da proposta, pois não teriam tempo, alegando motivos diversos, dentre esses, estudar para o ENEM ou ajudar os pais no trabalho. Ouvimos os motivos e consideramos livre a manifestação para que somente permanecesse na pesquisa aqueles que tinham interesse realmente em continuar. Já outros manifestaram a curiosidade no assunto da Balaiada, mantendo assim o interesse em participar da pesquisa. Os termos foram entregues e foi dado o prazo de uma semana, para depois cobrar deles o recebimento do mesmo. Fizemos este trabalho em duas turmas de 3ª ano: as salas A e B.

Com o recebimento do termo, cerca de treze (13) alunos (as) assinaram, juntamente com os pais, organizamos um calendário de encontros no final do mês de maio e início de junho de 2019, fora do horário de aulas, no contraturno, dentro da escola. O calendário contou com aulas-oficinas dentro da escola, com debates, apresentação de imagens, textos, produção de roteiro de entrevistas, ensaios e pré-

seleção dos sujeitos que seriam entrevistados. Além disso, houve uma preocupação com a parte técnica da gravação e o manuseio dos equipamentos audiovisuais.

Nessa etapa, os alunos tiveram espaço para sugerir, perguntar, reconhecer a História da Balaiada, comparar fontes e construir perguntas. Nesse primeiro momento, a escola foi pensada como o espaço de interações que promovem o conhecimento, mas não a única detentora dele. Afinal, a proposta se desenvolveu em outros espaços.

Todos esses momentos foram pensados na perspectiva de colocar o alunado como ator e não como agente passivo de conhecimento histórico. Nesta pesquisa-ação, todas as atividades tiveram o objetivo de construir coletivamente os debates e a valorização das sugestões e construção de conhecimento, considerando os desafios da experiência. O nosso motivo sempre foi a aprendizagem histórica dos alunos (as) na perspectiva de Jorn Rusen (2011), que defende que a aprendizagem histórica pode ser “compreendida como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem.” (RUSEN, 2011, p. 43).

Neste sentido, para o autor, o aprendizado histórico pauta-se mediante a compreensão do processo mental de construção de sentido acerca da experiência do tempo por meio na narrativa histórica. Tais narrativas podem ser observadas como aprendizado quando, “com ela, as competências forem adquiridas através de uma função produtiva do sujeito, com as quais a história será apontada como fator de orientação cultural na vida prática humana”. Para Rusen, “trata-se de uma significativa orientação da vida prática humana relacionada em três dimensões temporais por meio da visualização do passado, resumidamente formulado em outro termo: ‘competência narrativa’” (RUSEN, 2011, p. 34). Nesse sentido, o autor afirma que “a unidade do aprendizado histórico em suas complexas referências a desafios do presente, experiências do passado e expectativas de futuro encontra-se resolvida na estrutura narrativa deste trabalho de interpretação” (2011, p. 43). Podemos compreender que a consciência história é um fenômeno humano, e como tal pode ser estudado, problematizado, ensinado.

Cerri (2011) também retoma essas análises a respeito da formação de uma consciência história. O autor argumenta sobre o caráter crítico que se deve tomar ao formar-se tal consciência, e de como essas memórias coletivas devem ser trabalhadas a fim de ressignificar o passado e, sobretudo, não permitir que erros históricos sejam novamente cometidos. Desta forma, conforme aponta Cerri (2011), a consciência

histórica dá-se por vias racionais, e permite ao indivíduo repensar os significados do passado, ao mesmo tempo em que também permite planejar o futuro, trazendo novos contextos de análise das memórias coletivas, tal como o objetivado com a realização desta pesquisa.

O ensino de história escolar possui, desta forma, um papel significativo na discussão acerca da formação da consciência histórica. A escola não é lugar de criar consciência histórica nos alunos, uma vez que eles já a possuem quando chegam à sala de aula. O que se deve objetivar é que o ensino de história escolar colabore com o processo de aprimoramento da capacidade dos sujeitos de se orientarem no tempo. Desse modo, é importante que se considere a vida prática dos sujeitos, de forma que deem sentido no que aprendem sobre história na sala de aula e utilizem esse conhecimento em suas vidas.

Para Cerri (2011), a função do ensino escolar de história “não é dar algo a quem não tem, não é dar saber ao ignorante, mas gerenciar o fenômeno pela qual saberes históricos são colocados em relação, ampliados, escolhidos, modificados” (CERRI, 2011, p. 69). Nesse contexto, a experiência das rodas, as aulas-oficinas se delineiam para perceber a consciência história de estudantes do ensino médio, referenciando-se em narrativas sobre as representações da Balaiada na cidade onde moram. Optamos pelo modelo de pesquisa-ação para investigar como a consciência histórica desses estudantes se manifesta por meio de narrativas nas aulas oficinas. Seguindo a perspectiva de pesquisa-ação de Michel Thiollent (2007), que a considera:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2007, p. 16).

Segundo Maria V. Costa e Alfredo V. Neto (2002, p. 94), toda pesquisa-ação tem o “caráter participativo da sua produtividade na afirmação de identidades”. Ou seja, conhecer uma História que se permita valorizar os lugares, as memórias do processo de resistência da Balaiada a partir da realidade dos alunos. Desse modo, a proposta de aulas-oficinas serviu para valorizar o processo de construção do sentimento de pertença ao lugar, a consciência história dos alunos (as), as experiências e memórias de pessoas da comunidade, cujas histórias não seriam

ouvidas ou compartilhadas sem uma valorização dessas memórias a partir do ensino que se volte para a localidade.

2.2 Compondo o roteiro

A ideia de produzir um documentário audiovisual com os alunos e os moradores, sendo eles os protagonistas, demandou tempo e organização, dentro e fora do espaço escolar; e a melhor maneira que encontramos para prepará-los ocorreu através de dois encontros de sensibilização e preparo técnico, que denominamos de aulas-oficinas: uma de sensibilização, com debates, leituras sobre a Balaiada; outra com orientações técnicas sobre a construção do documentário que seria proposto. Definimos a segunda oficina com as seguintes ações dentro e fora da escola: roteiro de entrevista, a seleção dos moradores, orientações técnicas de uso do material audiovisual e ensaios pré-entrevista.

Executamos as gravações fora da escola, em diversos ambientes, em contato com os moradores e suas diversas realidades sociais. Neste sentido, a segunda oficina começa na escola e termina fora dela, nos encontros com os moradores da cidade. Ao longo da construção da proposta didática, mesmo mediante os objetivos que foram traçados para a aprendizagem histórica e a consciência histórica, de fato, outros saberes foram surgindo, por meio de outras experiências que foram oportunizadas e contempladas na construção do roteiro, edição e o manuseio de equipamentos audiovisuais. Esses saberes técnicos que foram sendo contemplados ultrapassam o simples desenvolvimento de uma prática dentro de sala de aula, uma vez que possibilitou a construção/edição de audiovisuais, que os(as) estudantes tiveram acesso.

Apesar de todas as dificuldades, o processo demandou esforço coletivo, parceria dentro e fora da escola, preparação, deslocamento dentro da cidade e em comunidades da região. Relatamos todas as etapas, as percepções dos estudantes, as angústias, curiosidades, os medos, as descobertas, as diversas maneiras que o trabalho interpretativo dos lugares, dos sujeitos, no processo de escuta, troca de olhares e registro de cada relato, experiências essas novas, em grande medida, tornaram-se envolventes, desenvolvidas nos espaços de aprendizagem no meio social dos estudantes.

A opção por focalizar a proposta didática para além do espaço escolar demonstrou que é possível desenvolver conhecimento, no ensino de História, em diálogo com a comunidade, com sujeitos sociais e suas representações sobre o passado. É a partir dessa metodologia inovadora de ensino fora da sala de aula, nos diferentes espaços de memória, na cidade e nas comunidades rurais, que os alunos tiveram contato e experiências de aprendizagem significativa – envolvendo a subjetividade dos estudantes com seus conhecimentos prévios sobre a temática da Balaiada e os novos conhecimentos que surgem na experiência no momento da aprendizagem (MOREIRA, 2012).

A proposta de realizar aulas-oficinas antes da construção do documentário se tornou fundamental para o preparo dos estudantes, pois proporcionou o espaço de abertura para ouvi-los, construindo coletivamente a prática didática a qual tínhamos como objetivo. Seria descuido nosso apresentar apenas o documentário como estratégia, sem antes trabalhar entre eles a sensibilização, a escuta das experiências e conhecimentos dos estudantes, pois a “leitura do mundo” sempre precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2004, p. 81). Assim sendo, a proposta didática, mesmo com sua complexidade, ganha maior sentido no esforço coletivo, compreensão, discussão, escuta e tempo.

Desse modo, o conceito de aulas-oficinas trabalhando o conhecimento prévio, o uso de fontes e a ideia de que o conhecimento é construído socialmente, não apenas tendo o professor como alguém que repassa o conteúdo, mas aquele que ajuda a problematizar as diversas experiências do conhecimento histórico dentro da sala de aula, serviu de base para as ações da pesquisa.

Isabel Barca (2004), em sua obra intitulada “Aula oficina: do projeto à avaliação”, identifica três diferentes modelos pedagógicos: aula-conferência, aula-colóquio e aula-oficina. O modelo de “aula-conferência” apresentado por Barca é aquele que:

Baseia-se numa lógica do professor como detentor do verdadeiro conhecimento, cabendo aos alunos – por normas e catalogadas como seres que ‘não sabem nada’ ‘não pensam’ – receber as mensagens e regurgitá-las corretamente em teste escrito. (BARCA, 2004, p. 13).

Já o modelo conceitual de “aula-colóquio” é entendido onde “o saber pode ser problematizado e partilhado, mas a atenção continua a centrar-se na atividade do professor e nos seus materiais de apoio” (2004, p. 15). O último modelo, que nos

interessa nesta proposta didática, é aquele de “Aula-Oficina”, no qual o conhecimento prévio do aluno é levado em consideração pelo professor. Nesse modelo, o conhecimento histórico do aluno não aparece como um todo, mas é incentivado para que ele construa seu próprio conhecimento, de maneira a promover uma aprendizagem sistematizada e não apenas comprometida com a aquisição dos conteúdos (BARCA, 2004).

Nesse caso, é a partir da problematização de assuntos pelo professor que o conhecimento é construído, em exposição, análise e interpretação de fontes. Partindo desse pressuposto, as aulas-oficinas serviriam de ponto de partida para a problematização do conhecimento histórico da Balaiada. Com isso, tanto o conhecimento prévio dos alunos se torna importante no processo de aprendizagem quanto a percepção e compreensão de fontes históricas sobre diferentes perspectivas da Balaiada no ensino de História. Assim, nesta primeira oficina, oferecemos aos estudantes interação com debates e diferentes percepções, análise de fontes históricas que buscam oportunizar aos alunos perceber os distintos pontos de vista do evento histórico estudado.

Desse modo, considerando essa metodologia didática (aula-oficina), objetivamos discutir tanto o conhecimento prévio dos alunos sobre a Balaiada ensinada quanto expor a interação dos estudantes com o meio social; trouxemos a discussão dos lugares e memórias da Balaiada no ensino de História para além do espaço escolar e do conteúdo ensinado; contemplamos os conhecimentos prévios do alunado, interpretação histórica (interpretação de fontes) e comunicação. Com isso, o objetivo de desenvolvimento de um pensamento crítico das ideias históricas ganha sentido, através de um processo que passe, segundo Isabel Barca, por:

Uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado (BARCA, 2004, p. 134).

Tendo o conceito de aula-oficina definido, apesar de ser uma metodologia de simples aplicação, necessita de análise, o que demonstra sua importância para o ensino de História. Com isso, nessa etapa, relatamos as impressões dos alunos, as dificuldades e o olhar deles diante da construção do produto, que em um primeiro momento, demandou organização, parceria e reflexões no antes, durante e depois da

atividade, que teve como objetivo reconhecer, em narrativas dos sujeitos, os lugares e memórias da Balaiada, a partir da problematização do presente, das ausências e esquecimentos desse passado.

Todas as etapas para construção do produto didático dialogaram com o processo social, de interação dos alunos com o local de sociabilidade deles, combinando a parceria entre: escola, professor, alunos (as) e a comunidade, que ao final participaram da construção de narrativas históricas (moradores selecionados), quanto o público em geral, que recebeu o documentário exibido em praça pública, demonstrando assim os usos do passado no presente.

A proposta das duas aulas-oficina serviu para valorizar o processo de construção do sentimento de pertença ao lugar, nas experiências e memórias de pessoas da comunidade, cujas histórias não seriam ouvidas ou compartilhadas sem uma valorização dessas memórias, a partir do ensino que se volte para a localidade e seu manejo do passado no tempo presente.

2.3 Rodas de conversa

A primeira aula-oficina ocorreu no dia 29 de maio de 2019, no horário da tarde, e combinamos o encontro na sala do 3º ano B; como essa estava ocupada, fomos para o auditório da escola, que também é o espaço que utilizamos nas aulas durante apresentações de seminários ou eventos escolares. Participaram do encontro 12 (doze) alunos: 6 (seis) meninas e 6 (seis) meninos, apenas houve a ausência de um aluno daqueles que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁰.

Quadro 2 – Perfil socioeconômico dos alunos

ALUNO (A)	3º Ano	Idade	Local de residência	Profissão dos pais
Maria	Turma B	17 anos	Bairro Conjunto Novo	Mãe, dona de casa; Pai, autônomo.
Pedro	Turma B	17 anos	Centro	Mãe, dona de casa; Pai, autônomo.
João	Turma A	16 anos	Pov. Cajueiro (zona rural)	Mãe, dona de casa; Pai, funcionário público.
Joana	Turma A	16 anos	Bairro Conjunto Novo	Mãe, dona de casa; Pai, lavrador.

¹⁰ Por uma questão ética com os dados desta pesquisa, optamos por manter o sigilo dos nomes dos estudantes e dos moradores envolvidos na construção do produto. Para cada menção dos sujeitos usaremos pseudônimos ao longo do texto.

Lucas	Turma B	17 anos	Centro	Mãe, dona de casa; Pai, autônomo.
Junior	Turma B	16 anos	Centro	Mãe, professora; Pai, autônomo.
Juan	Turma A	16 anos	Bairro Abreu	Mãe, comerciante; Pai, autônomo.
Fábio	Turma B	17 anos	Centro	Mãe, dona de casa; Pai, comerciante
Tina	Turma B	16 anos	Conjunto Novo	Mãe, dona de casa; Pai, autônomo.
Lúcia	Turma B	17 anos	Conjunto Novo	Mãe, professora; Pai, lavrador.
Bruna	Turma A	16 anos	Pov. Baixa Grande (zona rural)	Mãe, dona de casa e lavradora; Pai, lavrador.
Selma	Turma A	16 anos	Povoado Pedrinhas (zona rural)	Mãe, pescadora; Pai, lavrador.

Fonte: Construído pelo autor com base nas informações da escola e junto aos alunos (a).

O perfil socioeconômico dos 12 (doze) participantes não diverge dos demais alunos das turmas: são jovens na faixa etária entre dezessete anos; moradores da cidade e alguns da zona rural; filhos de funcionários do município, comerciantes, autônomos e lavradores. Essas informações foram sendo colhidas em conversas informais e observando o histórico dos participantes nos documentos da escola.

Esses alunos, com idade entre dezesseis e dezessete anos, ajudam os pais no trabalho, como é o caso de dois alunos que são filhos de comerciantes: Juan e Fábio, que, mesmo trabalhando no horário da tarde, foram participar dos encontros. A aluna Tina, filha de pais autônomos, não trabalha formalmente, ajuda a família em casa e se dedica aos estudos, onde reside, num bairro próximo da escola, Conjunto Novo. Já o aluno Juan reside no bairro mais distante da escola, bairro Abreu, que fica na saída da cidade; mora com uma irmã e seu pai, que trabalha com serviços de sonorização. Fábio ajuda os pais, que são comerciantes, com a venda de madeira e alimentos, no Centro da cidade.

Já o aluno Junior, residente no Centro da cidade, filho e neto de professora, dedicando-se aos estudos, em sua casa moram 4 (quatro) pessoas, sendo que a avó é professora aposentada do Estado. Já o aluno Pedro, a mãe é dona de casa e o pai é autônomo, moram no Centro, vizinho à escola; o aluno se dedica aos estudos e não trabalha, com a disponibilidade de tempo participou ativamente das oficinas.

A aluna Maria, reside na cidade (Conjunto Novo) com os pais, que são autônomos; por causa do cursinho de redação¹¹ no horário da tarde, a aluna só participou da primeira oficina, e de algumas entrevistas com a sua dupla. A aluna Joana é do bairro Conjunto Novo, que fica a 1km da escola, ela mora com os pais, dois aposentados e estava noiva quando realizamos as atividades das duas oficinas. Já a aluna Lúcia, é filha de uma professora e confeitadeira de bolos; a aluna ajuda a mãe nos serviços domésticos, cuidando dos sobrinhos e estudando no tempo livre, participou das oficinas e por morar no bairro Conjunto Novo, mais distante da escola, sempre fomos deixá-la ao final das atividades

Participaram, ainda, 3 (três) alunos da zona rural: João e Selma. O primeiro, mora no Povoado Cajueiro (zona rural), que fica a 5km da escola, sua mãe é dona de casa; a segunda, mora com os pais e avós, durante as oficinas, em razão dos horários alternativos, ele precisou se deslocar usando moto, e algumas vezes fomos deixá-lo de automóvel ao final de cada atividade.

A aluna Selma é do Povoado Pedrinhas (zona rural), que fica a 30km da cidade. Ela não mora com os pais no povoado, por causa dos estudos, fica a semana inteira na casa de uma tia, na sede do município, por esse motivo, participou de alguns encontros, em razão do distanciamento quando estava na zona rural. Por fim, a aluna E.S., que mora com a família no povoado Baixa Grande, que fica a 20km da cidade. A fim de participar das oficinas a aluna permaneceu na casa de parentes na sede do município, e nos finais de semana retornava para a sua comunidade.

Tanto a aluna Selma quanto a aluna Bruna são de famílias de lavradores, que trabalham na roça e na criação de animais domésticos, além da pesca artesanal. Ambas as famílias recebem auxílio do Programa Bolsa Família, que ajuda na renda básica. Apesar das dificuldades, que propriamente elas enfrentam todos os dias, no transporte escolar muitas vezes inadequado, do distanciamento familiar, as alunas permaneceram no grupo das aulas-oficinas.

O aluno Lucas, residente na cidade, no Centro, não trabalha formalmente, mas ajuda os pais em uma venda de água mineral no terminal rodoviário da cidade; a mãe é dona de casa e o pai é autônomo, prestando serviços administrativos e de contabilidade.

¹¹ A aluna realiza um cursinho de redação na cidade de Luzilândia (PI), cidade vizinha a São Bernardo, na divisa com o Estado do Piauí.

Conhecido o perfil dos estudantes, nas questões sociais, passamos a descrever a primeira oficina, ocorrida na escola. No encontro, organizamos o auditório usando parte do espaço; colocamos as cadeiras em círculo e levamos alguns objetos para o centro da roda: livros da História da Balaiada, chapéu de palha, e alguns cestos feitos por uma artesã da localidade (Ver Figura 5 e 6). Com isso, preparamos o ambiente para aula-oficina. Segundo Barca (2013), a aula de História deveria ser organizada seguindo alguns passos:

Primeiramente o professor deveria selecionar um conteúdo perguntando aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusão históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostaria de conhecer. A aula – oficina vai contra a corrente que não se preocupa com o que ensinar e prioriza em manter o grupo motivado. (BARCA, 2013, p. 34).

Iniciamos o encontro apresentando os objetivos da atividade, explicamos a importância do reconhecimento da cultura local, das memórias e suas formas de conhecimento da história a partir de diferentes fontes, a exemplo de entrevistas que a própria escola tem condições de realizar, especialmente em aulas de campo. Contextualizamos o conteúdo guerra da Balaiada a partir de uma perspectiva regional, com o uso da metodologia da História oral, também destacamos a importância do reconhecimento do patrimônio cultural da localidade, a origem da cidade e as versões quanto à história comunitária nos episódios dos processos de resistência.

Logo em seguida, demonstramos os objetos (chapéus, cestos), relacionando-os ao movimento Balaiada, como parte da cultura material maranhense. Os alunos (as) foram questionados (as) a tecer considerações sobre o que havia sido apresentado. Sete alunos (as) ouvintes expuseram suas opiniões, vejamos os comentários da percepção deles sobre a Balaiada:

- *“Bom, a Balaiada foi uma revolta popular que tinha em vista se opor ao regime imperial da época. Contou com a participação das mais diversas classes sociais, dentre eles negros, vaqueiro e artesões” (Junior).*

- *“Foi a luta de escravos contra o governo imperial, lutando para serem livres, podendo viver com o dinheiro do seu próprio trabalho” (Selma).*

- *“Foi uma guerra ocorrida no passado do Maranhão, chamado de guerra da Balaiada, onde ocorreu uma revolta por meio dos escravos para atacar o império da época” (Joana).*

- *“A Guerra da Balaiada foi uma revolta de escravos liderada pelo Negro Cosme” (Juan).*

- *“Eu lembro que ocorreu aqui no Maranhão, coisa bem antiga” (Bruna).*

- *“Uma revolta que juntou negros escravos, que iniciou no Maranhão até Caxias” (Lúcia).*

- *“A Balaiada foi um movimento popular em revolta contra o regime imperial em repúdio a escravidão de negros e as torturas que esse povo sofria esse movimento contra esses crimes ocorre no Maranhão” (Lucas).*

A partir do conhecimento prévio dos alunos, nas respostas que foram surgindo, fomos observando a percepção e compreensão deles. Para os alunos, a Balaiada é percebida como evento histórico ocorrido no Brasil Império; as respostas mencionam um conhecimento ensinado em sala de aula, a partir dos livros didáticos, dos conteúdos formais do ensino de História. Os relatos apresentam o Maranhão como palco da guerra, informando a cidade de Caxias e a participação de grupos sociais. Alguns alunos mencionam a participação dos negros escravizados, que lutaram pela liberdade, como uma causa da guerra, a presença de uma das lideranças é mencionada, o Negro Cosme.

Também percebem a Balaiada como algo que aconteceu no passado – “coisa bem antiga” –, sem qualquer vinculação com o presente. Não há, nas respostas dos alunos, compreensão da Balaiada com outras versões sociais e culturais, os vários lugares e grupos que dela fizeram parte, assim como, nas respostas, não descrevem outras versões, lugares e memórias do movimento, em conexão com o tempo presente, mas confirmam a ideia que a Balaiada é “algo do passado”, um “passado antigo”.

Sobre essa apropriação do passado produzida pelos alunos atualmente, segundo Circe Bittencourt (2001, p. 14), o público escolar, a geração de alunos, diante da sociedade sob a égide do mundo tecnológico, cada vez mais: “vivem o presenteísmo de forma intensa, sem perceber liames com o passado”. Neste sentido, os relatos produzidos pelos alunos se direcionam ao entendimento de um saber

escolar, veiculado na sala de aula, assim como informações obtidas por intermédio da *internet*.

Figura 10 – Oficina de sensibilização (mosaico)



Fonte: Acervo do autor.

Podemos notar que as respostas dos estudantes durante o debate que abriu a oficina, apresentam-se dentro de uma dimensão social, obtidas pela escolarização ou pela pedagogia informal (família, amigos, mídia etc.). Nessas respostas, os conhecimentos dos estudantes apontam para uma visão geral e fragmentada do evento histórico. Desse modo, a partir desse conhecimento prévio, questionamos com os estudantes as formas que se constituem a História ensinada da Balaiada, nos livros didáticos, sendo representações que tratam a História, mas não é como “realmente aconteceu”; e que, embora o ponto de partida seja elencar o evento histórico como um conhecimento didático, há que problematizar estas fontes, para além do que elas indicam e formam o conhecimento dos alunos.

Por ser uma aula-oficina, encaminhamos a discussão questionando as ausências das representações da Balaiada no livro didático usado na escola, na disciplina de História. Também questionamos a opinião dos estudantes, conforme as respostas que foram surgindo na roda. Questionamos porque outras histórias e versões da guerra não aparecem, e levantamos hipóteses sobre o passado de São Bernardo com os eventos de resistência balaia. Essas inquietações foram utilizadas para despertar a imaginação histórica dos alunos (as), problematizando sobre o que

aconteceu em São Bernardo em determinada época e com determinados sujeitos situados historicamente, e para isso, seria necessário questionar e recorrer à memória, suas associações, seus conhecimentos históricos.

Seguindo a metodologia de aula-oficina apresentada anteriormente, a figura do professor é fundamental para mediar o conhecimento, incitando o alunado a problematizar o conteúdo exposto. Apesar de considerá-lo como protagonista da aula, não apenas um mero ouvinte, o professor é aquele que se faz necessário no auxílio aos estudantes, em desenvolver um pensamento crítico da História. Neste sentido, a partir das respostas dos estudantes, apresentamos uma fonte histórica de questionamento das ausências de certos grupos sociais presentes nas versões da Balaiada, na qual a escola, no ensino de História, apresenta apenas os grandes personagens, a versão oficial do movimento, sem questionar sujeitos, lugares e representações culturais da resistência.

A obra “A Guerra dos Bem-Te-Vis”¹², do historiador Matthias Assunção, apresenta uma seara de depoimentos orais de moradores de várias regiões do Maranhão, especialmente da região do Baixo Parnaíba, que historicamente foi palco dos eventos da Balaiada. As entrevistas com famílias descendentes dos balaios foram realizadas e registradas na década de 1970 e constituem outra imagem do passado de resistência dos negros nos eventos da guerra, inclusive a região que atualmente faz parte do território de São Bernardo, dentre outros municípios. O livro apresenta outras narrativas da guerra, questionando o esquecimento, apagamentos e desconhecimentos dessas representações, que não ganham a devida importância no ensino, nas aulas da disciplina de História na escola pesquisada.

Distribuimos os trechos dos depoimentos do livro no centro da roda e pedimos para que fossem lidos alguns trechos com depoimentos de moradores da região, destacando as representações do passado, da Balaiada e da escravidão nos lugares do Baixo Parnaíba. Ao final, realizamos uma discussão, incluindo o conhecimento prévio dos alunos sobre a Balaiada, o conhecimento da história ensinada dos processos históricos do movimento, o conhecimento sobre a História da cidade a partir do passado da Balaiada, e, por último, problematizou a (des)valorização das memórias, por meio dos trechos da obra de Assunção.

¹² A pesquisa do historiador Matthias Rohrig Assunção (1988) entrevistou 91 (noventa e um) moradores da região leste maranhense. Desse total, 4 (quatro), na época, eram moradores de São Bernardo: Semíramis Coelho Lima; Raimundo Mata dos Santos; Bartur Romeo; Bernardo Coelho Lima.

Usamos trechos da obra de Assunção com os depoimentos de moradores para que os alunos reconhecessem e construíssem sentido sobre o passado da Balaiada na cidade e região, despertando o reconhecimento dessas memórias que dão outras interpretações da guerra, contrapondo-se às versões conservadoras e aos silenciamentos dos materiais didáticos encontrados na escola, nos livros e paradidáticos.

Essas outras versões que constam no livro de Mathias Assunção rompem com as interpretações tradicionais que foram construídas sobre essa revolta, algumas dessas surgiram “na época mesma do movimento e se articulam à luta entre os dois partidos políticos do Império, o conservador e o liberal” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 71). Nas entrevistas realizadas por Mathias, em 1982, os moradores idosos de várias localidades na região leste maranhense, a revolta foi designada “guerra dos bem-te-vis”, como ficaram conhecidos os membros do partido liberal no período da regência. Essa afirmação foi associada aos rebeldes e ao partido liberal, bem-te-vis nas leituras conservadoras, em uma disputa de memórias entre os dois partidos que se acusavam durante o conflito.

Ambas as versões, por um lado, partilham da negação do caráter político do movimento; e por outro, silenciam a heterogeneidade da revolta, que se observa na amplitude geográfica e nos grupos sociais que dela fizeram parte. Buscamos, portanto, reconhecer essas versões e também perceber a presença dos negros nos processos de resistência na região, pois a memória oral dos moradores entrevistados também apresenta outra denominação do movimento: “revolta dos pretos”. O peso da escravidão deixou marcas no território de São Bernardo, nas ruínas de senzalas, fazendas antigas, e na memória da segunda geração de moradores advindos das comunidades rurais com aspectos de identidade quilombola. Buscamos perceber a Balaiada nas representações do passado, problematizando os processos de resistência dos escravos, nos rastros, nos vestígios materiais e imateriais na cidade e nas comunidades rurais, a exemplo de São Raimundo e Currais, ambos os territórios quilombolas.

As discussões mostraram que o passado da Balaiada na cidade é algo esquecido no presente, apesar dos depoimentos que constam na obra de Assunção. A partir dessas questões problematizamos o passado, o qual se conhece construído por grupos que mantêm as representações coerentes com a memória que se pretende perpetuar nas narrativas da cidade.

Logo após as discussões, surgiu, por parte do professor, a seguinte inquietação: “É possível entender o passado da Balaiada a partir das vozes de diferentes grupos de sujeitos no presente?” As leituras dos depoimentos que constam na obra de Assunção motivaram os questionamentos dos alunos; explicamos que há múltiplas maneiras de conhecer o passado, sendo o uso da oralidade uma possibilidade. Normalmente, uma conversa com moradores da cidade, perguntando a origem deles ou da própria comunidade, é uma oportunidade de fornecer leituras do passado no presente.

Desta forma, refletimos que dar visibilidade aos diferentes sujeitos é uma forma de construir narrativas históricas, sendo a metodologia da História Oral uma maneira de privilegiar essas narrativas. Segundo Sônia Maria de Freitas (2002, p. 48), a História Oral fornece novas perspectivas para o entendimento do passado, “pois permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento”. Sendo assim, as vivências dos moradores da comunidade são de importância fundamental para o reconhecimento e valorização dos lugares e das memórias inseridos num contexto social.

Discutimos que os usos das fontes orais, a exemplo dos depoimentos lidos, possuem representações do passado e devem ser confrontadas com outros documentos, uma vez que o trato com as memórias envolve sujeitos, espaços e subjetividades, sejam elas do próprio historiador ou dos sujeitos fontes dos testemunhos. Segundo Marieta M. Ferreira, no texto “Oralidade e Memória em Projetos Testemunhais” (2002), o trato com a memória deve observar a não-sacralização do testemunho: “O historiador faz a história (...). O historiador não tem o monopólio sobre a memória, mas ele detém os instrumentos para lidar com a pluralidade e fragmentação da memória (MARIETA, 2002, p. 201).

Explicamos, na aula-oficina, que a sensação de fazermos parte de um grupo vem, entre outras coisas, do reconhecimento e valorização do passado, das memórias que nos dão uma compreensão do lugar social que as nossas identidades são construídas, atreladas ao grupo, entre lembranças e esquecimentos, pelo compartilhamento de uma memória coletiva. Essas memórias aparecem nos depoimentos do livro de Mathias Assunção, afirmando-se pelas versões dos pontos de vista dos grupos sociais majoritariamente negros, descendentes dos balaios.

O olhar comum dos alunos em torno dessas versões acionou o “gatilho” para a compreensão do passado deles e da própria comunidade no tempo presente; a percepção do caráter social da memória da Balaiada se tornou mais evidente quando os próprios alunos perceberam, nos depoimentos, os lugares comuns por eles frequentados atualmente: povoados, rios, lagoas, caminhos antigos da região. Até mesmo pelo sobrenome de algumas pessoas que aparecem nos depoimentos da obra de Assunção, os alunos reconheceram quem foram essas pessoas (que não estão vivas), mas algumas são bastante conhecidas, a exemplo do depoimento da Senhora Semíramis Coelho Lima “dona Mimi”, que dá nome a ruas, praça e a uma escola situada em seu antigo casarão, no Centro da cidade. Esse processo de autoidentificação com narrativas históricas é produto de uma função cognitiva da aprendizagem histórica, que Rusen (2001) chamou de experiência.

Assim, por intermédio do diálogo com as fontes orais do livro, os trechos selecionados trataram de aproximar o conceito que os alunos traziam consigo acerca dos eventos da Balaiada com o conceito de memória e lugares de memória, como algo presente da comunidade, que tem uma relevância histórica conforme as explicações que conduzimos na aula-oficina.

Concluiu-se que este processo de leitura, discussão e observação de fontes abriu caminho para que os estudantes entendessem o significado dos elementos que constituem a formação social e histórica dos espaços públicos e sobre os grupos sociais presentes na cidade e região. Tal conhecimento é de fundamental importância no processo de construção do sentimento de pertença ao lugar no qual se vive. Daí, portanto, a aula-oficina ofereceu, em primeiro momento, o despertar da sensibilidade dos estudantes, a curiosidade da temática, o reconhecimento prévio das leituras que trouxeram sobre a Balaiada, das representações que apresentamos, considerando as tradições orais, as experiências dos grupos sociais, na fonte histórica.

Considerando essas questões em primeiro momento, outra inquietação surgiu no encontro: “como produzir o nosso produto didático a partir dessa oficina de conhecimento do passado da Balaiada em território bernardense?” A resposta foi ganhando corpo quando propomos aos estudantes a construção de um documentário em vídeo, em que eles teriam total apoio do professor-pesquisador, afinal, o produto didático, além de ser uma exigência do Mestrado Profissional em Ensino de História, ao qual o pesquisador encontra-se vinculado, atende também à escola e à própria comunidade, pois proporciona a inter-relação entre escola, espaços públicos, sujeitos

e memórias. Daí, portanto, a ideia da aula-oficina como uma maneira de sensibilizar os estudantes no interesse e envolvimento na construção desse produto didático. Os conhecimentos prévios, as representações dos alunos, são marcos a partir do qual os alunos darão significado na produção das entrevistas para a gravação do documentário.

A estratégia de produzir um vídeo documentário foi concebida no intuito de valorizar o protagonismo dos estudantes, as tradições orais da comunidade, e a busca por uma experiência que tivesse condições de conectar a escola com outros espaços de memória, a partir do envolvimento dos estudantes nos encontros com os sujeitos que seriam entrevistados no cotidiano comunitário.

Neste sentido, as ações de construção do produto até aqui elencadas corroboram na estratégia metodológica de aula-oficina em primeiro momento, e pesquisa-ação na segunda etapa, dentro e fora da escola, nos espaços de convívio desses estudantes. Desse modo, a pesquisa-ação “se desenvolve impulsionada por um desejo de conhecer, produzir discursos que instituem realidades” (COSTA; VEIGA NETO, 2002, p. 94). Seguindo a perspectiva de Santhiago e Magalhães (2015, p. 20), um trabalho com entrevistas no ensino de História, considerando oralidades de sujeitos, inclui um “processo mais amplo com um planejamento previamente elaborado pelos estudantes com o professor.”

Preparamos os estudantes para o trabalho prático da segunda etapa, que ocorreria fora dos muros da escola, em contato com a comunidade, com os moradores. Como já era de conhecimento dos estudantes, faltava então apresentar a eles como se constituiria o roteiro da realização de entrevistas e a construção de um documentário audiovisual, valorizando as tradições orais, os espaços públicos, as experiências humanas, os esquecimentos, as lembranças que se voltam para a localidade sobre as memórias da Balaiada no tempo presente.

Orientamos que era de fundamental importância a preparação deles para a realização das entrevistas, o roteiro, a seleção dos sujeitos que seriam entrevistados e, por fim, a edição e organização do documentário com a participação do grupo.

Para a realização das entrevistas na etapa da aula-oficina fora da escola ficou definido o trabalho em dupla. Cada dupla desenvolveu as entrevistas de acordo com o cronograma que posteriormente seria confirmado. Nessa etapa, finalizamos o encontro instrumentalizando os alunos para a realização de um roteiro de entrevistas padrão, com os moradores escolhidos, juntamente com as definições de temas que

as perguntas deveriam envolver. Esse roteiro inicial foi usado para padronizar, para depois cada dupla realizar adaptações, de acordo com o seu/sua entrevistado (a).

Definidas as duplas, o momento mais desafiador no encontro ocorreu na escolha dos sujeitos que seriam entrevistados. Era natural que todos os estudantes tivessem sugestões, a partir de suas subjetividades e afeições sociais. Surgiu a seguinte inquietação na discussão entre os grupos: “Quais os entrevistados? Como realizar o convite aos moradores? Quais temas e perguntas mais importantes deveriam ser feitas?” A resposta foi se desenhando ao longo das explicações. Mostramos que uma entrevista envolve detalhes e sensibilidades de quem a pratica, assim como envolve o diálogo e a gravação ou registro escrito. Neste caso, usaremos o registro audiovisual, com o manuseamento de equipamentos tecnológicos: celulares e câmeras fotográficas, já que essas entrevistas serviriam para construir o documentário.

Explicamos que todo trabalho de entrevista necessitaria de um planejamento por parte do entrevistador, assim como, preparação e conhecimento prévio dos temas que seriam tratados. Além disso, a entrevista, mediante gravação, precisaria ser feita em local o mais conveniente possível, para o entrevistado manter-se tranquilo, de preferência em sua residência, com data e horário previamente agendados. Nesse caso, coloquei-me à disposição para organizar os convites e agendar os horários com os moradores. Todos os estudantes estavam cientes de que as entrevistas tinham como objetivo produzir o documentário sobre as representações do passado da Balaiada.

Para Santhiago e Magalhães (2015, p. 61), o trabalho com fontes orais no ensino de História envolve mediação e deve-se “explicitar aos estudantes o que se espera deles: antes, durante e após a gravação do(s) relato(s)”. Nesta perspectiva, apresentamos antes, os equipamentos de gravação (celular, câmera, microfone etc.), realizamos ensaios entre os grupos, facilitando o manejo com essas ferramentas de gravação, na tentativa de diminuir as dificuldades de uso durante as entrevistas.

Sobre a escolha dos entrevistados, ocorreu um processo de negociação entre as duplas. Explicamos que eles poderiam pesquisar na comunidade quais sujeitos seriam contemplados em relatar suas memórias. Porém, consideramos oportuno decidir os nomes em outro momento. Dei um prazo de uma semana para receber os nomes e, assim, iniciar as visitas para agendar os encontros. Ainda na oficina, explicamos os critérios para a definição dessas escolhas, com o nosso interesse de

contemplar o público de idade avançada, as pessoas idosas da comunidade, moradores “filhos da terra” que poderiam nos ajudar, fornecendo suas memórias de vida, as experiências e lembranças dos tempos antigos da cidade.

Explicamos que na etapa de entrevista, as duplas deveriam estar preparadas para saber conversar com essas pessoas idosas. Explicamos, ainda, que naturalmente, nem todos os moradores iriam responder de acordo com aquilo que se deseja, pois todo trabalho com memórias envolve os esquecimentos, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual. Mas também, dissemos aos estudantes que as respostas recebidas deveriam ser observadas, pois é por meio das lembranças e esquecimentos que o passado é construído e revelado.

Para Sônia Maria de Freitas, em “História Oral: Possibilidades e Procedimentos” (2002), a construção das memórias depende das relações sociais e subjetividades dos narradores:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo [...] lembrar-se é uma ação coletiva, pois, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo.

Por fim, uma preocupação que tivemos se relacionou com a definição das entrevistas, um roteiro geral para que essas fossem conduzidas pelos alunos. Apresentamos a proposta de construir as questões através de um roteiro temático, alinhado aos objetivos da pesquisa, de reconhecer o passado da Balaiada em território bernardense a partir dos lugares e memórias no tempo presente, que as narrativas iriam revelar.

Os alunos questionaram se não seria possível realizar perguntas sobre a origem da cidade, o passado de escravidão dos negros e a Balaiada, junto aos moradores. Essas intervenções espontâneas por partes dos estudantes demonstraram o interesse e a expectativa no trabalho. Anotamos as sugestões e fomos adaptando, definindo assim o repertório das perguntas e, sobretudo, o roteiro do documentário por completo.

Problematizamos, junto aos alunos, que o uso das entrevistas, a oralidade de depoimentos são apenas uma das inúmeras outras possibilidades de reconhecimento do passado, as memórias sobre a origem da cidade, o passado de escravidão e os processos de resistência da Balaiada podem ser temas desconhecidos ou conhecidos

do público em geral. Há, portanto, a importância das experiências históricas dos sujeitos, do grupo do qual faz parte, da transmissão de lembranças de uma geração a outra, carregando sentidos e valores, que representam os interesses coletivos do indivíduo inserido num contexto social.

As ferramentas que a metodologia da aula-oficina fornece foram importantes para o reconhecimento prévio do tema, da análise da fonte histórica apresentada e da sensibilização dos estudantes para a próxima etapa, de entrevista e construção do documentário, capaz de produzir novo sentido, a partir do contato com o lugar de memória e com os sujeitos sociais. Percebemos mudança de percepção dos alunos, maior curiosidade e envolvimento, análise da fonte apresentada, que foi problematizada em aula com o conhecimento prévio.

Tomamos por base a problematização de fontes históricas, assim como os instrumentos da História Oral, desde o reconhecimento de como trabalhar o uso de entrevistas e a seleção de testemunhas que levassem os (as) alunos (as) a construir outros conhecimentos sobre a Balaiada, a partir da comunidade, dos lugares e das memórias no presente, utilizando-se de narrativas individuais e coletivas sobre o assunto desenvolvidas ao longo da pesquisa, nas duas etapas de aula-oficina: de sensibilização e execução de ações na prática dentro e fora da escola, nos espaços públicos, em contato com os sujeitos históricos com suas memórias e vínculos afetivos com a localidade.

Tanto a seleção dos moradores, a construção de um roteiro de entrevistas, assim como a edição e as gravações do documentário são componentes que compõem a segunda etapa da aula-oficina na qual o protagonismo dos alunos ganha maior visibilidade fora do espaço escolar, que serão expostos no capítulo a seguir.

3 “O TEMPO DO PEGA”: memórias comunitárias, história pública e possibilidades de ensinar e aprender a história escolar

Neste capítulo, apresentamos a trajetória de desenvolvimento das entrevistas com os moradores e moradoras de São Bernardo e região, tendo os alunos e alunas como protagonistas da prática inovadora. Assim sendo, o objetivo específico deste capítulo é apresentar as ações desenvolvidas dentro e fora da escola, em espaços de aprendizagem, mediante a construção do produto didático, o roteiro de entrevistas, a seleção dos entrevistados e organização dos encontros com os moradores da cidade e região. Apresentamos ainda, o roteiro, a gravação das externas e edição do material audiovisual, com entrevistas e os lugares de memórias presentes nas narrativas, nos vestígios da Balaiada na cidade e região.

Ao longo do capítulo, apresentamos a trajetória de pesquisa com a participação dos alunos e alunas no protagonismo das ações, entrevistando os moradores e organizando o material colhido nos encontros. A partir dessas impressões dos alunos e moradores, mediante as narrativas e vestígios das memórias locais, apresentamos os rastros dos Balaios no passado de São Bernardo. Destacamos dois lugares de memória e suas representações históricas na compreensão do passado negro e na preservação da tradição oral sobre o passado de escravidão e os processos de resistência da Balaiada no passado da cidade: fazenda Paraíso (povoado São Raimundo) em São Bernardo e Trincheira de pedra (Povoado Bebedouro de São Pedro) em Magalhães de Almeida.

Fundamentaremos as discussões apontando os “rastros”, na perspectiva de Ginzburg (2007), das narrativas que representam o passado Balaião e seus lugares de memória. Desse modo, as entrevistas em cada cena do documentário produzido problematizam as versões, as disputas de memória, apresentando as tradições orais dos moradores e moradoras, que se tornam “guardiões” de memórias de um grupo social historicamente silenciado e excluído na região, os negros e suas representações do passado (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Por fim, apresentamos a percepção dos alunos e alunas no desenvolvimento da prática inovadora dentro e fora da escola, assim como o detalhamento da estrutura geral do documentário, seguindo a perspectiva de construção de um “texto videográfico”, segundo a abordagem de Ana Maria Mauad e Fernando Dumas (2011) em pesquisas de História Pública. Neste sentido, a construção do documentário a

partir dessa modalidade aproxima o diálogo entre o conhecimento histórico e a produção audiovisual, através de um trabalho em parceria com as duas áreas de conhecimento. No detalhamento, apresentamos a construção do documentário com a participação dos alunos e alunas, nas gravações e edições que conceberam o produto desta pesquisa.

3.1 As entrevistas

Na segunda aula-oficina foi trabalhado o protagonismo dos alunos(as), mediante as ações pedagógicas que foram acertadas na primeira aula-oficina, ou seja: a construção do produto didático, o roteiro de entrevistas, a seleção dos entrevistados e organização dos encontros com os moradores da cidade e região.

As entrevistas foram construídas pelos alunos, em que fizemos a mediação adequando o vocabulário, o recorte temático e as orientações no manejo dos equipamentos digitais (celulares, câmera), que seriam usados durante os encontros com os moradores. Esse cuidado com o trabalho pedagógico de preparo do produto didático ofereceu maior segurança em cada etapa. Segundo Santhiago e Magalhães (2015, p. 22), deve-se “explicitar aos estudantes o que se espera deles antes, durante e após a gravação do(s) relato(s). Esse preparo deve envolver desde o manejo do equipamento até o contato com os entrevistados”.

Para cada dupla foram designados papéis definidos: um aluno faria as perguntas, outro seria responsável pelo registro das gravações com os celulares ou com uma câmera. No decorrer das entrevistas, o uso do celular se tornou constante. Assim sendo, escolhemos um para usá-lo, em razão da qualidade do som e das imagens.

De início, cada dupla desenvolveria duas entrevistas. Os alunos trouxeram nomes de moradores, seguindo os critérios que havíamos definido, considerando serem pessoas conhecedoras do passado da cidade, moradores mais antigos, descendentes de grupos negros da cidade e das comunidades rurais. Conforme as orientações, os alunos e alunas passaram a procurar organizar os nomes de possíveis entrevistados, muito embora muitos tenham procurado consultar seus familiares, amigos e vizinhos, na tentativa de apresentar os nomes conforme os critérios. Pontuamos que a relação dos nomes nunca é definitiva, mas passiva de outras

intervenções ou substituições, de acordo com o interesse dos narradores em querer ou não participar das entrevistas.

Com os nomes desses sujeitos em mãos, realizamos a mediação nos aspectos técnicos e éticos para realizar os convites, levando um documento de cessão de direito de imagens, que ficou sob a responsabilidade do professor-pesquisador, agendando o local e horário das entrevistas. Mediamos o encontro dos alunos com os entrevistados, sempre com antecedência, avisando as datas e horários, agendando os convites, levando-os em deslocamento de carro, nas visitas que ocorreram na cidade e nos povoados. As entrevistas duraram três meses, entre os meses de junho, julho e agosto de 2019.

Durante a construção do formulário, tivemos o cuidado em não aplicar perguntas complexas, ou que tivessem outros direcionamentos, inviabilizando a resposta clara e oportuna dos entrevistados, ou que inibisse o desenvolvimento dos estudantes durante a conversação. Neste sentido, as perguntas formuladas tiveram um teor de simplicidade, facilitando a compreensão dos estudantes e dos entrevistados; assim sendo, optamos por direcionar as entrevistas em roteiros temáticos.

Construímos o formulário seguindo três temas, conforme o combinado na aula – oficina: 1) “O surgimento da cidade”; 2) “Memórias da Escravidão”; 3) “Memórias da Balaiada”. Esses três temas se justificam pela necessidade de organizar uma sequência narrativa do documentário, apresentando a formação histórica da cidade por meio das memórias e dos lugares. Debates entre os alunos e acertamos os três tópicos temáticos; as respostas dos depoentes seguiram essa dinâmica, claro que muitas questões foram surgindo durante as entrevistas, mas é natural que os estudantes estejam seguros, a fim de nortear as perguntas que eles fariam aos seus entrevistados. Nessa etapa, o professor-pesquisador acompanhou a construção das perguntas, explicando aos estudantes que o formulário era apenas um guia de direcionamento das perguntas, mas que deveríamos deixar margens para outras que fossem surgindo ao longo das conversas com os moradores e moradoras.

O formulário contém o título com informações das duplas e espaços para preencher os dados dos entrevistados (nome; idade; onde nasceu; escolaridade). Juntamente com os estudantes, dividimos o formulário em três tópicos, considerando as memórias compartilhadas ao longo do tempo, sobre a origem da cidade, o passado da escravidão e da Balaiada.

Figura 11 – Formulário elaborado

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES DE SÃO BERNARDO-MA
<p>Perguntas pessoais: Nome: Idade: Pertencimento étnico racial: Onde nasceu Escolaridade: Profissão</p>
<p>Perguntas sobre a origem da cidade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a origem da cidade de São Bernardo? 2. Como era São Bernardo antigamente? 3. Quem fundou a cidade de São Bernardo?
<p>Perguntas sobre as memórias da escravidão</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Você sabe dizer se existiu escravidão negra em São Bernardo? 2. Conhece alguma história do passado de escravidão nesta região? 3. Quais os lugares que existiram escravidão? Alguma fazenda ou senzala?
<p>Perguntas sobre as memórias da Balaiada</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. São Bernardo participou da guerra da Balaiada? 2. Seus antepassados guardaram memórias sobre essa guerra que aconteceu nesta região? 3. Quais os lugares de vestígios da Balaiada na região, poderia nos dizer? 4. O exército naquela época recrutava pessoas para a guerra? 5. Você ouviu alguma lenda, história sobre o chamado dia do “pega” em São Bernardo? Poderia relatar?

Fonte: arquivo do autor.

No tópico sobre a origem da cidade, construímos três perguntas, trabalhando a fundação da cidade e as memórias individuais e coletivas dos(as) entrevistados(as), considerando as discussões que tivemos na primeira oficina. Sobre as “**Memórias da Escravidão**”, as perguntas surgiram a partir das informações da primeira aula-oficina, quando os alunos tiveram acesso a uma fonte¹³ documental, o livro do Matthias Assunção. A partir do uso desse documento como fonte, os alunos estabeleceram estranhamento com o tema da “Balaiada” e os eventos de escravidão no passado da comunidade. Essa fonte nos ajudou nas explicações, no desenvolvimento do raciocínio histórico, no reconhecimento das memórias dos sujeitos e dos lugares de

¹³ Segundo Marlene Cainelli e Maria Auxiliadora Schmidt, em “Ensinar História pensamento e ação na sala de aula”, sobre o uso de fontes históricas: “os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder as indagações e as problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 117).

memória. Traçamos os objetivos que estabelecemos neste tópico, com perguntas sobre o passado de escravidão na região de São Bernardo.

Com os ajustes necessários, prosseguimos para construir o último tópico temático, intitulado “**Memórias da Balaiada**”. Considerando o conhecimento prévio dos alunos (as) sobre a história da guerra, discutimos sobre os lugares, as memórias e os silenciamentos; essas questões guiaram o tema motivador da entrevista sobre o passado de resistência do movimento Balaiada em terras bernardenses.

Sobre a especificidade da entrevista temática, Ricardo Santiago e Valéria Magalhães (2015, p. 49) apontam que:

Assim como acontece com as entrevistas de história de vida também tem o indivíduo como preocupação principal. Porém em vez de emergir no universo do seu narrador, o pesquisador visa explorar, junto com ele, questões orientadas por um tema. As entrevistas temáticas buscam informações mais precisas, mais localizadas e mais pontuais. Elas enfocam um assunto previamente delimitado – a questão geral do projeto, abrindo espaço para que os entrevistados descrevam como se relacionam com o assunto: o que sabem sobre um acontecimento ou como um fenômeno foi vivenciado, por exemplo. Na prática, o entrevistador tem participação maior na condução do relato quando se trata de entrevistas temáticas (geralmente mais curtas e focadas).

A elaboração desse questionário temático levou em consideração a prática pedagógica da primeira aula-oficina no processo de sensibilização dos estudantes com o uso de fontes históricas, debates considerando o conhecimento prévio dos alunos (as). Desse modo, destacam-se, nesta segunda aula-oficina, as competências em História que Isabel Barca sugere em seu texto “Aula Oficina: Do projeto à avaliação” (2004), no qual propõe algumas subdivisões das competências, sendo elas: interpretação de fontes; compreensão contextualizada, comunicação. O desempenho representado na elaboração do roteiro temático com as perguntas levou em consideração a análise e interpretação de fontes, a obra de Mathias Assunção, trabalhada na primeira aula-oficina, contextualizando o reconhecimento de memórias, lugares e sujeitos históricos, com base na relação entre o passado da Balaiada e as memórias que remetem ao dilema vivido pelos negros durante a escravidão, na região Baixo Parnaíba e São Bernardo.

Os alunos(as) apresentaram 15 (quinze) nomes de moradores da cidade e da zona rural do município, conhecedores das histórias do lugar, e por serem moradores antigos, segundo pesquisa de informações que cada dupla colheu entre conhecidos,

familiares, seguindo os critérios combinados na primeira aula-oficina. Por esses nomes, previamente entramos em contato com essas pessoas, solicitando marcar as entrevistas, com local e horário definido.

Em contato com os mecanismos de construção do conhecimento histórico como a oralidade (entrevistas), os alunos(as) tiveram a oportunidade de manusear um documento histórico que eles próprios ajudaram a construir (documentário com as entrevistas). Desta forma, consideramos que o modelo de Aula-Oficina foi apropriado (BARCA, 2004), pois a proposta didática é centrada nos conhecimentos prévios sobre os potenciais narradores e narradoras desse passado e na produção e uso de narrativas produzidas por alunos e sujeitos sociais na cidade e em comunidades de ancestralidade negra na região.

Vale ressaltar que essa segunda aula-oficina se tornou, de maneira inovadora, como uma prática de ensino, ultrapassando os limites da sala de aula, de maneira itinerante, com encontros entre duplas para produção dos questionários de entrevistas e, por fim, no deslocamento dos(as) alunos(as) na cidade e nas comunidades rurais na região de São Bernardo-MA. Esses deslocamentos da escola até os entrevistados ocorreram com a ajuda do professor-pesquisador, que deu suporte em cada etapa, agendando, transportando e fornecendo os equipamentos tecnológicos que foram usados. A oficina se tornou itinerante porque saiu do ambiente escolar para o desenvolvimento das ações fora da escola, nos lugares mencionados ao longo do texto.

Segundo Selva Guimarães Fonseca (2006, p. 127) o lugar, “por menor que ele seja, “traz as marcas do presente e de tempos passados”. O deslocamento dos estudantes nas visitas aos moradores tornou-se uma oportunidade de reconhecimento dos seus locais de vivências, pois são alunos(as) com famílias advindas da zona rural do município, mantendo laços de parentescos e amizades nas localidades que foram visitadas.

O contato dos estudantes com os sujeitos históricos da comunidade tornou-se uma oportunidade de interrogar e problematizar as memórias da escravidão e da Balaiada nas narrativas que foram sendo construídas, sendo um bom instrumento na produção de sentido histórico e de localização dessas memórias no tempo presente. Segundo Selva Guimarães Fonseca (2012), o jovem, ao interrogar o cotidiano:

[...] ganha novas dimensões à medida que possibilita problematização, a reflexão sobre a realidade que o cerca. O aluno é motivado a levantar os testemunhos vivos, as evidências (...) da história, do lugar, buscando explicações. Por que essa situação é assim? Por que isso mudou e aquilo permaneceu? As interrogações sobre o local em que vive podem levar à busca de sentido, à compreensão do próximo e do distante no espaço e no tempo (FONSECA, 2012, p. 248).

No nosso entendimento, a possibilidade mencionada por Guimarães (2012) ganha força no trabalho com alunos(as) jovens, que, em grande parte, desconhecem ou pouco sabem sobre os lugares onde moram. A proposta de produzir um documentário com as narrativas dos sujeitos torna-se significativa com o uso de entrevistas interrogando o passado, conhecendo lugares e percebendo memórias com outras interpretações sobre acontecimentos entre o presente e o passado.

As entrevistas marcam o encontro dos jovens com os moradores e moradoras e com suas tradições orais. São comunidades rurais negras, localizadas nas proximidades dos rios, entre matas de palmeiras, com moradores que ainda cultivam a terra, pescam e produzem artesanatos, com famílias antigas e repletas de tradições orais reproduzidas pelos moradores e moradoras, que se tornam “guardiões” desse passado (HAMPATÉ BÂ, 2010; ASSUNÇÃO, 1988).

Em cada encontro solicitamos que os(as) alunos(as) levassem caderno de anotação e celulares com câmeras de vídeo. Para garantir uma boa entrevista, lembramos aos(às) estudantes que aquele encontro era a nossa “sala de aula” e que estávamos em busca de aprendizado, portanto, todas as minúcias deveriam ser percebidas para a melhor percepção, e depois analisadas no processo de edição dos vídeos.

3.2 Seguindo o rastro dos Balaios

As entrevistas dos moradores e moradoras de São Bernardo e região apresentam indícios da origem da cidade e sobre a escravidão no passado das comunidades rurais, com detalhes de narrativas dos processos de resistência, lutas e permanência de uma ancestralidade negra que, mediante a tradição oral, preserva o que constitui uma “memória herdada.” (POLLAK, 1992).

São vestígios, rastros (GINZBURG, 2007) que remetem às representações do passado de grupos sociais negros, que nas narrativas oficiais da cidade são silenciados no patrimônio preservado pelo Poder Público municipal, na história local

de São Bernardo e no ensino de História nos livros didáticos, no currículo que ainda mantém a memória branca e colonial em destaque nas narrativas.

Por gerações, houve a preservação dessas memórias coletivas por parte de um estrato social que vem à tona nas entrevistas, com base na ancestralidade negra desses moradores e moradoras de São Bernardo.

Com os(as) estudantes, visitamos 17 (dezesete) moradores entre os meses de junho, julho e agosto de 2019. Esses encontros foram agendados previamente pelo professor-pesquisador, que com antecedência confirmou horários e locais das gravações de cada entrevista, o que possibilitou a boa receptividade dos alunos e alunas nas residências visitadas.

Apresentamos, no Quadro 3 ilustrativo, a ordem das entrevistas. Importante ressaltar que por questões éticas, optamos por manter a identificação de todos os entrevistados, assim como a dos alunos e alunas, com o uso de pseudônimos ao longo da pesquisa. Nas entrevistas que foram ocorrendo em cada encontro, todas eram certificadas quanto ao uso de imagem, conforme termo em anexo nesta pesquisa.

Quadro3–Perfil dos moradores entrevistados

Dupla (alunos e alunas)	Entrevistados (as)	Idade	Pertencimento étnico-racial	Localidade	Profissão
Joana e Bruna	Angelica	59 anos	Branca	São Bernardo (sede)	Professora
Joana e Bruna	Pedro	96 anos	Negro	Povoado Cajueiro (zona rural)	Vaqueiro
Selma e Juan	Rosa	58 anos	Negra	São Bernardo (sede)	Professora
Selma e Juan	Tiago	37 anos	Negro	São Bernardo (sede)	Funcionário Público
Pedro e João	Alfredo	79 anos	Negro	São Bernardo (sede)	Escritor
Pedro e João	Irene	60 anos	Negra	Povoado Porções (zona rural)	Lavradora
Pedro e João	Benedito	49 anos	Negro	Povoado São José (zona rural)	Lavrador
Pedro e João	Francisco	41 anos	Branco	São Bernardo (sede)	Professor
Junior e Lúcia	Jacinta	61 anos	Negra	Povoado São Raimundo (zona rural)	Lavradora

Junior e Lúcia	Fatima	91 anos	Negra	Povoado São Raimundo (zona rural)	Lavradora
Junior e Lúcia	Bento	62 anos	Negro	Povoado São Raimundo (zona rural)	Vaqueiro
Junior e Lúcia	Luciana	46 anos	Branco	Magalhães de Almeida - MA	Professora
Junior e Lúcia	Raimundo	60 anos	Negro	Povoado Currais (zona rural)	Lavrador
Junior e Lúcia	Nilza	63 anos	Branca	São Bernardo (sede)	Pescadora
Junior e Lúcia	Zeca	78 anos	Negro	São Bernardo (sede)	Pescador
Lucas e Maria	Antônio	84 anos	Branco	São Bernardo (sede)	Escritor
Lucas e Maria	Bernardo	89 anos	Negro	São Bernardo (sede)	Lavrador

Fonte: Perfil dos moradores entrevistados.

Com base nas informações do quadro, podemos analisar a composição social, étnico-racial e cultural dos entrevistados: são 7 (sete) mulheres e 9 (nove) homens. No que se refere à localidade de residência dos entrevistados, 8 (oito) residem na cidade de São Bernardo, 1 (um) na cidade de Magalhães de Almeida e 7 (sete) na zona rural, em comunidades com tradição quilombola: São Raimundo, São José, Porções e Currais, no município de São Bernardo.

Desse grupo selecionado, essas comunidades historicamente aparecem como lugares baseados na ancestralidade negra, o que se confirma no pertencimento étnico-racial dos entrevistados: um total de 12 (doze) negros e 5 (cinco) brancos. As narrativas dos entrevistados que aparecem no documentário confirmam esse pertencimento, uma vez que a tradição oral desse grupo social preservou memórias sobre os processos de resistências dos negros escravizados durante o período da Balaiada. Muito embora, na própria cidade, entre os brancos que foram entrevistados, as narrativas também apresentem uma tradição oral baseada na ancestralidade negra.

Além da questão étnico-racial dos entrevistados, a idade avançada de alguns moradores, apesar das dificuldades para gravar as entrevistas, tornou-se importante, no sentido de que são “guardiões da memória” (HAMPATÉ B, 2010), uma vez que souberam preservar representações do passado negro, das origens da cidade e dos eventos da Balaiada. Os moradores da zona rural, pescadores e lavradores, são os que melhor apresentam suas narrativas, demonstrando serem possivelmente

descendentes desses escravizados, conforme os entrevistados que surgem no documentário sobre as memórias da escravidão e da Balaiada.

As narrativas dos moradores: Pedro (Povoado Cajueiro); Irene (povoado Porções); Jacinta (Povoado São Raimundo) e Fátima (Povoado São Raimundo) apresentam memórias sobre o cotidiano dos negros escravizados, as relações familiares e a violência sofrida pelos negros e a violência do recrutamento forçado pelos jovens lavradores.

Figura 12 – alunos durante as entrevistas com os moradores (Tiago; Pedro; Angelica; Fatima)



Fonte: Acervo do autor.

O senhor Pedro, vaqueiro aposentando, foi entrevistado pelas alunas Joana e Bruna, em sua residência no povoado cajueiro. Foi uma das entrevistas que trouxe à tona detalhes sobre os eventos de resistência dos(as) negros(os) no passado de São Bernardo, mencionando eventos que ocorreram em uma antiga fazenda, o cotidiano dos negros, as práticas de violência e as fugas contra as medidas arbitrárias durante a guerra da Balaiada. O vaqueiro, durante as respostas, sempre se referia à Balaiada como “guerra dos negros”. Essa referência confirma a tradição oral da ancestralidade negra em depoimentos dos moradores que foram entrevistados pelo pesquisador Mathias Assunção nesta mesma região, na década de 80.

Os moradores da zona rural distinguem dois momentos para mencionar a violência contra os negros escravizados. O primeiro é caracterizado como “tempo do cativo”, e o segundo como o “tempo do pega”. Para esses moradores entrevistados, o “tempo do cativo” refere-se às condições de violência, castigos, humilhações e

mortes que os negros sofriam no período da escravidão, e o “tempo do pega” é marcado pelo medo da população com o recrutamento forçado de jovens lavradores na época da guerra da Balaiada.

Nas narrativas dos moradores Alfredo; Benedito; Jacinta; Irene; Fatima; Bento; Raimundo e Bernardo, é mencionado o tempo do cativo, as práticas de violência e até as formas de resistência, com as fugas que ocorriam nas matas da região, dos povoados Currais, Quilombo, Santa Maria, Porções; lugares que os moradores informam que surgiu no “tempo do cativo”.

Nas entrevistas, entre os moradores, estritamente da zona rural, nos povoados São Raimundo, Currais Porções, a estrutura social escravista deixou marcas na localidade, nas relações de segregação racial entre os brancos contra os negros, mesmo em situação de liberdade. Para os moradores e moradoras Irene (Porções); Jacinta (São Raimundo); Fátima (São Raimundo); Raimundo (Currais), as famílias que moram nos povoados na condição de agregacia¹⁴, atualmente permanecem em situação de humilhação, “favores” dos seus patrões. Ao longo das entrevistas que estão no documentário, essas falas surgem entre os moradores da zona rural, nas comunidades que tiveram fazendas escravistas.

Sobre o recrutamento forçado dos jovens moradores da região, as entrevistas realizadas pelos alunos e alunas: Joana; Bruna; Pedro; João; Júnior; Lúcia; Lucas e Maria, com os moradores: Pedro; Alfredo; Benedito; Francisco; Jacinta; Nilza e Antônio, reforça a tradição oral de episódios de recrutamento ocorridos na cidade e nos povoados mais antigos do município, como Santa Maria, Currais e São Raimundo. Os senhores Alfredo e Antônio, ambos, os escritores e os moradores da cidade sustentam que a presença do exército na época da guerra, na região de Brejo e São Bernardo, gerava medo e recrutamento forçado de moradores, que era um recurso de grande violência sobre a população livre e pobre, especialmente jovens lavradores, no período colonial.

Já para o senhor Raimundo (Povoado Currais), a maioria dos homens e meninos escondeu-se nas matas da região, como ele mesmo diz ter ouvido dos seus antepassados. Os três moradores também narram o chamado dia “Tempo Pega”, em

¹⁴ Agregacia significa relação de moradia sobre condições de fazendeiros. É uma categoria gestada pelo latifúndio, comparada a uma espécie de servidão e aprisionamento, que corresponde às relações de trabalho de arrendamento, no qual o agregado é obrigado a dar parte do que produz como pagamento pela utilização da terra.

que jovens lavradores foram recrutados à força nas redondezas da igreja matriz da vila. Sobre esse episódio, os senhores Alfredo e Antônio confirmam que “os mais antigos contavam para eles”, sendo uma tradição oral dos antepassados, reproduzida até os dias atuais.

Figura 13 – Alunos durante as entrevistas com os moradores (Francisco; Irene; Alfredo; Rosa)



Fonte: Acervo do autor.

Sobre a força da ancestralidade presente nas narrativas, duas memórias sobre episódios no passado da cidade de São Bernardo aparecem nas entrevistas feitas pelos alunos Júnior e Lúcia, com as moradoras Jacinta (Povoado São Raimundo) e Nilza (Cidade de São Bernardo). A primeira moradora, em sua entrevista, deu detalhes da presença de antepassados na guerra, sendo que um homem de sua família foi recrutado e “levado” a participar do conflito. Sobre a participação na guerra, dona Nilza, pescadora e antiga moradora do Povoado Lagoa do Bacuri, que fica na divisa entre os municípios de São Bernardo e Magalhães de Almeida, narra a participação do seu avô, que não foi recrutado à força, mas exercia cargo militar na região, e durante a revolta popular, participou dos episódios finais da guerra.

O recrutamento forçado que a senhora Jacinta narra aponta para a base da sociedade do interior maranhense na época da Balaiada, especialmente a região do Baixo Parnaíba, os pobres livres e os negros escravizados. Eram populações

obrigadas a participar do recrutamento, os jovens lavradores permaneciam nas matas fugindo e tentando evitá-lo quando possível. Segundo Mathias Assunção (2015, p. 343): “O período de recrutamento maciço assume grande importância a tradição oral, sendo conhecido como o “Tempo do Pega”.

Figura 14 – aluno E.M. entrevistando as moradoras Jacinta e Nilza



Fonte: Acervo do autor.

A narrativa das duas senhoras, uma lavradora e a outra pescadora, descendentes de famílias negras nos povoados mencionados, carregam essas memórias que se sustentam na tradição oral presente na região do Baixo Parnaíba Maranhense, no sentimento meio difuso de ancestralidade, relacionado à família. São fragmentos preservados e reproduzidos que confirmam essa tradição, especialmente em comunidades de ancestralidade negra. Portanto, são homens e mulheres descendentes e repletos de histórias e tradições culturais negras na região.

3.2.1 A fazenda “Paraíso”

Indícios seguidos a partir das perguntas sobre as origens da cidade e sobre a escravidão levaram ao rastro da Fazenda “Paraíso¹⁵”. As narrativas dos moradores e

¹⁵ Cabe mencionar o peso da escravidão na região, a casa – grande ou fazenda Paraíso é um desses lugares de memória que encontramos no São Raimundo, povoado de São Bernardo. Outrora, a fazenda pertenceu aos jesuítas, ao longo do século XVII, com missões para catequese dos índios Anapurus. Os jesuítas tinham ainda, outras propriedades na região, tais como: Santa Maria, Bacuri e Santo Agostinho. Com a expulsão dos jesuítas do Grão – Pará e Maranhão no século XVIII, as propriedades dos religiosos na região passaram a administração de portugueses, autoridades locais, a exemplo do tenente-coronel da Guarda Nacional João de Deus Pires Ferreira, que ao longo do século XVIII e XIX se tornou dono dessas propriedades em toda a região, mantendo plantações de algodão e cana de açúcar nos engenhos, tendo a mão de obra escrava em todas as feitorias com senzalas, especialmente na “Casa Mãe” dos Pires, a fazenda Paraíso. No século XX a fazenda

moradoras descendentes de uma tradição oral que se constituiu nas comunidades de São Bernardo e região mencionam os lugares do “tempo do cativo”. Não se trata aqui de fazer a história da escravidão no município de São Bernardo, uma vez que há pesquisas no Maranhão que buscam dimensionar e explicar o sistema escravista em diferentes localidades do estado e na própria região do Baixo Parnaíba Maranhense¹⁶. Porém, ao longo das entrevistas realizadas pelos estudantes, nos povoados São Raimundo, Currais, Santa Maria e Cajueiro etc., as narrativas dos moradores foram mencionando a fazenda “Paraíso” como um lugar associado ao “tempo do cativo”. Segundo o historiador Matthias Assunção (1988, p. 84), o cativo é associado às casas grandes e feitorias, “cujas ruínas salpicam a paisagem do Maranhão antigo”.

Nas entrevistas realizadas nos povoados São Raimundo, local em que se encontra a fazenda “Paraíso”, as narrativas dos moradores e moradoras: Pedro (vaqueiro); Jacinta (lavradora); Fátima (lavradora) e Bento (vaqueiro) foram se estabelecendo com conexões a partir da fazenda e da senzala, como locais do “trabalho cativo”; “a violência e a sua resistência”.

Os alunos Júnior e Lúcia, entrevistando esses moradores, colheram histórias repletas de ancestralidades, sobre as relações de trabalho. As moradoras Jacinta e Fátima informam que a antiga fazenda, no passado, era um local de prosperidade econômica na região, por abrigar uma família “rica”, que “colocava os negros pra trabalhar dia e noite”, tendo uma senzala ao lado da casa grande. As narrativas das duas senhoras mencionam a segregação racial, com a separação de cemitérios para brancos e negros, castigos físicos que ocorriam cotidianamente, assim como as fugas, gerando formas de resistências na época.

Para o vaqueiro Bento, as formas de resistência ocorriam pela “sabedoria dos negros”, que criavam maneira de escapar dos castigos. O vaqueiro narra a lenda da morte de um animal na fazenda, que obrigou os negros a criar estratégias para não serem castigados pelos patrões. A mesma lenda narrada pelo vaqueiro surge na entrevista com a senhora Irene, no povoado Porções, conforme apresentamos no documentário.

sobreviveu aos cuidados do Sr. Ozéas Tobias. Atualmente pertence ao Sr. Júnior Esperança, morador de São Bernardo.

¹⁶ VIANA (2018); GOMES (2015); ARAÚJO (1998); JACINTO (2000).

O senhor Pedro narra que os “negros do paraíso” construíram a casa grande, muitos sofriam castigos, usavam correntes e eram castigados pelos patrões; essa mesma narrativa surge nas falas da senhora Jacinta e do senhor Alfredo.

Entre as narrativas, somente a fala de um morador levou a rastros da fazenda “Paraíso”, com as experiências de resistência da Balaiada. Para o vaqueiro Pedro (96 anos), os negros escravizados na fazenda participaram do conflito, organizando formas de resistência nas matas e nos rios da região.

Figura 15 – Fazenda Paraíso (Povoado São Raimundo)



Fonte: IBGE.

A fazenda (ver figura 15) é onde se encontram os principais signos (casa de forno, casarão, alambique), enfim, os marcos históricos que a memória dos moradores (as) remete ao “tempo do cativo”. Entretanto, também é na fazenda que estão os signos da resistência nas ruínas da antiga senzala e na tradição oral dos moradores dos arredores ancestralmente descendentes de escravos (CARDOSO, 2013). “Paraíso” representa um lugar simbólico para os moradores do povoado São Raimundo, “indícios” patrimoniais de sobrevivência da Balaiada em São Bernardo.

3.2.2 A “trincheira de pedra”

A guerra da Balaiada deixou marcas em diversas partes da região leste maranhense; em lugares, caminhos antigos, fazendas, senzalas, cidades e povoados. Em cada lugar, as populações negras souberam preservar memórias dos eventos, mencionando as matas, os rios e lagoas como lugares usados pelos rebeldes, que

adotaram técnicas de guerrilha, montando acampamentos e trincheiras de pedra. Segundo a pesquisadora Claudete Maria Miranda Dias (2014, p. 161), as margens do rio Parnaíba, na divisão do Piauí com o Maranhão, tornaram-se um espaço de resistência, com a tática de guerrilha dos grupos envolvidos, “adotando a ocupação das matas, os ataques surpresa, a mobilização utilizada, enfim, toda uma gama de ações que marcaram o movimento”.

Nas entrevistas que os alunos realizaram com os moradores e moradoras da zona rural, esses atestam a importância das matas, dos rios e lagoas como locais de refúgio contra a opressão que os negros escravizados sofriam no passado, usando outros lugares para viver, formando as comunidades quilombolas. Eram conhecedores dos caminhos e das trilhas e formaram núcleos familiares, conforme apontam os moradores Irene (Povoado Porções); Francisco (São Bernardo) e Jacinta (São Raimundo).

Com o uso dessas técnicas de guerrilha pelos grupos em movimento na guerra, surgiram trincheiras que, infelizmente, atualmente não existe nenhum cuidado com as ruínas desses lugares em diferentes comunidades na região do Baixo Parnaíba, os proprietários das terras em que estão esses monumentos da época da guerra não os valorizam, perdendo-se em completo abandono. Uma das nossas entrevistadas (Professora Luciana) mencionou a existência de uma trincheira de pedra, no município de Magalhães de Almeida, cidade vizinha a São Bernardo.

Entrevistada pelos alunos Júnior e Lúcia, a professora Luciana, conhecedora da história do município de Magalhães, menciona que a trincheira é da época da Balaiada, pois os moradores mais antigos da região onde está localizada (Pov. Bebedouro de São Pedro), afirmam que a trincheira foi um acampamento dos balaios às margens do rio Parnaíba. O pequeno povoado fica dentro de outro que leva o nome de “Trincheira” na qual os moradores atribuem a origem advinda de uma “guerra por estas bandas”.

Ao longo do tempo, as pedras da muralha se desprenderam, mas há vestígios, em todo o sítio, de um “desenho”, dando a entender que ali foi um local estratégico ou um acampamento. O local ainda apresenta um pilão feito de pedra que dá a entender que os alimentos eram preparados ali mesmo, pelos rebeldes.

A localização da muralha ajuda a compreender as estratégias de combate e as formas de resistência com a movimentação constante dos rebeldes nas matas e nos rios da região. Para Claudete Dias (2014, p. 163): “as matas ofereciam segurança

para a reunião dos grupos e condições para organizarem as ações de resistência”. Para essa autora, as matas “serviam como refúgio e abrigo para as famílias e feridos, ao mesmo tempo que forneciam recursos para alimentação.” (DIAS, 2014, p. 163).

O peso da transmissão memorialística dos lugares da Balaiada atravessa gerações; são memórias compartilhadas por grupos sociais negros que detém as representações do passado, dos eventos, tal como a Balaiada, em uma relação com seus antepassados.

Figura 16 – Muralha de pedra no Povoado Bebedouro de São Pedro (Magalhães de Almeida/MA)



Fonte: Acervo do autor.

Nos indícios dessa trincheira, a professora Luciana, durante a entrevista, mostrou fotografias do lugar, reclamou da falta de cuidado pelo Poder Público, que vem realizando visitas ao local e conversando com os moradores, muitos deles, seus familiares, descendentes dos primeiros moradores do povoado. Eles que souberam preservar a trincheira e mantêm uma relação de proteção com o patrimônio perdido.

3.2.3 Percepção do alunado

Todo o itinerário da prática inovadora com as entrevistas realizadas pelos alunos e alunas com os moradores e moradoras trouxe novas interpretações e percepções que foram sendo dimensionadas a partir de algumas anotações que os próprios alunos(as) fizeram, com base nas entrevistas. A inclusão de diários de campo

não saiu como esperávamos, pois, boa parte das duplas não produziu seus diários, conforme solicitamos, com o registro detalhado das visitas aos moradores na cidade e nos povoados da zona rural.

Tendo como objeto de pesquisa a cidade com povoados e com sujeitos, os moradores e suas memórias tornam necessário que pensemos como as narrativas foram se constituindo e como os alunos foram percebendo a importância da oralidade e sua tradição na comunidade. Com isso, selecionamos algumas anotações dos diários, que dão uma dimensão da percepção dos estudantes sobre os encontros realizados, os detalhes e as subjetividades.

Em cada entrevista, eles observaram diferentes narrativas dos moradores e foram reconhecendo que o passado é representado de acordo com as experiências e sociabilidades dos sujeitos, não apenas aquele passado colonial das culturas hegemônicas presentes nas narrativas do material didático, nos livros de História (SANTOMÉ, 1995), mas as narrativas desses moradores, descendentes de negros que foram escravizados, famílias negras que preservam memórias de gerações trouxe à tona uma contranarrativa negra com os processos de resistência desse grupo social em São Bernardo e na região do Baixo Parnaíba Maranhense, que com o avançar das leituras trouxe aprendizagens ao ensino de História.

Alguns trechos dos diários que foram analisados pelos alunos e alunas conseguiram ampliar a experiência, realizando novas interpretações sobre alguns temas que foram surgindo, a “escravidão” e a “Balaiada” foram temas que tiveram outras interpretações, a partir das experiências dos alunos com as narrativas dos moradores.

Destacam-se, das narrativas dos diários, as interpretações dos alunos sobre a Balaiada e a escravidão, do ponto de vista da região, localizando lugares, as relações de trabalho, a violência e as estratégias de resistência, conforme observamos nos trechos do diário do aluno C.E.C.M:

“[...] Ela nos mostrou diversos vestígios da escravidão que ocorreu naquela região há muito tempo atrás. Nos contou ainda que a mãe de criação dela contou várias histórias, entre uma delas, ela falou que a escravidão existiu nos Currais, com muito sofrimento e violência contra os pretos”.

Nesse relato, o aluno descreve a região de uma comunidade de São Bernardo, que no passado existia trabalho escravo; detalhou o tempo histórico, o lugar e o

cotidiano de violência dos pretos. A designação “preto” remete à interpretação das origens étnicas; o aluno usa o mesmo nome que foi narrado pela entrevistada, dando a entender que a designação faz parte de uma geração que lhe faz uso, referindo-se às populações mestiças das comunidades rurais.

Nas entrevistas, por diversas vezes a designação “preto” surge na memória oral dos moradores. Segundo a pesquisadora Maria de Lourdes Janotti (2005), essa conotação de “pretos” é usada genericamente entre as populações sertanejas do interior do Maranhão, que se associa a escravos. Logo, tal conotação pode ser positiva ou negativa para se interpretar a população negra.

Sobre os lugares e sua relação com a Balaiada em São Bernardo, surgem dois registros nos cadernos que apresentam a fazenda “Paraíso” como lugar de memória, por onde ocorreu escravidão e sua relação com a Balaiada, conforme se vê no trecho a seguir, do diário do aluno Juan.

“[...] até nos lembrou da fazenda Paraíso, dos escravos que na aula oficina tivemos conhecimento que era um lugar de escravos. [...] Falou também que os negros escravos da fazenda Paraíso participaram da guerra da Balaiada. ele disse que a fazenda é a mais antiga da região”.

A narrativa do aluno trabalha o tempo histórico da escravidão, localiza lugares que sua entrevistada relatou, cita a fazenda e a participação dos negros na guerra. É importante perceber processos de resistência, como foi citado pelo aluno, a guerra da Balaiada e a presença dos negros.

Neste sentido, os trechos analisados trazem à luz questões da presença negra no movimento Balaiada, as estratégias de resistência, o reconhecimento de outros lugares da guerra, como a fazenda “Paraíso”, que constantemente surge nas narrativas dos moradores entrevistados e na percepção do aluno.

É importante essa percepção produzida por esses alunos, uma vez que no material didático as leituras sobre a escravidão e o movimento Balaiada ainda carece de outras interpretações, que considerem as resistências, a memória política e a cultura dos negros, bem como as visões de mundo nas representações do passado. Segundo Santomé (1995, p. 161), na cultura escolar, as vozes desses grupos sociais negros são silenciadas nas salas de aula, “grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciados, quando não estereotipados e deformados, para anular suas possibilidades de reação”.

Deste modo, as experiências dos alunos e alunas permitiram o contato deles com os sujeitos e suas memórias do lugar onde vivem. Muitos dos acontecimentos narrados jamais foram compartilhados em outros espaços da vida dos alunos. Desse modo, a percepção do caráter social e educacional da memória se tornou mais evidente. Permitiu-se que essas experiências de gerações antecessoras fossem incorporadas no processo de aprendizagem dos jovens.

A realização das entrevistas com as aulas-oficinas de preparação, o uso da História Oral possibilitou uma prática inovadora fora da sala de aula, foi uma das experiências que os estudantes mais se sentiram confortáveis de realizar, pelo contato com outros lugares da cidade, até então pouco conhecidos por eles. Obviamente que também tivemos dificuldades pelo caminho, seja pelo material audiovisual (microfone e câmera deram problema), barulho em algumas gravações, pessoas que não tiveram interesse em participar, alguns alunos se ausentaram, mas toda a situação ensinou o grupo a aprender a trabalhar em equipe, solucionar problemas que emergiam, uma vez que se sentiam responsáveis pelo trabalho bem feito do documentário. Ou seja, foram construindo uma postura sobre o próprio lugar onde vivem.

Outra dificuldade ocorreu na negociação entre os alunos, quando acertamos as entrevistas no mês de julho e nos finais de semana, período de férias, que na escola ocorre aulas de reforço para o ENEM, do Projeto “Terceirão não tira férias”, em que os encontros ocorrem aos sábados, justamente o dia que usamos para realizar as entrevistas. Com isso, tivemos que negociar horários e, muitas vezes, aguardávamos os alunos concluírem as aulas de outras disciplinas para, em seguida, dirigirmo-nos ao encontro dos entrevistados, na cidade ou na zona rural.

Os alunos avaliaram todo o processo positivamente. No decorrer de conversas, questionamos sobre o que aprenderam, e observamos que as aprendizagens ocorreram no reconhecimento do passado do lugar, no protagonismo, na visão crítica sobre as memórias e a convergências de interpretações. Assim, se por um lado, o engajamento dos estudantes motivou a produção das entrevistas, por outro, houve também escuta aos mais velhos, percebendo as memórias como parte da comunidade à qual pertence, mediante o reconhecimento dos lugares, de acordo com as memórias, ligadas à vida presente e ao cotidiano dos sujeitos entrevistados.

Desde o início das atividades, ainda na escola, o professor-pesquisador informou aos alunos que essa oficina tinha o objetivo de entrevistar os moradores, e a partir dos dados coletados, produziríamos o documentário. Explicamos que eles

deveriam olhar os entrevistados e a cidade como nossa “fonte de informação”, para a construção de conhecimento histórico. Com as entrevistas realizadas, tivemos a percepção que a cidade, de fato, oferece um grande acervo de fontes históricas, com as quais os alunos até estão familiarizados, mas que não conseguem interpretar de forma crítica, observando os sujeitos da cidade, os encontros, os lugares.

Os estudantes conseguiram entender que o conhecimento é vivo, cotidiano, presente, que envolve todos e todas da cidade, e não somente a narrativa de um passado distante, insípido, monótono, que eles e elas não se encontravam, nos livros e nas aulas de história.

3.3 “O tempo do pega”: experiências de aprendizagem histórica e de história pública em São Bernardo

Nesta pesquisa, ações desenvolvidas com estudantes e moradores tornaram-se um trabalho de escuta, com as inúmeras visitas aos sujeitos, aos lugares, às memórias, às subjetividades (PORTELLI, 1997). As diferentes versões que foram surgindo em cada entrevista formaram um amplo material visual e oral, colhido nos encontros, com a participação dos estudantes.

Com o material em mãos, realizamos as últimas etapas da proposta de construção do produto didático-pedagógico, com as narrativas dos sujeitos, moradores antigos da cidade e das comunidades rurais e as percepções dos estudantes sobre as entrevistas, que serviram para produzir o documentário na ilha de edição, com ajuda de um técnico em audiovisual.

Tamanho desafio em construir um documentário, como parte das aulas-oficinas, a primeira de sensibilização, a segunda com a construção das entrevistas e sua respectiva execução em campo, surgiu a necessidade de roteirizar e editar o material, seguindo uma lógica fílmica, de pré-produção, produção e pós-produção.

Em um primeiro momento, pensamos em apresentar as entrevistas em sala de aula, descrevendo todas, com a comparação e contraposição de informações colhidas, até construir o roteiro e, assim, editar o material. Mas devido às mudanças que ocorreram na dinâmica de trabalho da escola, em meados de setembro, por conta do ENEM, mudamos as etapas e procuramos o apoio de um profissional audiovisual, de maneira que trabalhamos dentro da escola, com a construção do roteiro, em uma sala de estudos e, logo depois, gravações de externas com alunos em diferentes

espaços da cidade. Desse modo, a análise crítica dos relatos ocorreu mediante a participação dos alunos, de um técnico audiovisual e do professor-pesquisador, que acompanhou todo o trabalho, na escola e fora dela.

Focamos, em um primeiro momento, na pré-produção do documentário. Com as duplas, reunimos o material e fomos estabelecendo os três momentos da sequência fílmica: “surgimento da cidade”; “memórias da escravidão”; “memórias da balaiada”; essa sequência surgiu na primeira aula-oficina, na qual os grupos de alunos decidiram traçar a temática para, assim, constituir as perguntas com os entrevistados e, posteriormente, o roteiro do vídeo. A partir desse objetivo, fomos traçando o desenho do roteiro; as adaptações ocorreram logo depois, na fase em que o técnico audiovisual sugeriu as sequências de imagens, a trilha sonora, as legendas e os efeitos visuais.

Contratamos o serviço técnico do Prof. Wilbert Castro¹⁷, que atua com filmagem, edição e criação de material virtual na cidade. O diálogo com ele tornou-se constante, especialmente na fase de edição e inclusão de adaptação ao roteiro, com os requisitos técnicos das diferentes fases de produção que realizamos com ele, na escola e no estúdio.

Com os alunos, realizamos a construção do roteiro, considerando, em um primeiro momento, as narrativas que surgiram nas entrevistas. Focamos nos três temas que desenharam a narrativa do documentário, visando explorar e representar a realidade de forma subjetiva e parcial. Segundo Gusmán (2016, p. 21), “roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim”. Dessa forma, para a produção do roteiro seguindo os três temas da sequência fílmica, focamos nas entrevistas, recortando as partes necessárias que seriam usadas no documentário.

Nessa etapa, extremamente complexa, uma das primeiras inquietações que nos ocorreu foi: “como selecionar as narrativas dentro de um prazo tão curto?” A resposta foi ganhando corpo através de conversas com o técnico audiovisual e leituras de técnicas pedagógicas do uso de História oral na sala de aula. Incluímos a seleção

¹⁷ O professor Wilbert Castro, funcionário da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia de São Bernardo-MA, ajudou-nos na construção do roteiro e edição do documentário. Os serviços foram de forma particular, contrato de trabalho, com gravações de externas, uso de equipamentos eletrônicos: microfone, computador, drone. As gravações de externas pós-produção do roteiro, usamos um drone que captou imagens dos espaços públicos com os alunos e alunas narrando os acontecimentos da origem da cidade, do passado de escravidão, os lugares e memórias da Balaiada conforme as entrevistas e o roteiro.

das narrativas usando o processo chamado de minutagem, processo alternativo a transcrições de entrevistas, que consiste em construir “um arquivo de texto contendo os temas e os minutos/segundos a que eles se referem.” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 127).

Essa orientação de trabalhar com a escuta e o registro dos minutos/segundos que serão usados na construção do vídeo, demandou organização e escuta, por parte das duplas, que se debruçaram para que eles mesmos escolhessem as partes que deveriam compor o documentário. Em reunião com os alunos, apresentamos a ideia e todos aceitaram, uma vez que o processo de transcrição de entrevistas levaria meses, e as duplas não teriam tempo suficiente para registrar e selecionar apenas as partes principais, seguindo os três temas do roteiro de entrevista.

Aproximava-se o ENEM, e a rotina pedagógica da escola voltava-se totalmente para o preparo dos alunos para esse exame, por serem estudantes de terceiro ano. A ansiedade quanto à realização do exame atrapalhou em alguns momentos no engajamento deles em outras atividades, pois alguns alegavam falta de tempo disponível, quando apresentamos a minutagem, para assim dinamizar o trabalho com a ajuda deles. Houve maior aceitação e engajamento, para assim concluir a proposta didática.

O processo de minutagem dinamizou o tempo, os alunos tiveram maior protagonismo para organizar os arquivos, muitas vezes realizavam encontros em suas casas, na escola, ouvindo cada parte e anotando os trechos que foram usados no roteiro. Segundo Santhiago e Magalhães (2015, p. 127), “a minutagem tem serventia porque, sempre que for necessário acessar um determinado trecho das entrevistas (sobre o tema que se busca), será possível ir direto a ele, em vez de ouvir a entrevista na íntegra mais uma vez”. Na reunião que realizamos em uma sala da escola, apresentei a necessidade de usarmos a minutagem, mostrei exemplos que ajudariam o grupo a se familiarizar com a maneira da transcrição.

Na apresentação de um modelo de minutagem, explicamos aos alunos que a escuta, o olhar atento sobre a entrevista que eles realizaram seria muito importante, para assim selecionar as partes conforme as explicações. Todos os detalhes foram explicados a fim de valorizar as partes das entrevistas em cada minutagem. Explicamos a necessidade de que todas as duplas ouvissem as entrevistas, usando fone de ouvido, caderno para anotações ou computador para digitar as informações, sendo necessária a inclusão de cabeçalho do arquivo, com o nome do entrevistado,

da dupla, a data e a duração da entrevista. Logo em seguida, houve o registro dos minutos/segundos desejados pela dupla com as narrativas dos sujeitos que farão parte do vídeo.

No anexo da pesquisa, consta a minutagem das duplas e o roteiro usado para construir o documentário. Em meados de setembro de 2019, cada dupla realizou o processo de escuta e olhar atendo ao vídeo, separando as partes que desejavam incluir no documentário, seguindo o roteiro das perguntas temáticas. Como os arquivos das gravações estavam na memória de um celular e de uma câmera, que usamos durante as entrevistas em campo, reunimos todo o material e distribuímos entre as duplas, usando *pendrives*. Para isso, cada dupla recebeu apenas o seu arquivo correspondente às entrevistas que realizaram.

Acompanhamos o processo conversando com as duplas, tirando dúvidas e emprestando nosso computador pessoal para aqueles que não tinham como acessar os arquivos usando *VLC media player*¹⁸. Cada dupla realizou o processo de escuta dentro do seu próprio tempo, cuidadosamente ouvindo cada pergunta e as respostas que os sujeitos apresentaram; com isso, as duplas elegeram as partes que desejavam incluir na minutagem.

Com as informações colhidas, algumas duplas levaram três semanas para concluir o trabalho, digitar o material, conforme o exemplo que entregamos, e novamente acompanhamos o processo, recebendo o material que posteriormente seria ouvido e assistido pelo professor-pesquisador e pelo técnico, e as partes seriam incluídas no roteiro que resultaria no vídeo produzido.

Por se tratar de uma atividade em conjunto, dividimos as tarefas na pré-produção do vídeo. Com transcrições em mãos, seguimos as anotações de acordo com a visão de cada dupla, e assim arquivamos as partes em um computador do técnico que nos acompanhou na elaboração do roteiro. Junto com ele, fomos recortando as partes, montando a sequência fílmica, considerando, em primeiro momento, as narrativas sobre a origem da cidade; logo em seguida, recortamos as falas sobre as memórias do passado de escravidão e, por fim, o registro das memórias sobre o passado da Balaiada em São Bernardo.

¹⁸ Média player é um tocador multimídia que usa a versão tanto em celulares quanto em computadores (*notebook*), com poucos recursos, é similar ao *Windows Média Player*. Em sua tela é possível acompanhar o tempo da mídia exibida, com minutos e segundos. Recomendamos o uso desse recurso para registrar e selecionar as partes.

Nessa etapa, trabalhamos com a ajuda do técnico, que, usando programa¹⁹ próprio, fez os cortes e separou as partes que seriam usadas na construção do vídeo. Ao final, assistimos e ouvimos todas as falas e notamos a necessidade de adaptações para que não houvesse uma quantidade demasiada de informações ao longo do vídeo. Nosso objetivo era valorizar as narrativas dos sujeitos, sem com isso apenas cristalizar memórias individuais, sem qualquer relação com os lugares. Nesse sentido, fomos observando cada ponto, cada registro e, assim, construindo as partes.

Com o cruzamento das falas, observando a forma como os moradores foram respondendo às questões que envolvem o passado da localidade, fomos construindo o desenho do roteiro, resguardando os sentidos e objetivos do vídeo, em relatar a tradição oral, baseada em memórias coletivas de grupos de trabalhadores rurais, donas de casa, pescadores, artesãos; muitos deles descendentes de comunidades quilombolas. Problematizando o esquecimento/desmemoriamento da região, mencionando os lugares e as memórias da Balaiada. Mas por outro lado, apresentando as diferentes versões e perspectivas da origem da cidade e sobre o passado das memórias de resistência negra, uma vez que se tornou possível agrupar falas que informam lendas, histórias sobre esse passado, memórias de gerações que foram constituindo as memórias coletivas, conforme se apresentam no documentário.

Com a análise das falas e com a melhor compreensão do que deveríamos incluir no vídeo, surgiu a necessidade de criarmos uma narrativa histórica relacionando as três partes do roteiro, com a participação dos alunos. Organizamos o texto para gravar as externas, considerando manter a linguagem formal, simples e objetiva, uma narrativa com detalhes apresentando o documentário, problematizando o passado da cidade e apresentando as versões com as memórias dos sujeitos.

Os trechos gravados apareceriam no início do documentário, entre as falas dos moradores, nas três cenas e no final, sempre intercalando com imagens e sons, enquadrando-se, em uma produção de sentido, ao documentário. Um dos elementos fundamentais na gravação das externas deveu-se à ampla participação e protagonismo dos estudantes, interagindo na construção do documentário, dando sentido aos usos do passado, no estabelecimento da polifonia, entre textos que ganham vida mediante as vozes dos sujeitos dessa pesquisa.

¹⁹ Com a ajuda do técnico, usamos o *software* de edição “Vegas Pro”, que combina, separa e edita vídeo em alta qualidade, com combinação de áudio. Existem muitos outros programas de edição, mas a recomendação de usarmos se tornou o mais razoável.

Desenhamos a estrutura geral do documentário seguindo a perspectiva de construção de um “texto videográfico”, segundo a abordagem de Ana Maria Mauad e Fernando Dumas (2011), em “Fontes orais e visuais na pesquisa História”. As pesquisadoras usam esse termo para valorizar o trabalho sobre a construção de documentários, a partir de uma abordagem histórica, com o uso de fontes, visuais e sonoras na produção de sentido, sem perder de vista os significados e as implicações em torno da produção das narrativas.

A relação entre história e trabalho cinematográfico se torna um diálogo, com modalidades técnicas do profissional de vídeo/cinema, e com a parceria de historiadores, com a análise das fontes e o tipo de enunciação. Segundo Dumas e Mauada (2011, p. 91), “as estratégias de elaboração dessa nova modalidade de escrita da história contam com a ampliação do diálogo entre conhecimento histórico e produção audiovisual, através do trabalho em parceria”. Desse modo, na construção do nosso roteiro, seguimos a parceria em produzir o texto videográfico, com as representações do passado, a fala dos entrevistados e dos alunos, sobre os temas em questão, sem deixarmos de lado o trabalho técnico, de edição, efeitos virtuais, áudio, imagem e roteiro de cena.

Obviamente que adentramos em outros espaços até então pouco conhecidos em ambiente escolar. Mediante esse diálogo, realizamos a parceria que contou com os alunos protagonistas nas gravações de externas, em diferentes espaços da cidade e região. Optamos por realizar as gravações em espaços que foram mencionados pelos entrevistados, e outros por sugestões do técnico, para melhor visualização das cenas, valorizando diferentes lugares da cidade. Essas externas foram filmadas para serem associadas ao conjunto de imagens com as partes das entrevistas, seguindo o modelo temático dos três momentos que já mencionamos, considerando a cidade, as diferentes narrativas do passado, os lugares e memórias da Balaiada no tempo presente. Tudo isso garantiu o efeito necessário e, assim, a composição do roteiro.

Os textos das falas dos alunos foram produzidos por este professor-pesquisador, considerando a relação das anotações dos estudantes, as falas dos moradores e a intensa experiência de contato com os sujeitos, mediante as entrevistas. O nível da narrativa equivale à apresentação de um texto videográfico, produzido com o enredo simples e de fácil compreensão, sem perder a qualidade da

pesquisa-ação²⁰. Além disso, os alunos tiveram participação na construção textual, tendo incluídas suas sugestões, dialogamos constantemente, em encontros que ocorriam na sala de reuniões da escola, que se tornou um espaço que usávamos para organizar as ações do material didático-pedagógico. Nessa etapa, devido às outras atividades de preparativo do ENEM, como já mencionamos, somente 8 (oito) alunos ajudaram na gravação do roteiro e edição; os demais estiveram envolvidos em outras ações ao final do documentário, sendo assim, um trabalho em conjunto e muito bem articulado na escola.

Nas externas, gravamos com os seguintes alunos: Júnior; Joana; Lucas; Fábio; Selma; João; Pedro e Tina. Cada um recebeu o roteiro com os textos, realizamos encontros para as adaptações e com o prazo de duas semanas iniciamos com eles as gravações. Novamente usamos os finais de semana, por serem horários disponíveis ao grupo. Com a ajuda do técnico de áudio/vídeo, traçamos as gravações, primeiro na cidade, e logo depois, nos povoados e regiões; ao todo realizamos 12 (doze) cenas, que são apresentadas por um conjunto de falas e imagens ao documentário.

O material audiovisual usado, tal como microfone, câmera e um drone, que captou imagens aéreas dos espaços onde gravamos as externas, a padronização das imagens, o enquadramento, com a posição dos alunos, todos esses recursos foram organizados pelo professor Wilberth (técnico), que nos acompanhou em todas as etapas de produção e edição do material. Ainda assim, acompanhamos também todas as fases, sugerindo, manuseando os equipamentos, conhecendo, junto com os alunos, como seriam usados, em cada gravação, visto que o uso desses equipamentos vai além do simples, o que exige preparo e muita disposição para propor o enquadramento das cenas. Segundo Santhiago e Magalhães (2015, p. 92), “devem-se conhecer todos os recursos e equipamentos utilizados [...] e atentar ao seu funcionamento simultaneamente, especialmente devido à necessidade de manter o foco e o enquadramento”.

²⁰ Optamos por não incluir o roteiro do documentário dentro do capítulo, pois seria de difícil compreensão e ocuparia um espaço de vinte e sete laudas. Desse modo, incluímos o roteiro completo nos anexos, e mediante análise descritiva, mencionamos as cenas, nas quais podemos tomar conhecimento, e leitura do roteiro, consultando o mesmo ao final do texto.

Figura 17 – Gravação do roteiro



Fonte: Acervo do autor.

Gravamos as 12 cenas em diversos lugares, dentre os quais mencionamos os citados pelos moradores nas entrevistas e outros espaços escolhidos pelos alunos para compor as cenas, que são: Igreja Matriz, Praça do “Santo”, Praça do Mercado Municipal, Praça da Prefeitura, Balneário Rio Buriti, Ponte sobre o Rio Parnaíba (divisa de São Bernardo com Luzilândia-PI), Lagoa do Bacuri (Magalhães de Almeida - São Bernardo), Fazenda Paraíso (Povoado São Raimundo), Povoado Trincheiras (Magalhães de Almeida), Povoados São José, Porção, Currais, Fazenda “Canta Galo”, que fica na cidade, no bairro Abreu. Obviamente que esses lugares escolhidos para as gravações decorrem, em grande parte, dos depoimentos dos entrevistados, que foram mencionando essas localidades, tais como o rio, a lagoa, a fazenda e a trincheira de pedra.

As cenas 11 e 12 ocorreram em Magalhães de Almeida. Deslocamo-nos ao município, e com a ajuda de uma das entrevistadas, gravamos no povoado Trincheira e no Bebedouro de São Pedro, dois locais que se encontram a trincheira de pedra, no alto de um morro, dentro das matas; os moradores mais antigos atribuem ser um dos lugares usados pelos balaios durante a guerra. Nos depoimentos do documentário, o local é lembrado e constantemente mencionado nas narrativas.

Nos outros lugares que visitamos durante as gravações das externas, recebemos a ajuda dos próprios moradores que deram seus depoimentos aos alunos; essa proximidade e o contato com eles facilitaram nosso trabalho, resultando em

registro de vídeo dos lugares, do uso do drone nas cenas, captando a paisagem e o enquadramento dos alunos que participaram com desenvoltura nas cenas.

Figura 18 – Gravação do roteiro, Povoador Currais (São Bernardo)



Fonte: Acervo do autor.

Seguindo o roteiro como guia, concluímos as gravações e voltamos para a edição do material, incluindo a sequência, as cenas filmadas pelos alunos e cenas de entrevistas filmadas. No meio desse trabalho intenso surgiu um problema técnico: durante as gravações usando drone, o barulho do aparelho atrapalhou as gravações de áudio, tendo sido necessário, em estúdio, sincronizar imagem e som. Organizamos as gravações de voz na residência do Prof. Wilberth, que montou a sequência de vídeos, e usando um microfone, cada aluno gravou sua fala, e logo em seguida, realizou-se a sincronização do áudio com o vídeo.

Com os recortes das entrevistas dos moradores e as cenas filmadas com a narrativa dos alunos, procuramos estruturar o documentário, seguindo o roteiro com as três partes: surgimento da cidade; memórias da escravidão e memórias da balaiada. Demoramos cerca de dois meses para fechar a construção do vídeo, sendo necessários ajustes nas cenas, tratamento de imagens, nível de áudio, sobreimagem para completar as lacunas, a seleção de músicas, que dentre muitas, os próprios alunos foram ajudando, encaminhando ao estúdio as músicas que usamos na trilha sonora já produzida.

Quanto à imagem, usamos fotografias do acervo organizado durante as entrevistas e nas gravações que percorremos os lugares mencionados no vídeo, o que conferiu visualidade às cenas, com efeitos visuais, movimentação e trilha sonora.

No que se refere ao áudio, algumas falas dos alunos gravaram textos no estúdio, na qual relacionamos o texto com as imagens produzidas durante a pesquisa de campo, as entrevistas com os moradores. As imagens dinamizadas por efeitos foram associadas ao ritmo musical ao fundo, com a voz dos alunos, dando uma visualidade e sonoridade ao vídeo.

Sobre o uso de fontes primárias e secundárias no roteiro (documentos, fotografias, vídeos etc.), usamos recortes de vídeos, com registro histórico de São Bernardo²¹ e outro sobre a Balaiada²², curta-metragem que conta a história da guerra. Os dois vídeos são de domínio público, disponíveis na *internet*, no *YouTube*²³. Recortamos as partes desejadas e incluímos na sequência do documentário, sobre o uso de documentos, usamos informações do contexto histórico da Balaiada, a partir de trechos referenciados à obra de Mathias Assunção; o paradidático “A Guerra da Balaiada”, de Yuri Mateus. Além desses textos, os alunos também consultaram livros do escritor local, Raimundo Nonato Vaz. Houve ainda a busca em livros da biblioteca Farol da Educação, anexo da escola; também usamos informações dos cadernos com a descrição de entrevistas. Informações que aparecem ao longo do documentário, como parte das referências que fomos construindo dentro das cenas na narrativa histórica.

Outro ponto importante que tivemos cuidado na edição ocorreu na fase de tratamento das cenas com as entrevistas, uma vez que os sentidos do documentário se encontravam nos depoimentos dos sujeitos entrevistados, algumas cenas apresentavam ruídos e outras estavam sem qualidade. No trabalho de edição, corrigimos os problemas técnicos, realizamos o enquadramento das cenas, recorte detalhado, o uso de filtro nas imagens e encaixe das falas de acordo com as três partes que dividimos o documentário, segundo o roteiro.

A última fase da edição exigiu muita observação e dedicação por parte deste professor, juntamente com o Professor Wilberth Castro. Um trabalho de noite e dia, incansavelmente editando, incluindo informações, observando o roteiro transformar-se em vídeo; tudo isso dentro de um cronograma que articulamos desenvolver o trabalho, tendo a ajuda dos estudantes, na construção das cenas, nas gravações e nos encontros dentro da escola e no estúdio que realizamos a produção do material.

²¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gkLVvxp_5II. Acesso em: 22 jul. 2020.

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=85prpA3snrk>. Acesso em: 22 jul. 2020.

²³ O *You Tube* é uma plataforma de acesso público de compartilhamento de vídeos.

Finalizamos a construção do documentário incluindo os efeitos virtuais no início do vídeo, com as imagens de apresentação, as cenas dinamizadas também ganharam trilha sonora, seguindo o roteiro e o sentido da produção visual. A trilha sonora tornou-se uma parte importante na produção, pois articula sensações e sentidos do enredo incluído no documentário. Segundo Mauad e Dumas (2011, p. 94), sobre o uso de trilha sonora em documentário, “trata-se de uma importante dimensão da linguagem cinematográfica e videográfica, que conduz a atenção do espectador para sequências consideradas importantes na compreensão do argumento”. Neste sentido, pensando na subjetividade do documentário, usamos músicas de dramaticidade, de acordo com as descobertas de alguns depoimentos; nas cenas sobre a origem da cidade buscamos músicas com artistas locais.

Nas cenas sobre o passado de escravidão, incluímos músicas com as características quilombolas maranhenses; artistas regionais tais como Célia Sampaio, Alcione e Carlinhos Veloz foram usados, agregando o valor cultural e étnico ao documentário. Na trilha sonora nas cenas sobre a Balaiada tivemos o cuidado de incluir dramaticidade e suspense, algo que pudesse envolver as emoções e atenção do espectador. Ao longo da trilha sonora, desde o início ao final, uma música ganhou destaque, por envolver aquilo que procurávamos: suspense e drama, os alunos deram a sugestão de incluir uma das trilhas do filme *HacksawRidge*²⁴. Encerrando o documentário, na parte dos créditos e agradecimentos, incluímos uma música de dona Ivone Lara, “Sorriso Negro”, que combinou com a cena de agradecimento, reunindo toda equipe da escola em videoclipe.

Em algumas cenas com entrevistas com ruídos e falhas usamos legendas, pois o material usado (celulares, câmera) apresentou problemas técnicos, que na ilha de edição optamos pelo uso de legendas para facilitar a compreensão dos depoimentos. Com as legendas, facilitamos a compreensão para o público, especialmente na apresentação de depoimentos de pessoas idosas, que contribuíram com suas memórias. Por fim, identificamos as fontes, tais como lugares, objetos, nome dos sujeitos entrevistados, dos alunos ao longo da sequência fílmica.

²⁴ *HacksawRidge (Até o Último Homem)* é um filme de drama, ambientado na Segunda Guerra Mundial, na qual os alunos tiveram acesso durante uma aula de História. Usamos a música: “PrayingSoundtrack”. Disponível no *You Tube*: <https://www.youtube.com/watch?v=kT9zG0g4HdA>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Com as três partes da estrutura narrativa bem articulada, incluímos os efeitos virtuais que deixaram as cenas dinamizadas, associando efeitos ao contexto em questão. Além disso, seguindo o roteiro, foram inclusos videoclipes com imagens de pessoas em movimento, paisagens, lugares da cidade, e o uso de mapas e fotografias. Por fim, definimos os cortes entre as imagens selecionadas; o tempo de cada cena e a mixagem dos sons, entre os níveis de narração.

Na abertura do documentário trabalhamos efeitos virtuais que deram leveza, visualidade e compreensão do tema abordado. Ao final, usamos um videoclipe com todos os alunos, a equipe da escola, que estiveram à frente da produção, alunos, professores e direção, usamos o espaço de uma praça em frente à escola, gravamos o videoclipe junto com as externas.

Desse modo, concluímos a produção do documentário na transformação do texto roteirizado em vídeo e sonorização, envolvendo a articulação de diferentes níveis com o único objetivo: apresentar os lugares e memórias da Balaiada a partir de narrativas com os sujeitos sociais, no passado e no presente.

Apresentamos a seguir as três partes (cenas), que compreendem o documentário, que depois de todo o processo de produção, entre os níveis de narrativas e ritmos, ficou com o tempo de 01:27:08.

Descrevemos as informações gerais de orientação e entendimento do produto didático construído com os alunos e a ajuda técnica.

3.4 Descrição do documentário

Este documentário, construído em uma ampla parceria com alunos, escola e comunidade, permite um passeio por diferentes versões históricas do passado da cidade, a partir da problemática dos lugares e memórias da Balaiada. As experiências narradas por diferentes sujeitos, no tempo presente, trouxeram relatos com as representações e sentidos que as memórias coletivas atribuem aos eventos históricos ocorridos no Maranhão, especialmente em São Bernardo, sobre o passado da Balaiada.

Aborda-se que a partir do questionamento do presente, sobre os vestígios e diferentes percepções dos lugares por onde ocorreu o conflito, gerações ainda transmitem histórias, lendas e apontam os lugares da guerra, em São Bernardo e na região do Baixo Parnaíba. Acreditamos que as memórias dos sujeitos históricos

podem levar os estudantes ao autorreconhecimento, enquanto sujeitos da história; ao diálogo necessário entre escola, comunidade e cotidiano dos estudantes; ao desenvolvimento do protagonismo para a construção identitária, bem como para a compreensão deles como sujeitos e produtos da história.

Diante disso, apresentamos o documentário, destacando-se a participação dos entrevistados, dos alunos e o reconhecimento dos diferentes lugares, das narrativas que dão sentido e desvelam as tramas e tessituras que ligam os sujeitos ao passado presente dos eventos históricos. Não focamos em uma perspectiva de reconhecer a Balaiada factualmente, em uma periodização de fatos e sujeitos, mas no ato de problematizar as memórias, as narrativas e representações coletivas a partir do presente, em que os jovens possam se reconhecer através de traços e vestígios que os identifiquem nas narrativas cristalizadas nas cenas.

As narrativas dos sujeitos utilizadas neste documentário seriam, nesse sentido, como “presença incorporada no passado no presente da sociedade” (CHARTIER, 1992, p. 216), dos processos históricos que sofrem do esquecimento e total apagamento dentro e fora da escola. Os estudantes, ao se aperceberem diante dos silenciamentos, buscaram entender nas falas, nos lugares, nas lendas e relatos a produção do discurso histórico da Balaiada, em São Bernardo. Conduzindo a uma interpretação cruzada entre a origem da cidade, as memórias sobre o passado de escravidão e as versões do tempo da guerra, em memórias que apresentam os processos de resistência no Baixo Parnaíba maranhense.

Ao público, entregamos um trabalho que pode dar acesso a uma “memória perdida”, esquecida e silenciada, no qual as vozes, as múltiplas vozes, apontam o conhecimento sobre o passado no presente.

Apesar de apresentarmos memórias neste documentário, que de certa forma adquire centralidade, não depositamos nas narrativas um teor apenas memorialista, mas problematizamos as memórias e suas disputas, que estão permeadas em cada narrativa que os personagens apresentam. Sobre a categoria de memória, tomamos como base os trabalhos desenvolvidos por Lowenthal (1998) e Pollak (1989).

Lowenthal (1998) informa-nos que a memória é uma das fontes do conhecimento sobre o passo, de maneira que há seletividade e acomodamento, possuindo sua importância, e, também, a capacidade de esquecimento. Segundo o autor, nesse sentido, a memória pode ser concebida tanto individual quanto coletiva, estando essencialmente vinculada à identidade.

A memória, para Lowenthal (1998), adapta-se e muda, sendo uma construção que se transforma diante da fragilidade da recordação. Sendo de natureza subjetiva, a memória é dinâmica, na qual o esquecer e o revisar são seus elementos típicos. A memória fornece, assim, não um retrato enganoso ou o retrato fiel dos acontecimentos e fatos, mas reconstruções ecléticas, seletivas e críticas, baseadas em percepções e ações posteriores.

Ao longo do documentário, nas três partes fílmicas, as narrativas apresentadas dão conta de disputas entre as narrativas oficiais e as narrativas não-oficiais. Uma vez que a tradição oral preservou memórias da Balaiada e dos negros escravizados, que contrastam com o ensino de História e com a memória coletiva sobre a cidade, de maneira que a problemática das memórias dos sujeitos não se cristalice em um passado baseado em memórias individuais, mas em memórias coletivas, resultado de experiências sociais dos indivíduos com seus antepassados e grupos de convívio. Nesse sentido, apresentamos, no vídeo, diferentes fontes históricas, o uso de documentos, análise crítica das representações que foram surgindo para assim complementar as narrativas orais. Questões que abordamos durante as oficinas, de sensibilização e preparação dos estudantes, para o trabalho deles com os sujeitos da comunidade, em diálogo com a História Oral²⁵.

Pollak (1989), por sua vez, aponta que a memória coletiva tem a capacidade de reforçar sentimentos de pertencimento entre os indivíduos, agindo sobre os aspectos socioculturais, sobre a identidade e a alteridade. Segundo seus estudos de memória, há sempre uma “negociação” imbricada entre sociedade e indivíduo para conciliar a memória coletiva e as memórias individuais. Outra questão que se percebe com a memória coletiva é a sua utilização para a construção da memória nacional; contudo, há exclusão das minorias e grupos marginalizados com suas memórias.

Daí, portanto, a necessidade e importância da construção de uma memória nacional, que recupere, através da História Oral, as memórias subterrâneas, que

²⁵ A História oral possui atualmente três principais posturas, acerca de seu estatuto, dentro os pesquisadores que dela se utilizam. A primeira defende a História oral como técnica, ou seja, os pesquisadores que trabalha com esses vieses utilizam entrevistas de forma eventual, como fonte de informação complementar, porém negam-lhe qualquer pretensão teórica ou metodológica. A segunda postura busca atribuir o *status* de disciplina a História Oral. Os defensores desse viés reconhecem na História Oral uma área de estudos com objetivo próprio, procedimentos metodológicos singulares, um conjunto próprio de conceitos e capacidade de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões que se apresentam na prática. Por fim, a terceira postura defende a História oral como metodologia, sendo, dessa forma, um método de investigação que estabelece e ordena procedimentos de trabalho na área da pesquisa e produção de conhecimento histórico. (FERREIRA, *in*: CARDOSO; VAINFAS, 2012).

nesse caso, remetem ao passado da negritude na região do Baixo Parnaíba Maranhense, dos descendentes dos africanos escravizados; com suas experiências de vida e visões de mundo, ainda hoje sujeita à exclusão dessa memória, conforme percebemos em livros didáticos, no patrimônio da cidade. Nesse sentido, o “não dito” tem funções sociais; muitas vezes a memória clandestina surge como um catalisador que exerce contestação e da reivindicação no espaço público.

Neste documentário, apresentamos memórias subterrâneas presentes no próprio espaço em que vivem os estudantes. Através de relatos com pessoas da própria comunidade, foi possível traçar uma problemática sobre os lugares e as diferentes versões de um passado da Balaiada que emerge através de transferências e projeções da memória.

Segundo Pollak (1992), é possível que os elementos constitutivos da memória sejam os acontecimentos, personagens/pessoas e os lugares, elementos que podem ser conhecidos de forma direta ou indireta, por meio de projeções e transferência. Desse modo, os relatos neste documentário, divididos em três capítulos “origem da cidade”, “memórias da escravidão” e “memórias da Balaiada”, complementam-se e apresentam uma seletiva de memórias, em parte herdada, uma vez que não se refere apenas à vida da pessoa, ou seja, é uma construção individual e coletiva. (POLLAK, 1992).

A partir desse ponto, fica clara, não apenas a divulgação de um produto didático desenvolvido na educação, mas demonstramos a viabilidade de um diálogo entre escola, comunidade e ensino de História, a partir de memórias de sujeitos históricos, de representações e constituição de uma identidade cultural voltada para a valorização do espaço social dos estudantes, da autocompreensão do passado e presente, da problematização da alteridade por meio de tramas nas quais as narrativas possibilitem reforçar laços entre pessoas, gerações, comunidade e o tempo presente.

Assim, ao longo do documentário, no protagonismo dos alunos em cada cena, questiona-se o porquê do esquecimento/silenciamento sobre os processos de resistência da Balaiada na comunidade de São Bernardo. Diante desse questionamento, a trama se desenrola em um mergulho profundo sobre a origem da cidade, o passado de escravidão e as lembranças de gerações que apontam os lugares e memórias.

Deste modo, essa produção didática tem o objetivo de estimular o ensino de História do Maranhão e a difusão de outros sentidos e representações do passado balaio para além da memória heroicizante construída, a qual silencia e apaga as memórias das lutas e resistência do movimento. Além disso, esperamos que este material contribua nas aulas de História do Maranhão e que ultrapasse a sala de aula, para que alcance amplos públicos, mediante a difusão do documentário em outros espaços de conhecimento histórico.

O Documentário “O tempo do Pega: o passado balaio da matriz” está dividido em 3 capítulos de cena. Começa com uma apresentação fílmica da cidade atualmente, com imagens em movimento, capturada por um drone; a sequência de cena apresenta-se com a música “*Todos cantam a sua terra*”, na voz de Alcione, cantora maranhense.

Logo em seguida, dois alunos (Tina e Júnior) surgem em frente ao mercado público, e realizam perguntas sobre a origem da guerra da Balaiada. Os alunos interagem com os moradores da cidade, adentram o espaço público do mercado, circulam entre as barracas e realizam a seguinte pergunta: “Você já ouviu falar sobre a guerra da Balaiada?”, o questionamento abre o documentário, que entre silenciamento e esquecimento a trama se desenvolve na cena um (01).

Na sequência de cena, apresentamos um mosaico de fotografias em movimento, que apresentam imagens do Maranhão colonial, com destaque para a produção de algodão no Baixo Parnaíba Maranhense, com fotos de fazendas antigas, nas regiões do Vale do Itapecuru, Baixo Parnaíba, a cidade de Brejo e imagens de negros do antigo quilombo de Saco das Almas, no mesmo município. Há ainda um jogo de imagem com representações de lutas, das batalhas da Balaiada, com a trilha sonora “Sou mandinga Balaiada”.

Na cena dois (02), os alunos Lucas; Júnior e Fábio se apresentam em dois importantes espaços da cidade: “Santuário de São Bernardo” e na “Praça do Santo”. Seguindo o enredo, os estudantes narram textos que dão uma visão geral do documentário apresentado. A cena acontece em pleno movimento dos alunos com filmagem aérea, por meio de um drone. Logo em seguida, na cena três (03), os alunos Pedro e Joana relatam as experiências que o documentário proporcionou e, assim, preparam o público, em uma narrativa envolvente sobre as memórias do lugar.

As falas dos alunos também ocorrem em diferentes espaços públicos: Praça do mercado, prefeito e no balneário “rio buriti”; há imagens capturadas por drone e outras no enquadramento simples, usando câmera de vídeo.

Na cena cinco (05), os alunos Júnior e Tina continuam a apresentação do que se encontrará no decorrer do documentário. As cenas foram filmadas nos espaços públicos da cidade, mostrando o centro, as ruas e praças públicas. Em seguida, a sequência de cena se descortina com efeito visual, apresentando a paisagem da cidade, com a igreja matriz; a cena em movimento exhibe ao centro o letreiro: “O surgimento da cidade”:

Deste modo, os efeitos criaram, por meio da edição uma visibilidade de qualidade em cada cena, assim como, a movimentação que se articulou de início ao fim do documentário.

Figura 19 – Abertura de Cena



Fonte: Autoria própria.

Logo após, surgem as narrativas dos moradores contando as versões individuais e coletivas sobre o passado histórico da cidade. São depoimentos dos seguintes moradores: professora Rosa (58 anos); professora Angélica (59 anos); senhor Alfredo (79 anos) e o senhor Tiago (37 anos). As versões apresentadas são parte das entrevistas que os alunos realizaram na cidade e na região.

Os diferentes relatos na cena buscam possibilitar ao público a compreensão do surgimento da cidade, que nos relatos surgem versões dos primeiros moradores, dos indígenas, da presença dos jesuítas e da devoção católica ao santo São Bernardo;

distintas narrativas que se relacionam e exploram a construção do conhecimento histórico. É sobre os aspectos históricos que a cena seis (06) aborda um panorama de imagens antigas da cidade, utilizando-se de mapas, documentos e efeitos visuais. O aluno Lucas, em áudio, apresenta as representações sobre o passado histórico da cidade, passando pelo mito da origem, a formação da vila, a presença dos indígenas, os aspectos econômicos, políticos e sociais. A trilha sonora da narrativa videográfica é de composição local, com o título: “No Tempo dos Jesuítas”.

A cena sete (07) tem como ponto de partida a problematização sobre a formação étnica e cultural da cidade; por isso, a fala do aluno Junior articula-se em um espaço geográfico importante para o fluxo de pessoas e formação histórica da região, o rio Parnaíba. A localização geográfica, a formação social dos moradores, lavradores, pescadores, sertanejos constituem-se como resultado da formação cultural e histórica do Baixo Parnaíba Maranhense, em contato na fronteira (Piauí/Maranhão) com diversos grupos sociais. Trilha sonora: “De Teresina a São Luís” – Luís Gonzaga, interpolando imagens do rio Parnaíba, rio buriti e da Lagoa do bacuri, lugares históricos.

A paisagem da lagoa em vídeo clipe apresenta a segunda (02) parte do documentário, onde surgem os relatos sobre as “**Memórias da Escravidão**”.

Figura 20 – Abertura de Cena



Fonte: Autoria própria.

A partir da cena oito (08), a aluna Tina narra a presença dos negros na formação histórica da cidade. Como palco da cena, usamos o antigo povoado Currais, um dos lugares de São Bernardo com forte identidade quilombola. Em sua fala, a aluna apresenta os “lugares de memória” que foram mencionados nas entrevistas, lugares que tiveram senzalas, e atualmente a memória oral aponta as lendas, as histórias do período do cativo.

É a partir dessa trama que as narrativas dos moradores compõem a segunda parte deste documentário. Logo em seguida, antes de as entrevistas serem exibidas, apresentamos uma sequência de fotografias, que mostram artefatos da cultura material dos negros na região; há também vestígios de antigas senzalas, e na sequência, um videoclipe editado com uma dança muito típica no Maranhão, o tambor de crioula²⁶.

A cena com as narrativas se inicia com a fala do Professor Francisco, que relata as características das comunidades quilombolas na região, nos elementos culturais no presente. Seguindo os caminhos antigos dos povoados com identidade quilombola, a cena apresenta a ida dos estudantes Pedro e João ao encontro da moradora, dona Irene, que mora em um povoado antigo (Porção), emoldurado pelas matas de palmeira às margens do rio buriti.

Os relatos informam as relações de trabalho, as sociabilidades, as resistências e a violência na qual os negros eram sujeitos nas antigas fazendas da região, memórias fragmentadas que a senhora Irene diz ter ouvido essas histórias dos seus antepassados. Dona Irene narra que as práticas de humilhação e preconceito ainda perduram na comunidade, quando narra que os mais ricos querem controlar as terras e tratar os mais pobres como “sujeitados”, nas palavras dela.

Na mesma cena, os moradores da cidade, senhor Alfredo (79 anos) e Bernardo (89 anos), narram histórias que ouviram dos mais antigos, sobre os lugares em que existiam a escravidão, citam a fazenda paraíso (São Raimundo), Engenho velho e Currais, povoados de São Bernardo. Relatam a construção de igrejas, capelas,

²⁶ “A dança do tambor de crioula é formada através de um círculo de mulheres que dançam e cantam acompanhando o som dos tambores tocado pelos homens, que também cantam. Normalmente, a dança é apresentada ao ar livre e vai se formando progressivamente. Os homens se posicionam com seus tambores de um lado e vão testando sua afinação e as mulheres, logo em seguida, vão se aproximando a partir do toque do tambor e formando um círculo juntamente com os homens.” (PIRES, 2017, p. 113).

casarões e mencionam ter existido pelourinho no Povoado Currais, que era usado para os castigos naquele tempo.

A cena traz ainda um mosaico de falas com diferentes sujeitos, moradores da cidade e de povoados. O senhor Antônio (83 anos) narra histórias da presença dos negros nos antigos lugares da região, dona Irene, em outra cena, fala dos castigos que os negros escravizados sofriam. Em seguida, o relato de dona Fatima (91 anos) dá detalhes da presença dos negros na histórica fazenda Paraíso (Povoado São Raimundo), mencionando a existência do cemitério dos negros e dos brancos naquela comunidade.

Há também relatos feitos por um vaqueiro na antiga fazenda. O Vaqueiro Bento, em seu relato oral narra as formas de resistência que os negros, na condição de escravos, realizavam para escapar de castigos; a mesma lenda também aparece no relato de dona Irene e na fala da professora Rosa, que ouviu seu avô muitas vezes mencionar que existia uma rota de fuga entre as localidades São Raimundo e os Currais. No relato dos moradores, é possível observar memórias coletivas que as gerações transmitem no presente.

Na mesma cena oito (08), o senhor Zeca também menciona em sua fala os antigos lugares e a presença dos negros e de antigas senzalas no São Raimundo e na Lagoa do Bacuri. Sobre a segregação e o preconceito racial, dona Jacinta (61 anos) narra que antigamente, no povoado São Raimundo, as famílias ricas não se “misturavam” com as famílias negras, havendo separação e delimitação dos espaços frequentados em momentos de festas e encontros no povoado.

Fechando a sequência de cena, a fala do senhor Raimundo (80 anos), descendente de negros que foram escravizados, expõe as humilhações e a judiação que muitos sofriam no tempo do cativo, memórias recordadas que ele diz ter ouvido dos seus antepassados.

Na nona (09) cena pretende-se mostrar comentários de dois alunos sobre as narrativas apresentadas anteriormente, destacando as versões e a importância das memórias para as questões de identidade e cultura local. A primeira cena com Joana ocorre às margens do rio buriti, na comunidade Currais; a fala do aluno Pedro ocorre no centro da cidade, em uma praça pública.

Em sintonia com a sequência do vídeo, a cena dez (10) traz a ideia de apropriação e reconhecimento dos negros na construção de uma identidade cultural presente no passado e presente na comunidade, apontando uma tradição de

resistência negra, pois parte dos homens e mulheres que estiveram à frente da guerra da Balaiada era formada por negros escravos quilombolas, a maioria advinda dos antigos lugares da região aqui mencionada, o Baixo Parnaíba, palco do conflito.

A sequência fílmica foi gravada em áudio (voz do aluno Júnior) e o uso das fontes documentais, imagens e mapas que demonstram a presença dos grupos nos lugares que hoje formam os municípios de São Bernardo, Brejo e Tutoia, que são as cidades mais antigas da região; além disso, apresentam-se as comunidades quilombolas contemporâneas que resistem com os modos de vida, os saberes e tradições culturais dos negros.

O enredo da estrutura narrativa em áudio e imagens prepara o público para as próximas cenas, sobre os processos de resistência negra na Balaiada, em lugares do território de São Bernardo e na própria região do Baixo Parnaíba.

Assim, com base nessa sequência fílmica, a cena onze (11) se inicia com imagens áreas das paisagens dos lugares que foram percorridos pelos alunos e mencionados nas entrevistas: são povoados, caminhos antigos, rios e lagoas, que esteticamente dão visibilidade para a identificação das próximas cenas. Nesta parte do documentário, apresentamos o problema desde o início, sobre a construção de identidades, memórias e silenciamentos sobre os eventos históricos da Balaiada a partir de São Bernardo e região. Com base nessa problemática, as próximas cenas buscam responder, apresentar versões sobre as “**Memórias da Balaiada**” no tempo presente.

Figura 21 – Abertura de Cena



Fonte: Autoria própria.

Sobre a inspiração de efeitos visuais e trilha sonora marcante, incorporando curiosidade à narrativa da resistência balaiada, o início da cena passeia sobre a paisagem natural da região. Logo em seguida, a aluna Selma narra a abertura da última parte do documentário, apresentando a historicidade da Balaiada.

A cena acontece em um caminho cercado de palmeiras, no bairro Abreu, em São Bernardo. Após sua fala, surge a entrevista com o professor Francisco, na qual detalha a origem do movimento Balaiada e o seu significado no presente, nas representações culturais, nos modos de vida e nos saberes tradicionais. Contemporâneo, cita o exemplo da produção de cestos entre artesãos da região, do cuidado com o gado, feito pelos vaqueiros, e da presença dos lavradores e pescadores na paisagem social dos lugares do Baixo Parnaíba Maranhense.

Em sintonia com a fala do entrevistado, a cena direciona-se na apresentação de um videoclipe mostrando uma artesã confeccionando cestos e um vaqueiro cuidando do gado, imagens colhidas pelos alunos nas externas. A cena em movimento usa efeitos e trilha sonora musical de Luiz Gonzaga “A morte do vaqueiro”.

Na mesma sequência da cena 11, os alunos Júnior, Selma e Pedro explicam, na narrativa, as origens históricas do movimento Balaiada no contexto social do Maranhão, as causas da guerra e a participação de grupos sociais advindos das camadas populares. Além disso, apresentam, nas falas, os líderes do movimento e as causas que eles defendiam.

A narrativa dos alunos é finalizada com a apresentação de um curta-metragem: “Balaiada a Guerra do Maranhão”. Editamos algumas cenas e incluímos no documentário. O Curta retrata as causas da guerra, a invasão do vaqueiro Raimundo Gomes à prisão na Vila da Manga para libertar seu irmão, episódio que marca o início da guerra. Usamos algumas cenas do curta para apresentar a presença dos líderes do movimento: Manuel Francisco dos Anjos “O Balaio”, Negro Cosme e Raimundo Gomes. Homens simples, vaqueiros, lavradores, que lideraram a maior revolta popular da História maranhense.

A narração do aluno Pedro traz à cena informações sobre as diversas formas de resistência que o movimento usava, nas quais, nos dias atuais, os moradores entrevistados lembram as histórias que seus antepassados contavam sobre as fugas, os medos, a violência e a resistência ocorrida na região do Baixo Parnaíba, palco do conflito. O estudante menciona o recrutamento forçado, sendo também uma das

causas do movimento, em que famílias inteiras, as mais pobres, eram recrutadas à força para servir à guerra ao lado do exército.

Na continuação da cena, os moradores entrevistados apresentam as versões sobre o recrutamento ocorrido no passado da matriz, durante a guerra da Balaiada. O senhor Alfredo apresenta explicações sobre o recrutamento conhecido por ele como o “tempo do pega”; já para o senhor Antônio, em sua fala, o recrutamento é mencionado através de uma lenda, envolvendo homens, mulheres, exército e atos sobrenaturais ocorridos no “tempo do pega”, expressão também usada por ele. Em edição de vídeo, exibimos a lenda com a reprodução de uma imagem, garantindo efeitos à cena, à narrativa e à fala do entrevistado.

A fala do senhor Bernardo também reforça que seus antepassados diziam ter existido “o pega” em São Bernardo, capturando pessoas para servirem à guerra, deixando a população assombrada; o medo era tanto, que segundo o relato, um episódio de fogo no altar da igreja matriz gerou correria e susto generalizado. O senhor Raimundo, outro entrevistado, também confirma e reforça que em São Bernardo houve a fase de recrutamento forçado de pessoas, inclusive na região dos Currais, povoado na qual ele reside, seus antepassados lhe contaram que muitos foram capturados e levados no “tempo do pega”.

Logo em seguida, a sequência de cena apresenta a narração do aluno Lucas, que apresenta explicações do recrutamento forçado, tendo como referência as pesquisas do historiador Mathias Assunção, na qual realizou um levantamento de fontes como uso da História oral, com moradores da região do Baixo Parnaíba, cujas conclusões apontam que o recrutamento forçado teria sido um dos motivos imediatos da guerra. Reforçando os relatos, novamente a fala do professor Francisco narra como ocorria o recrutamento forçado e chega a afirmar que tal prática surge muito antes da Balaiada, usada nas guerras pela independência, a captura de jovens lavradores pobres que serviam forçadamente o Exército.

Na sequência de cena, a aluna Joana narra informações sobre o recrutamento forçado, as imagens em movimento filmadas em uma antiga fazenda em ruínas. Logo em seguida, a fala do professor Francisco aponta alguns elementos sobre a participação de São Bernardo na guerra da Balaiada. Novamente, na próxima cena a aluna Joana apresenta informações de episódios do conflito na vila de São Bernardo, tendo como referência o livro do escritor Alfredo.

A muralha de pedra, as trincheiras que ficam no município de Magalhães de Almeida, em uma região de divisa com São Bernardo, serviram como cenário usado na fala da aluna Tina; os antigos lugares foram usados pelos rebeldes como acampamento, e as muralhas de pedra (trincheiras) usadas como estratégia de defesa. A cena mostra que a trincheira se localiza próximo ao rio Parnaíba, em uma região de difícil acesso. Na cena, usamos efeitos para localizar (mapa) o município de Magalhães de Almeida, e a ida ao local durante as gravações das externas e entrevistas com a professora Luciana, principal informante, que logo após a fala do aluno Junior, apresenta informações históricas dos lugares e da presença balaiada no passado da região.

As imagens em movimento dos lugares com as trincheiras e a legenda com a identificação dos achados dão uma dimensão histórica ao documentário, ajudando a compreender melhor as memórias narradas. A sintonia da cena, do efeito visual e sonoro com destaque aos lugares e à fala dos entrevistados, pretende-se mostrar ao público que o espaço pode ser considerado um patrimônio comunitário, as ruínas representam as formas de resistência.

Finalizando a cena onze (11), o roteiro fílmico se volta para a cidade de São Bernardo, nas antigas ruínas da fazenda Paraíso, no povoado São Raimundo. É desse local que o aluno Fábio narra, em cena, informações da participação dos negros com os eventos da guerra da Balaiada, relatos que surgiram na entrevista com o vaqueiro senhor Pedro (98 anos), que logo em seguida aparece na cena.

Na sequência, três entrevistas finalizam a cena, mostrando a participação de sujeitos no conflito, são moradores que afirmam que seus antepassados estiveram na guerra, seja na condição de recrutamento forçado ou pela função militar que exerciam na época. Dona Jacinta, moradora do povoado São Raimundo, relata que um de seus familiares das primeiras gerações de sua família fez parte do conflito; já o senhor Bernardo diz que seus avós falavam da guerra, mas não se recorda com detalhes. Curiosamente, o relato de dona Nilza informa a participação de seu avô no conflito; ele era soldado e foi convocado. Ambas as falas se tornaram importantes na compreensão da Balaiada no passado de São Bernardo, reforçando laços de identidade e as diferentes versões a respeito dessa revolta, a partir de memórias.

A cena doze (12) finaliza o documentário, apresentando dois questionamentos: “Quem participou da revolta dos balaios em São Bernardo?”; “Quem foram os homens e mulheres que se juntaram ao grupo de Raimundo Gomes, Negro Comes e o Balaião?”

A cena filmada em frente à biblioteca da escola, pelo aluno Junior, apresenta uma fonte histórica que responde ao questionamento.

Logo em seguida, abre-se a cena com a leitura dos nomes de cada um dos sujeitos envolvidos no conflito, suas profissões e idades; surgem na fala da aluna Tina, em cena que acontece em frente à escola, na Praça 29 de março. A sequência das duas cenas dá outra dimensão na compreensão da Balaiada a partir de São Bernardo, que emergem nas fontes (orais e documentais). A trilha sonora, a seriedade dos alunos na narração e o enquadramento da cena busca despertar no público o reconhecimento da trama histórica na tessitura das memórias com os sujeitos sociais, no passado e no presente.

Logo em seguida, surgem imagens da paisagem natural de povoados do município, e o aluno João apresenta, então, o último entrevistado, o senhor Benedito, que conta histórias de resistência dos negros e dos conflitos que ocorreram na época da Balaiada. A fala do senhor Benedito menciona um lugar de memória que os seus ancestrais negros atribuem ser um antigo cemitério de combatentes da guerra, naquela localidade. O antigo cemitério já não existe no espaço, mas as memórias informam o lugar. Localizamos o lugar e gravamos um videoclipe. O aluno Lucas narra as informações, com o uso de efeitos virtuais, intercaladas pela trilha sonora e imagens aéreas.

Fechando a cena, o aluno Júnior surge na praça em frente à escola, em imagens aéreas, o enquadramento focaliza o aluno; sua narrativa apresenta uma leitura interligando a trajetória do documentário, mencionando os lugares de memórias, a invisibilidade e esquecimento que perdura no tempo presente sobre a Balaiada.

A fala do aluno valoriza a importância do movimento, que se torna um instrumento de construção de uma identidade histórica na cidade e na região do Baixo Parnaíba Maranhense, no reconhecimento das lutas populares, do protagonismo dos negros na resistência que nas memórias simbolicamente atribuem ao “Tempo do Pega, o passado balaio da Matriz”.

A trilha sonora: “um sorriso negro”, na voz de dona Ivone Lara, com imagens da cidade, das palmeiras, de ruínas de senzalas, da fazenda paraíso, fecha a cena. Logo em seguida, um videoclipe da equipe, com todos os alunos e alunas que produziram o documentário aparecem no vídeo, a trilha sonora: “História pra Ninar Gente Grande”, samba-enredo da mangueira em 2019, fecha a última cena, subindo os créditos.

4 ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA: as narrativas da Balaiada

Neste capítulo, apresentamos o material didático-pedagógico da pesquisa, que se relaciona com a escola e outros espaços de conhecimento histórico, com base em entrevistas com indivíduos da cidade e região sobre o passado e os lugares de memória da Balaiada.

Produzido por este professor-pesquisador e executado pelos alunos e alunas, em uma relação de desenvolvimento do protagonismo dos estudantes, mediante a execução de ações que ultrapassam os limites individuais dos muros da escola CEDCL, o documentário tem o objetivo de apresentar narrativas da ancestralidade negra em São Bernardo, moradores e moradoras da cidade e comunidades rurais, lavradores, pescadores, artesãos, dentre outros grupos sociais, sobre o passado local e regional, no reconhecimento de narrativas que compartilham representações do passado no presente, seus usos sociais e culturais no ensino de História, especialmente sobre o passado da Balaiada e os vestígios da escravidão na cidade e na região.

Desta forma, o produto didático apresentado torna-se relevante nas dimensões do reconhecimento de memórias históricas e no protagonismo dos estudantes, enquanto sujeitos da história de suas realidades, além de possuir profunda pertinência com os usos público do passado no presente, mediante a difusão de uma História Pública, vídeo-história (ROVAI, 2011), construído dentro e fora da escola, servindo ao público como devolução e valorização do lugar social dos personagens, por “emprestarem” trechos de suas memórias para a composição do documentário.

Assim, este produto tem como motivação levar para a educação básica (Ensino Médio) os eventos da Balaiada, por meio da abordagem histórico-cultural de memórias e lugares, a partir de São Bernardo e região, nas versões que reabilitam outras interpretações do movimento social da Balaiada, nos grupos e personagens silenciados e/ou esquecidos.

Contudo, o documentário com os relatos dos indivíduos não se propõe a apresentar uma visão estruturalista e factual dos eventos da Balaiada, e, muito menos, agregar memórias individuais de pontos singulares no lugar; buscamos problematizar o lugar social da Balaiada no ensino de História e na comunidade, o reconhecimento das narrativas orais, as memórias de grupos e coletivos e os lugares de memórias como recurso para o Ensino de História, dadas as ausências que tratam da história

local de modo didático, e nas condições de ensino-aprendizagem na educação maranhense.

O material audiovisual dialoga com a realidade social, as memórias e apropriações de grupos sociais sobre o passado local e da região. Desenvolvemos, neste capítulo, a descrição do passo a passo da elaboração do documentário, o trabalho com as entrevistas e seleção dos relatos, a participação dos alunos e as diferentes percepções na criação do roteiro e edição com os recursos audiovisuais. Por fim, após as fases de pré-produção e produção, apresentamos o documentário exibido em praça pública, no município de São Bernardo, reunindo os estudantes da escola, os indivíduos entrevistados e o público em geral.

A exibição para um público amplo permitiu a difusão do produto na construção de uma contranarrativa que tornou mais complexa a compreensão do passado da Balaiada nas narrativas hegemônicas dos livros didáticos, currículos prescritos e sistemas de ensino.

4.1 História pública e tradição oral: as narrativas da Balaiada

[...] Existia, um período chamado “do pega” ...Pega era o seguinte. Hoje pra você entrar no exército...viu, tinha que ter tanta coisa, e antigamente as mães não deixava irem por exército. Aí o exército chegou aqui e levou todo os rapazes que era de dezoito, dezessete anos...la levando pra São Luís. Então, lá na frente... Anoiteceu, eles ficaram lá. Quando tava distante, aí esta igreja aqui (mostra o livro com a foto da igreja) abriu as portas por ela mesma e os sinos começou a bater (gestos com as mãos). [...] Aí imediatamente foram dizer lá pro homens, aí os homens soltaram os meninos. Aí considera esse dia, dia do pega. (SR. ALFREDO (79 ANOS) SÃO BERNARDO).

As vozes que ecoam das memórias, na sensibilidade da escuta e na compreensão dos relatos no presente configuraram o nosso entendimento sobre aquilo que procurávamos compreender: o passado da Balaiada em São Bernardo, no ensino de História. Ao longo do documentário, por diversas vezes, as vozes dos sujeitos históricos nos deram outras perspectivas desse passado, antes desconhecidas aos alunos e alunas, assim como à própria comunidade. Desse modo, são ângulos diferentes e poucos valorizados, pelos quais todos puderam saber sobre diferentes facetas do passado local, em narrativas, são representados nos lugares e nas memórias coletivas, que estão ligadas às subjetividades, emoções e experiências

de gerações que guardam episódios esquecidos, por conta da seletividade social operada pela narrativa oficial sobre a História do Maranhão, reforçada pela escola.

A memória dos indivíduos que apresentam as explicações sobre a presença do movimento Balaiada no passado da cidade configurou o título deste documentário produzido pelos alunos, em parceria técnica de edição. As memórias individuais, mas também coletivas, que surgem dos moradores sobre a Balaiada, constituíram o mosaico explicativo desses passados, que até então, eram esquecidos e sem reconhecimento.

Os entrevistados apresentaram versões da Balaiada associando-se ao recrutamento forçado de jovens, prática muito violenta, realizada pelas autoridades desde o período colonial, mas usada com frequência na Balaiada; várias vezes associada a um tipo de cativeiro para homens livres e libertos.

Nos episódios da guerra da Balaiada no Maranhão, o historiador Matthias R. Assunção (1988, 1998, 2015) inclui uma análise inovadora da Balaiada com o uso de fontes orais, apresentando diversos depoimentos de grupos negros descendentes dos balaios. As inúmeras entrevistas fazem parte de um amplo material historiográfico que valoriza a tradição oral dos moradores presentes na região central do conflito. Segundo Assunção (1998, p. 76), o recrutamento forçado era o principal motivo imediato da revolta: “tudo começou quando um lavrador da comarca de Brejo, o Balaio, libertou seus filhos recrutados à força, ou ‘pegados’, na expressão cabocla”.

Muitos estudos recentes da historiografia da Balaiada apontam detalhes do recrutamento forçado; isso dá mais confiabilidade às narrativas coletadas para o documentário, tirando-as de um possível espaço de “ficção” ou “invenção”, como exemplo dos importantes trabalhos do historiador Mathias de Assunção (1988, 1998, 2015), Maria Januária Vilela Santos (1983) e Claudete Maria Miranda Dias (2014).

O chamado “dia da pega” ou “tempo do pega”, como aparece em outras entrevistas ao longo do documentário; além dessas memórias traumáticas, que lembram episódios opressivos e de resistência na época, são memórias vivas, que no presente apresentam uma compreensão dos eventos na localidade e na própria região. Há, ainda, os lugares que são mencionados ao longo das falas, como trincheiras, caminhos antigos, senzalas, fazendas e cemitérios de combatentes; são apresentados como os lugares de memória, pois gerações expressam ser ali os lugares que a Balaiada deixou marcas.

Toda a prática da elaboração deste documentário teve por objetivo aproximar os estudantes da sua própria realidade social, das comunidades e moradores que realizam atividades com o uso da terra, a pesca e o artesanato. Populações pobres, comunidade com descendência negra, que não recebe a devida importância no ensino de História. Desse modo, o envolvimento dos estudantes na escuta e no reconhecimento do passado, tendo as memórias dos indivíduos entrevistados um papel fundamental, permitindo a valorização e a alteridade entre escola e comunidade no ensino de História.

Percebemos, desde o início, a fratura da memória da Balaiada no ambiente social dos estudantes e na escola, uma vez que o currículo apresenta objetivos que abrem a possibilidade do trabalho com a temática da Balaiada, mas sempre o apresentando de uma maneira condensada em aspectos políticos e sem nenhuma relação com o tempo e espaço do presente.

Já na comunidade de São Bernardo, outros passados e memórias ganham maior visibilidade, especialmente nas questões que envolvem a religiosidade da cidade e seu surgimento; o discurso de fundação de São Bernardo em um passado mítico, o que em grande parte colocou em esquecimento e não reconhecimento de outros passados e memórias a partir das camadas populares, dos grupos sociais negros que formam a população local. Foi à parte dessas ausências e pela necessidade de incluir no ensino de História uma nova versão da Balaiada em diálogo com a comunidade, através de memórias dos sujeitos sociais, que este documentário apresenta importância e reconhecimento cultural para o ensino de História, a partir de questões do presente e do passado na localidade.

As ações da proposta didática, com a participação dos alunos, os encontros, as oficinas de preparação e sensibilização no reconhecimento da importância do trabalho com as memórias, o envolvimento deles, as dúvidas, as dificuldades, o momento da escuta e seleção das falas dos indivíduos são elementos que reforçam a valorização e significação da cultura e das identidades dos estudantes, na medida em que eles tiveram o protagonismo, desenvolvendo a capacidade crítica e levantando questões a partir dos processos históricos. Além disso, o próprio documentário valoriza as memórias dos indivíduos e as narrativas dos estudantes, que deu sentido às cenas, em um envolvimento de alteridade e construção da subjetividade no ensino de História.

O ensino de História, nesse sentido, mostrou-se para além do espaço escolar, pois o contato dos estudantes com outros sujeitos e lugares deu sentido a uma circularidade de representações oralmente sobre o passado da Balaiada, levando à construção de novas interpretações, que surgiram e tornam-se vinculadas ao ensino de História, abrindo assim, um importante espaço de reconhecimento do lugar social e protagonismo dos estudantes com suas histórias de vida.

O documentário traz essa dimensão de valorização do protagonismo dos estudantes, que ganham voz ao longo das cenas e apresentam as reflexões que dão conta dos usos do passado no presente, por meio da problematização das memórias da Balaiada. O documentário serve ainda para o ensino de História, na medida em que dialoga com os saberes sobre o passado, as culturas e outras identidades socialmente construídas pelo reconhecimento dos eventos históricos em uma dimensão local, ainda assim, ele pode contribuir para que os estudantes se sintam pertencentes a gerações que não viveram a Balaiada, mas as memórias os atingem no presente nesses passados vivos na comunidade que foram surgindo nas entrevistas.

Por se tratar de um documentário produzido pelos estudantes da escola, em primeiro momento, optou-se por aplicar o produto didático na sala de aula, entre as turmas envolvidas na ação, mediante exibição e observação da percepção do público escolar. A direção, junto com a equipe pedagógica, colocou-se à disposição para ajudar na organização do evento de exibição, mas por se tratar de um documentário construído a partir de memórias dos sujeitos históricos, surgiu a ideia de dar maior visibilidade, optamos então por realizar um único evento de exibição, que reuniu os moradores entrevistados, os pais dos alunos e alunas, amigos e a comunidade em geral, moradores da cidade.

Neste sentido, a exibição não ocorreu dentro da escola em primeiro momento, mas em um evento com toda a comunidade escolar, em uma praça pública da cidade, com um extrato da população, famílias dos alunos, moradores entrevistados, professores e professoras, funcionários da escola, etc.

Esta perspectiva que aproxima escola e comunidade trouxe ao documentário um caráter público, de retorno e reconhecimento das memórias como uma possibilidade de reflexão do passado no presente. Essa dimensão de trabalho viabiliza o ensino de História com a História Pública, na qual tem proporcionado, nos últimos

anos, uma variedade de práticas e reflexões de difusão do conhecimento histórico para amplos públicos, especialmente nos meios de comunicação de massa.

Segundo Ricardo Santhiago (2018, p. 290), a História Pública surgiu em meados dos anos 1970, “em um contexto de forte crise do mercado de trabalho universitário, impactado por um número decrescente de matrículas, cortes de pessoal e precarização das condições de trabalho”. Para Marta Rovai e Juniele Almeida (2011), a História Pública não é um conceito novo, porém, nos últimos anos, tem se expandido como espaço de reflexão na academia. Segundo as autoras, a História Pública “nasceu na Inglaterra, nos anos 1970, e ganhou o espaço no Canadá, Itália, África do Sul e Estados Unidos. Sua abrangência, também na Europa, voltou-se aos fins políticos e ideológicos pautados nas questões de justiça social. Segundo as autoras, entre os ingleses pautaram-se pela prática “de uma história voltada para a inter-relação de memória e narrativa, valorizando a construção de identidades coletivas”.

É precisamente nesse sentido que a História Pública foi se consolidando, buscando um *lócus* “público” para além da divulgação de um conhecimento organizado e sistematizado pela ciência, mas como organização e mediação de conhecimentos locais” (ROVAI; ALMEIDA, 2011, p. 4). Complementar a essa definição, conforme define Ricardo Santhiago (2018, p. 291), a História Pública “buscou estimular a presença do historiador em uma variedade de espaço e atividades profissionais, criando uma espécie de “carreira alternativa” para os historiadores”.

Como construção de conhecimento, a História Pública tem se democratizado no Brasil para além do espaço acadêmico, “ela vem sendo ativada como um dispositivo conceitual capaz de ajudar o historiador a enfrentar os desafios contemporâneos de sua atividade”. Nessa perspectiva, o papel social e alcance da História Pública têm promovido aproximações com amplos públicos, levando reflexões para o reconhecimento do passado e seus usos no tempo presente. Os usos dos meios de comunicação: televisão, cinema etc.; os ambientes virtuais: redes sociais, *internet* etc.; passaram a ser meios de popularizar a História e definir amplamente seu alcance, sem perder de vista a qualidade conceitual, garantindo a difusão de conhecimento de maneira responsável e integrada.

Ainda assim, a História pública consegue também desenvolver práticas dentro da escola, “como um conjunto de procedimentos que pode contribuir com modelos participativos de construção de saber e de intervenção objetiva em diferentes espaços

públicos, incluindo a sala de aula” (ROVAI, 2019, p. 90). Nesta perspectiva, pensamos o documentário nessa dimensão de intervenção no social, quando é concebido em um diálogo com os indivíduos da comunidade, ouvindo e refletindo sobre as narrativas de um tempo passado vivo no presente, “esses passados vivos que se alimentam nos espaços mais íntimos e cotidianos” (ROVAI, 2019, p. 94). As memórias produzidas em cada cena promovem reflexão sobre os processos de silenciamento, valorizando e emergindo essas memórias que, de fato, nunca estiveram em silêncio, mas continuam vivas, a existir no interior dos grupos sociais.

O documentário, nesse sentido, procura problematizar o lugar da Balaiada na memória social da cidade de São Bernardo, nas representações do passado, e sua relação com o presente, ao mesmo tempo, apresenta-se como um produto didático concebido no ensino de História, podendo ser amplamente usado em sala aula e fora dela, em outros espaços públicos de divulgação, sendo, portanto, uma História Pública.

A construção desse documentário na perspectiva de História Pública concebe-se como “vídeo-história”, na medida em que a narrativa fílmica faz parte de um produto didático determinado por uma metodologia própria, mas que não se limita apenas ao trabalho no ensino de História, entre alunos e o professor-pesquisador. Segundo Mauad e Dumas (2011, p. 81), a “vídeo-história implica na elaboração de um novo tipo de texto histórico, que considere, na sua produção, a natureza de enunciação das fontes trabalhadas. Assim, as fontes orais, visuais e sonoras, elementos fundamentais nesta reflexão historiográfica, devem ter sua substância de expressão preservada para compor o texto histórico”. Neste sentido, tivemos como base na produção do documentário essa concepção, na qual se articula a construção de um vídeo não apenas informativo, mas um vídeo-história capaz de valorizar as vozes e representações do passado através dos relatos que foram selecionados para esta produção.

Ao operarmos com esta abordagem, o documentário em vídeo apresenta uma sequência na perspectiva da História Pública, mediante o diálogo entre conhecimento histórico e conhecimento audiovisual, um trabalho coletivo que se concebe em uma escrita intertextual de narração dos processos históricos. Segundo Mauad e Dumas (2011, p. 90), a noção de intertextualidade pode ser percebida “tanto pela ampliação da interpretação histórica, quanto pela prática social, sujeita às disputas e conflitos próprios aos trabalhos de memória”. Neste sentido, o documentário trata dessa

justaposição das fontes de memória (textual, visual, oral e sonora), na tentativa de recuperar sentidos e significados à narrativa dos sujeitos sociais produtores de textos/discursos.

No documentário que construímos, a trama das imagens, o processo, acontecimentos e narrativa fílmica foram concebidos mediante uma edição que considerou o produto como um vídeo-história, a partir de um trabalho de parceria com a modalidade de escrita intertextual, conforme modelo desenvolvido em produtos já concebidos na História Pública. Por escrita intertextual, concebe-se, segundo diz Mauad e Dumas (2011, p. 92):

Nessa modalidade, o roteiro se baseia na estrutura da entrevista, organizada segundo o problema levantado pela pesquisa. A narrativa é composta por falas coordenadas, retiradas de várias entrevistas. A essa polifonia são associadas imagens fixas, filmadas para ganhar movimento. Cada sequência fílmica é composta por um conjunto de falas associadas a um conjunto de imagens que são apresentados em movimento, garantindo o efeito necessário à composição da linguagem.

Assim, o documentário produzido se apresenta nesta perspectiva como uma proposta de vídeo-história em diálogo com a comunidade, mediante o reconhecimento e reflexão aos usos de depoimentos públicos sensíveis em sala de aula, sobre as disputas e representações da memória de sujeitos que souberam contar os eventos da Balaiada. Ao mesmo tempo, as narrativas que se desenham no vídeo com as vozes dos alunos nos ajudam a perceber e refletir sobre os usos do passado no presente, nos saberes, nas identidades, na cultura e nas formas de conceber a memória como instrumento de reconhecimento do passado dentro e fora da sala de aula, no ensino de História.

Tendo em vista os pressupostos e as dimensões destacados até aqui, sobre o diálogo possível entre ensino de História e História Pública a partir da produção do documentário, essa reflexão nos conduz à descrição do evento ocorrido na cidade para exibição do produto didático em vídeo-história.

4.2 A exibição do documentário

O evento ocorreu no mês de novembro de 2019, como parte da programação de conclusão do ano letivo escolar, mesmo diante das dificuldades, das mudanças

que ocorreram durante a fase de produção do documentário, a escola se colocou à disposição para ajudar, e assim definimos a data do dia 30 de novembro para exibir o documentário na Praça de Eventos (Praça 29 de Março), que fica em frente à escola.

Definimos essa data para não coincidir com a data do ENEM, pois os alunos estariam concentrados no exame. Já no mês dezembro seria impossível, uma vez que o calendário escolar estava programado com as semanas de avaliação e recuperação dos estudantes. Com isso, o final de novembro foi a data viável para a realização do evento.

Em reunião com os alunos, a direção e demais colaboradores, organizamos o cronograma de divulgação, usando as redes sociais (*Facebook* e *WhatsApp*), convidando a população para assistir ao documentário. Na escola, os grupos de estudantes também convidaram seus colegas de turmas, visitando todas as salas, nos três turnos. Organizamos um cartaz com a arte e o título do documentário, com a data, o local e o horário do evento.

Figura 22 – Convite divulgado em *blog* de notícias da cidade

Fonte: Autoria própria.

Divulgamos nas redes sociais, compartilhando o cartaz e produzimos alguns convites aos demais professores da escola, os familiares dos estudantes, e, especialmente, os moradores entrevistados. Convidamos as autoridades municipais e representantes da educação em nível municipal e regional, Unidade Regional de Educação de Chapadinha (URE).

A essa altura, a cidade tomou conhecimento do evento, por meio das publicações dos alunos que aconteciam na rede social e, também, através de uma rádio e *blogs* da cidade. O professor Wilberth, que nos ajudou no roteiro e edição, produziu um videoclipe que também contribuiu na divulgação do evento, sendo compartilhado nas mídias. Confeccionamos camisas e solicitamos apoio da direção, que financiou os custos, a decoração da praça e a logística das cadeiras para comportar a quantidade do público esperado.

As últimas semanas do mês de novembro de 2019 foram de divulgação, convidando os moradores para se fazerem presente; os alunos que participaram de todo o processo também ajudaram na organização, afinal, a satisfação estava explícita em cada rosto, pelo resultado alcançado e pela ansiedade em assistir pela primeira vez ao documentário totalmente pronto. Na semana do dia 30, organizamos todos os preparativos e confirmamos a presença dos moradores que foram entrevistados pelos estudantes; cada um recebeu convite para marcar presença. Os alunos resolveram organizar uma homenagem para eles, através de um recital de poema antes da exibição do documentário.

Um dia antes do evento, realizamos ensaios com os alunos, distribuimos as camisas, selecionamos as alunas Lúcia e Tina para apresentar o evento, sendo as cerimonialistas; para isso, organizamos um roteiro de apresentação. Ficaram decididos os seguintes momentos: abertura com um texto de boas-vindas, execução do hino municipal, palavras de um aluno (Lucas) representando todos os estudantes que estiveram à frente do trabalho; fala do professor pesquisador Ronilson Oliveira; da direção da escola, professora Luiza Machado; apresentação do cordel da “Balaiada” pelos alunos e exibição do documentário.

Na tarde do dia 30 de novembro organizamos as cadeiras na praça de evento, montamos a estrutura com som e telão. Certificamo-nos, junto ao município, acerca da iluminação da praça e a presença de guarda para fazer a segurança do evento. Os pais de alguns alunos, que trabalham com serviço de som, contribuíram com o material audiovisual (telão, som e microfone) colocados com a ajuda do pai do aluno Juan; já o pai da aluna Tina, que trabalha com anúncios em carro de som, fez o comercial convidando a população durante o dia inteiro, pelas ruas da cidade. Dessa maneira, toda a organização do evento contou com a ajuda dos familiares dos alunos; a equipe administrativa da escola e os estudantes do grupo de trabalho também ajudaram.

Na noite do dia 30, a partir das 19h, a população marcou presença; os alunos da escola compareceram, os demais professores também estiveram presentes; colocamos em torno de 500 cadeiras e quase todas foram ocupadas. Antes do início do evento, recepcionamos os moradores que foram entrevistados, colocamos algumas cadeiras em um espaço de destaque, mostrando a importância que eles tiveram para o desenvolvimento do documentário.

A presença deles foi um momento muito especial; os alunos tiveram a oportunidade de encontrá-los; houve abraços e troca de sorriso entre eles; a proximidade que tiveram durante as entrevistas se manteve e a receptividade dos alunos com os moradores se tornou um momento especial.

Durante o início do evento, as alunas cerimonialistas, Lúcia e Tina, mencionaram o nome dos moradores e moradoras, registrando a presença e convidando a ocuparem as cadeiras que estavam à frente.

A nossa intenção foi justamente dar visibilidade e importância aos entrevistados, colocando-os em lugar de destaque para que o público pudesse conhecê-los durante a cerimônia. Enviamos convites para todos os entrevistados, mas somente alguns compareceram, o que nos deixou alegres com a presença tão importante na noite.

Compareceram ao evento os seguintes moradores: dona Nilza; dona Irene; professora Luciana; professora Angelica; senhor Tiago; seu Antônio; senhor Zeca; senhor Benedito.

Figura 23 – Moradores entrevistados



Fonte: Acervo do autor.

Os alunos que participaram da produção das entrevistas também foram chamados à frente e ocuparam as cadeiras ao lado dos moradores convidados, tendo assim o destaque especial: do lado direito, os entrevistados; do lado esquerdo, os alunos entrevistadores. Ao centro, colocamos uma mesa de honra, que contou com a presença das autoridades municipais, estaduais e professores da escola.

Houve a execução do hino municipal, a leitura de um texto de boas-vindas, acompanhado das falas da direção da escola, professora Luiza Machado; em seguida, fala do professor pesquisador Ronilson e de um aluno, Lucas, que fez o relato da experiência do grupo na realização do documentário e toda a trajetória de trabalho dos seus colegas. Foi um momento relevante do ponto de vista da experiência e do protagonismo deles diante da construção do produto.

Figura 24 – Alunos participantes da pesquisa



Fonte: Acervo do autor.

A diretora da escola, professora Luiza Machado, agradeceu a presença da população, dos familiares dos alunos presentes e ressaltou a importância do documentário como um documento em vídeo disponível para toda a comunidade de São Bernardo, sendo um produto que atende às expectativas da escola, no ensino de Ciências Humanas, podendo ser trabalhado em sala de aula, pelos demais professores. Professora Luiza agradeceu a presença das autoridades da educação

que estiveram presentes, agradeceu também o empenho dos alunos que realizaram o trabalho com o professor.

Como professor-pesquisador, ressaltai a experiência do mestrado em Ensino de História, do qual faço parte da turma de 2018, da Universidade Federal do Pará. Destaquei a importância da pesquisa e do desenvolvimento de novas práticas de ensino no ensino de História, agradei o empenho dos alunos, que mesmo diante das dificuldades conseguiram construir o produto com qualidade e conhecimento histórico, considerando o reconhecimento e valorização das memórias dos sujeitos históricos, dos lugares e da própria cultura maranhense. Agradei a presença dos moradores que foram entrevistados e, especialmente, a presença da comunidade e dos familiares dos alunos, que se envolveram no processo, ajudando e entendendo muitas vezes a disponibilidade deles para a realização das entrevistas. Por fim, agradei a equipe da escola, os colegas de trabalho, que em diversos momentos nos ajudaram, assim como, a equipe administrativa, que não mediu esforços para a realização do evento.

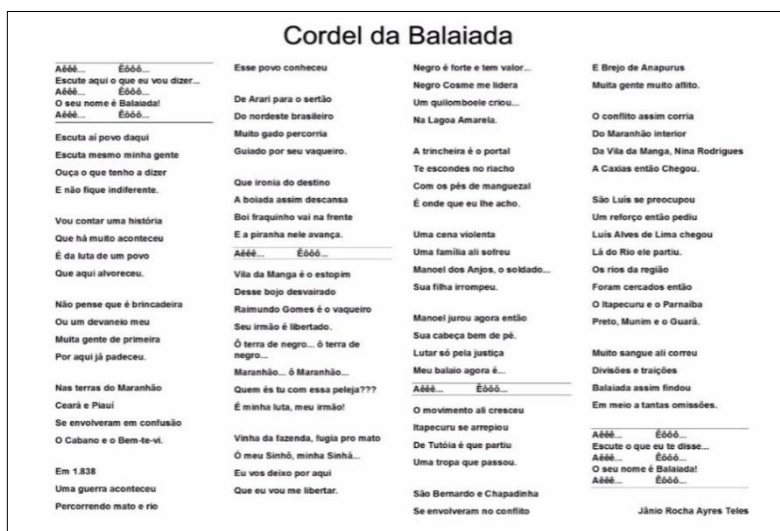
Figura 25 – População da cidade de São Bernardo (Praça 29 de março)



Fonte: Acervo do autor.

Logo após as falas e agradecimentos, a cerimônia continuou com a apresentação dos alunos homenageando os moradores entrevistados. O grupo de alunos ensaiou um cordel intitulado “Balaiada”, a performance do recital durou alguns minutos, recebendo aplausos da população presente.

Figura 26 – Cordel da Balaiada



Fonte: Autoria própria.

O cordel escolhido por eles é de autoria do Professor J.R.A.T., que foi um dos moradores entrevistados pelo aluno Pedro. O cordel apresenta os episódios da guerra em 19 estrofes, com a descrição de lugares e regiões por onde a Balaiada passou no Baixo Parnaíba Maranhense, citando nomes de cidades, rios e lugares conhecidos na região. Os alunos resolveram ensaiar durante uma semana antes do evento; a ansiedade e o nervosismo estavam visíveis antes da apresentação, mesmo assim, todos fizeram a apresentação, cada um recitando uma estrofe, que, dinamicamente, agradou ao público, recebendo aplausos ao final.

Logo após o recital, a mesa de honra foi desfeita e todos se prepararam para o grande momento: a exibição pela primeira vez do documentário. Montamos uma estrutura de telão para que todos os presentes pudessem visualizar em qualquer ponto da praça. Mais cedo, durante a organização, testamos uma tela menor usada em data show, mas sentimos que não seria o suficiente diante do público que aguardávamos, com isso, o pai de um dos alunos, que trabalha na área de audiovisual, e que também nos ajudou na organização, trouxe uma estrutura de telão, o que facilitou a exibição.

Figura 27 – População de São Bernardo assistindo ao Documentário



Fonte: Acervo do autor.

Figura 28 – População de São Bernardo assistindo ao Documentário



Fonte: Acervo do autor.

O clima de silêncio tomou conta da praça e todos ansiosamente se concentraram, observando as cenas que foram sendo exibidas. A comunidade presente, os alunos, os professores, os convidados, os nossos entrevistados, acompanharam a exibição, sendo um momento de emoção para todos que contribuíram na produção do vídeo.

Ao final da exibição, o silêncio deu lugar aos aplausos do público, demonstrando aceitabilidade do vídeo e reconhecimento da importância do produto

para a História da cidade. Os alunos foram parabenizados, abraçados e muitos moradores se mostraram surpresos diante das cenas, dos lugares e dos eventos históricos que foram narrados. Já os moradores entrevistados comentaram que se sentiram importantes e valorizados, gostaram dos depoimentos em cena e muitos se emocionaram em alguns momentos, assim como demonstraram alegria em gargalhadas quando apareciam na tela.

Encerramos o evento agradecendo a presença dos moradores e colocamos o documentário à disposição do público, no *YouTube*²⁷. Alguns professores que estavam presentes pediram o documentário para levar às suas escolas, o que nos mostrou que o produto teve o reconhecimento para o ensino de História e que outras escolas do município se sentiram atraídas para trabalhar o produto em aulas e eventos de suas respectivas escolas.

Sobre a percepção do público presente, logo após o evento, perguntamos a algumas pessoas qual a visão delas sobre o documentário. Elaboramos, junto com os alunos, o seguinte questionamento: “No último sábado, dia 30, foi exibido o documentário “O Tempo do Pega”: o passado balaio da Matriz. Qual a sua percepção sobre o documentário?”. A pergunta foi distribuída entre o grupo de alunos que participaram da produção, cada dupla entrou em contato com as pessoas convidadas por eles, e recebemos por *WhatsApp* as respostas.

Essas respostas serviram para termos uma compreensão acerca do reconhecimento do documentário e quais as visões que o público teve logo depois da exibição. Recebemos as respostas de professores da educação básica, de alunos do ensino fundamental e Médio, cada sujeito deu sua própria visão sobre o documentário, conforme apresentamos:

Excelente iniciativa, ver registrado no modo midiático a riqueza da nossa história oral é algo encantador. Compreender a nossa História pelas vozes dos próprios moradores é estritamente enriquecedor e mais, vê-los relatando suas memórias no documentário, sentindo o quão são valiosos, o quão foi gratificante dar ouvidos aos nossos ancestrais assim como entender o sofrimento e altivez do negro no nosso município, e saber que um movimento como a Balaiada também esteve presente aqui tão perto de nós e pessoas próximas de nós ouviram atentamente a história contada e recontada por gerações anteriores que não estão entre nós, mas deixaram o seu legado nos

²⁷ Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Cqb8oEQmf5s&t=2802s>

vestígios e na memória de muitas pessoas. (PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA, SÃO BERNARDO).

Olha, o documentário é um conteúdo de extrema importância tanto para a História da cidade quanto para o estímulo a pesquisar sobre nossas origens, de conhecer os nossos antepassados, um conteúdo não só destinado aos mais jovens, mas também aos mais velhos, já que o documentário se apresenta por meio de uma produção audiovisual no qual facilita a compreensão do mesmo. Documentário muito bem produzido em termos técnicos e muito bem elaborado acerca da História da Balaiada. (ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO, UFMA CAMPUS SÃO BERNARDO).

Eu como professora achei de fundamental importância, de uma riqueza de informações que fomos privilegiados. Esse documentário veio resgatar e nos estimular a curiosidade, a levar para nossas salas de aulas, essa História que envolveu a comunidade com a Balaiada. (PROFESSORA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, SÃO BERNARDO).

Eu gostei muito! O documentário mostra a história do município de São Bernardo através da própria comunidade, cada um com seu modo de contar como a cidade foi fundada. Além disso, podemos notar que houve escravidão e senzalas nos povoados, também notei no documentário, que ocorreu uma guerra da Balaiada, onde o município de São Bernardo participou fielmente da guerra da Balaiada como um local de fronteira entre os revoltosos de Brejo e os que se localizavam em Tutóia, como uma barreira. Gostei também que teve uma parte que mostrou lugares por onde a Balaiada passou como Magalhães de Almeida, locais que até nossos dias atuais contém marcas do movimento, nas trincheiras de pedras. (ALUNO DE ENSINO MÉDIO).

Quando eu assisti o documentário lá na praça fiquei muito surpreso com as informações. Não esperava tantas histórias sobre a Balaiada aqui em nossa cidade. Fiquei impressionado com as entrevistas, os relatos dos moradores contando aquilo que sabiam sobre a guerra, a criação da cidade e também dos lugares que teve escravidão. A Balaiada faz parte da nossa história e tem seus vestígios em cada parte da história. (ALUNA DE ENSINO MÉDIO).

O documentário mostra o movimento Balaio no passado de São Bernardo, alguns locais onde havia senzalas, lembranças e lendas do “pega”, que eu não sabia, dessa presença dos balaio aqui. O recrutamento forçado também foi uma situação muito difícil que as pessoas sofreram antigamente nos povoados e cidades dessa região do Baixo Parnaíba Maranhense. (ALUNO DE ENSINO FUNDAMENTAL II, SÃO BERNARDO).

As subjetividades das respostas dão sentido à maneira como o documentário foi recebido pelo público que compareceu à praça de eventos, em grande medida, as diferentes visões, principalmente no que tange ao conhecimento histórico, o saber sobre o passado e o reconhecimento das memórias dão uma percepção a partir da subjetividade das respostas.

A observação dessas respostas como resultado de um conhecimento construído sobre o documentário fornece indícios de aprendizagens e reconhecimento de representações compartilhadas que se cristalizam na reflexão que cada sujeito fez do documentário. Para além das discussões sobre o uso midiático que o produto forneceu, importa perceber as variações de reconhecimento das memórias que socialmente ganham sentido e fornece os ingredientes necessários para a construção de uma história pública no ensino de História em diálogo com a comunidade

Nesse caminho, a relação de experiência com moradores, estudantes e demais públicos, por meio da exibição do documentário, permitiu uma reflexão ampla dos usos do passado na comunidade, problematizando os lugares e o tempo dos sujeitos históricos nas narrativas dos participantes. Ao mesmo tempo, que os lugares de memórias, as disputas e representações coletivas, proporcionam uma maior aproximação da realidade social dos sujeitos, pois a reflexão que o documentário apresenta para a educação não formal dos integrantes da comunidade possibilita múltiplas representações sociais a partir das narrativas.

A mesma pergunta aplicou-se aos alunos envolvidos na produção, afinal, foram eles que construíram o documentário ao longo de meses, passando pelas oficinas que os ajudaram na sensibilização que resultou na construção do produto, em diálogo com a comunidade por meio das entrevistas.

A percepção dos alunos mudou completamente, bem diferente das respostas que deram na primeira oficina, quando perguntamos o que eles saberiam dizer sobre a história da Balaiada. Vejamos a percepção dos alunos pós-exibição do documentário:

A história da Balaiada tem suas raízes profundas, raízes essas que ainda não foram descobertas, depoimentos que foram passados de gerações em gerações ainda não escutados. Com um profundo estudo, podemos perceber que a história da Balaiada é muito mais do que aquelas contadas nos livros, detalhes que só são perceptíveis quando escutados da “boca do povo”, pessoas que tiveram seus tataravós incluídos na história, esses depoimentos são de extrema importância para complementa a história. E sim, com certeza, tais argumentos foram essenciais para criar uma nova perspectiva sobre a Balaiada. (JOÃO).

Sim, é claro! O movimento balaio possui uma representatividade simbólica, cujo legado cultural de saberes, fazeres e modos sobrepassa ao tempo, resistindo nos vestígios materiais e imateriais, nas histórias e memórias fincadas na região. O documentário da Balaiada foi de suma importância nesse entendimento, na percepção

das “histórias não contadas”, visto que hoje se faz preciso ultrapassar visões conservadoras, silenciamentos e, sobretudo, o esquecimento. (JÚNIOR).

O documentário mostrou tudo que realizamos ao longo das atividades com professor, os encontros com as pessoas de São Bernardo e as surpresas que foram aparecendo nos depoimentos. Confesso que fiquei emocionado e muito feliz em contribuir com essa atividade de história. fiquei realizado pelos encontros com outras pessoas, ouvindo as memórias, as lendas, conhecendo outros lugares. A Balaiada é realmente uma história que me encanta. (PEDRO).

Mudei completamente a minha visão sobre a guerra da Balaiada, acredito que o documentário que produzimos vai ajudar outras escolas, outros jovens na minha idade a entender essas histórias tão ricas. Eu nem sabia que em São Bernardo existia vestígios, os lugares que andei me fez mudar de opinião. (TINA).

O documentário da Balaiada modificou muito minha percepção sobre o tema, pois o que antes eu aprendi como um assunto raso na sala de aula e que não tinha interesse, agora eu vejo como algo em que eu fiz parte, me aprofundei e descobri tanta coisa e tudo isso dentro da minha região, descobri que isso também faz parte da minha história e da minha cidade. (LÚCIA).

Antes do documentário não saberia dizer muita coisa sobre a guerra dos balaaios pois, na sala de aula esse conteúdo sempre foi estudado de forma muito superficial. Após minha participação no mesmo, pude perceber a extensa lista de acontecimentos que haviam desde então sendo deixados de lado, histórias e personagens que sempre estiveram tão perto e que com muito prazer pude ouvir e conhecer mais sobre essa guerra que até então só ouvíamos que acontecera em sua maior parte nas redondezas de Caxias – MA. (JOANA).

Sim, pois não tinha muito conhecimento sobre história da Balaiada e do importante impacto que ela causou no Nordeste, principalmente no Maranhão. Depois da exibição do documentário entendi que a guerra da Balaiada pode ser compreendida de outra maneira, e também, após as entrevistas fiquei impressionado de como minha cidade São Bernardo, teve um papel principal durante a guerra. (JUAN).

Neste sentido, tanto a construção do documentário com a oralidade dos sujeitos entrevistados e dos alunos, enquanto protagonista ao longo da narrativa fílmica, quanto a aposta em divulgar para diversos públicos, em uma praça da cidade, reforçando um desejo mútuo de diálogo entre comunidade e escola, nos garantiu importância social e promoção do debate público sobre o passado da Balaiada.

As memórias narradas promoveram reflexões sobre as experiências dos sujeitos com o passado do lugar. Com isso, o produto teve como objetivo problematizar as narrativas orais, não tendo como pretensão a reconstituição do passado, mas travar um diálogo com os sujeitos históricos nos espaços de

socialização e como espaço de memória. As representações coletivas engendram lugares de memória e constituem-se, elas mesmas, em uma delas na contemporaneidade (NORA, 1993). As narrativas documentadas, por meio da oralidade e das memórias, fornecem indícios de construções históricas, representações sobre o passado da cidade, nas memórias da escravidão e dos processos de resistência da Balaiada, nos vestígios que estão por toda parte, nos lugares e espaços dos indivíduos e coletividades no tempo presente.

Tornar possível o reconhecimento desses lugares e das memórias é estimular as reflexões para proteger e comunicar o passado no presente, especialmente às representações do passado da Balaiada nos espaços não formais de conhecimento em São Bernardo. As narrativas públicas, resultantes do documentário com as memórias, foram marcadas pelo tempo presente em sua dimensão social, nas lembranças, esquecimentos e silêncios em múltiplas dimensões. Desvelamos, por meio da narrativa, os espaços de subjetividades, tradições culturais e identidades na formação social e histórica da cidade e região. Daí, portanto, a importância da divulgação e reconhecimento advindo do produto (documentário), ampliando e democratizando o acesso, para que mais pessoas reconheçam o passado da Balaiada e tenham suas próprias experiências subjetivas no presente.

Este documentário não tem apenas a função de entretenimento, apesar de usarmos de efeitos visuais, movimentação em cenas, trilha sonora; em uma perspectiva de História Pública, procuramos “encontrar um equilíbrio entre produto de valor educacional e de entretenimento, atendendo às demandas do público por prazer e aos requisitos éticos [...] para proteger e comunicar o passado” (ROVAI, 2019, p. 17).

Como valor educacional, posterior à exibição, o documentário tem se apresentado como uma proposta viável ao ensino de História nas escolas do município. Ao longo deste ano, o documentário já foi assistido em diversas escolas, em diferentes níveis de ensino. Em fevereiro de 2020, na Escola José de Freitas, situada no povoado São Raimundo (São Bernardo), local que historicamente tem traços de comunidade quilombola, os alunos assistiram pela primeira vez e realizaram atividades pedagógicas de ensino de História com os seus respectivos professores.

Figura 29 – Escola José de Freitas (Povoado São Raimundo – São Bernardo)



Fonte: Acervo do autor.

Na cidade de São Bernardo, as professoras da Escola Monteiro Lobato, que atende alunos das séries de 1^a ao 5^a ano, solicitaram a exibição do documentário, que ocorreu no mês de abril de 2020. Em comemoração ao aniversário do município, as turmas de 5^a ano realizaram um cinema com as crianças que assistiram o documentário, e como atividade, apresentaram desenhos e textos que serviram de exposição nos corredores da escola.

As professoras que organizaram a atividade com os alunos tiveram conhecimento do documentário durante a primeira exibição que ocorreu em novembro de 2019; com isso, aproveitaram para realizar uma proposta de ensino sobre a história local, estimulando os alunos no reconhecimento do passado da Balaiada, assistindo ao vídeo e na produção de desenhos e textos.

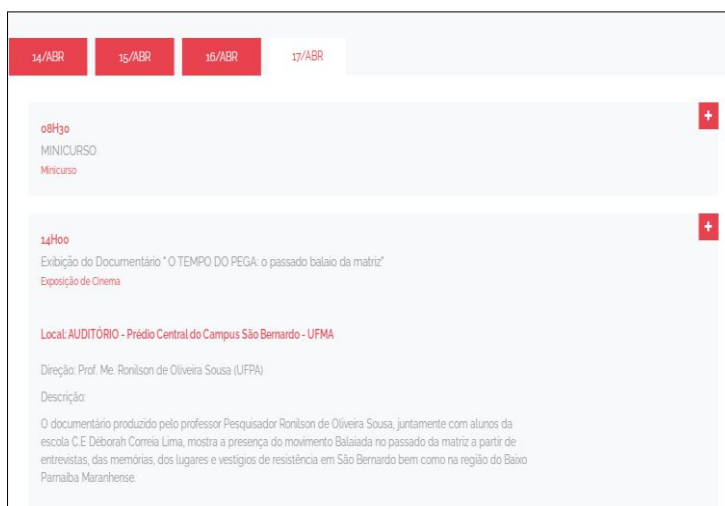
Figura 30 – Escola Monteiro Lobato – São Bernardo



Fonte: Acervo do autor.

No início do ano, fomos convidados para exibir o documentário em um evento científico da Universidade Federal do Maranhão *campus* São Bernardo. A primeira Jornada de “Ciências Humanas e Sociais: territorialidades e culturas em tempos de (re)existências”²⁸, prevista para ocorrer no período de 14 a 17 de abril de 2020, por conta da pandemia da Covid-19, o evento foi adiado, aguardando uma nova data para ser realizado.

Figura 31 – Site da Jornada de Ciências Humanas e Sociais - UFMA



Fonte: autoria própria.

²⁸ Disponível em: <https://doity.com.br/i-jornada-de-cincias-humanas-e-sociais-territorialidades-e-culturas-em-tempos-de-resistncias>.

A jornada tem por objetivo reunir pesquisadores e lideranças de movimentos sociais do estado do Maranhão, especialmente da região do Baixo Parnaíba Maranhense, um espaço de debates e troca de conhecimento. Sobre a organização do curso de Licenciatura em Ciências Humanas, recebemos o convite para incluir o documento “O Tempo do Pega”: o passado balaio da matriz” na exposição de cinema que ocorreria no dia 17 de abril, às 14h.

De modo geral, o documentário alcançou o objetivo proposto, que foi de levar as representações dos lugares e memórias da Balaiada para a sala de aula e outros espaços de sociabilidade, por meio de um diálogo amplo, que ocorreu na exibição, mediante a participação da comunidade de São Bernardo e suas diversas percepções construídas sobre o tema. Além disso, é possível perceber que o documentário tem alcançado outros públicos, sendo um produto didático viável ao ensino de História, a História da Balaiada, que pode ser trabalhada por meio da realização de atividades de exibição em sala de aula, com debates, exposições acerca de temáticas da Balaiada ou com o uso de relatos enquanto recurso didático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Todas e todos nós estamos envolvidos e implicados em uma grande batalha cultural de significação, pela identidade [...] Se não contarmos nossas histórias a partir do lugar em que nos encontramos, elas serão narradas desde outros lugares, aprisionando-nos em posições, territórios e significados que poderão comprometer amplamente nossas possibilidades de desconstruir os saberes que justificam o controle, a regulação e o governo das pessoas que não habitam espaços culturais hegemônicos (COSTA;VEIGA NETO, 2002, p. 94).

A citação que escolhi expressa a posição que esta pesquisa enveredou, com o objetivo de compreender a representação da Balaiada entre o passado e o presente no município de São Bernardo, na região do Baixo Parnaíba Maranhense. Problematicamos, ao longo da pesquisa, os silenciamentos e esquecimentos das histórias de grupo étnico-racial e a importância da construção de uma contranarrativa com outras interpretações sobre eventos e processos de resistência dos grupos sociais que constituem a região, descendentes de negros que foram escravizados, que no tempo presente as gerações preservam memórias por meio de uma tradição oral com os seus antepassados.

Acessar parte dessas narrativas se tornou um grande desafio e um envolvimento coletivo no ensino de história, com o engajamento de sujeitos, alunos e alunas, professores e moradores da cidade e de comunidades rurais. Nossa intenção sempre foi o aprendizado histórico dos estudantes mediante uma experiência de trabalho dentro e fora da escola em outros espaços de aprendizagem, contribuindo para desconstruir imagens e representações que silenciam a presença dos negros no passado da cidade de São Bernardo e região.

Através de aulas-oficinas que prepararam os alunos para a realização das entrevistas, tornou-se um espaço de sensibilização e escuta de diferentes vozes que ajudaram na construção coletiva das ações que tiveram início dentro da escola, na elaboração de questionário, tomamos por base os instrumentos da História oral. Os alunos tiveram espaço para sugerir, opinar e apresentar os nomes de moradores e moradoras. A pesquisa-ação foi pautada na valorização dos sujeitos e numa postura do aluno como um ator, e não como agente passivo da educação.

Desse modo, a escola foi colocada como um espaço que promove a busca do conhecimento, mas não a única detentora dele. A metodologia inovadora possibilitou

explorar outros espaços de aprendizagem, nas visitas aos moradores, nos bairros e povoados do município que realizamos as gravações das entrevistas, atingindo os objetivos, sendo uma experiência bem-sucedida.

A pesquisa-ação que elaboramos se mostrava desafiadora, afinal, apareciam vários vieses a serem trabalhados, e fomos delimitando o objeto da pesquisa: em uma estratégia dentro e fora da escola, trabalhando as experiências e representações de memórias com os moradores e moradoras, dando protagonismo aos alunos e alunas na construção das entrevistas, na gravação das conversas e na produção de um documentário que se tornou o material pedagógico desta pesquisa-ação.

O engajamento dos alunos em cada etapa, nas entrevistas e gravações do documentário, considerando as narrativas que foram selecionadas por eles, deram sentido ao material pedagógico, tendo novas concepções com influência sobre suas consciências históricas. Sendo assim, a realização da pesquisa-ação permitiu a ampliação das experiências históricas, podendo, esses alunos e alunas, ampliarem as interpretações do passado, ligando-as ao presente em que vivem, produzindo novas possibilidades de uma realidade diferente no futuro.

A tradição oral dos moradores da cidade e de comunidades de descendência negra trouxe à tona eventos do passado, entendidos a partir do presente do silenciamento e esquecimento do passado da Balaiada na cidade de São Bernardo, a partir do ensino de História. São narrativas que contribuem com a aprendizagem de ensino para além da sala de aula, contemplando especialmente a realidade local e regional no tempo presente.

Assim sendo, a execução da pesquisa-ação se constituiu experiência com os alunos e alunas, que permitiu aprender em contato com os mais velhos, com as tradições orais e com as memórias vivas no ensino de História, capaz de promover aprendizado histórico a partir da representação da Balaiada, estabelecendo conexões de significados e de sentidos entre o presente com o passado da cidade.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, E. S. **A Balaiada e os Balaio**: uma análise historiográfica. Monografia – Universidade Estadual do Maranhão (curso de História), São Luís, 1996.
- ASSUNÇÃO, M. R. **De Caboclos a Bem-Te-Vis**: Formação do Campesinato Numa Sociedade Escravista: Maranhão 1800-1850: Annablume, 2015.
- ASSUNÇÃO, M. R. **A Guerra dos Bem-Te-Vis**. São Luís: SIOGE, 1988.
- ASSUNÇÃO, M. R. Histórias do Balaio. **Revista História Oral**. Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, v. 1, n. 1, 1998.
- ASSUNÇÃO, M. R. A memória do tempo de cativo no Maranhão. **Revista Tempo**. v. 14, n. 28, jan./jun. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 1999.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BÂ HAMPATÉ, A. **A Tradição Viva**. In: KI-ZERBO, J. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- BARCA, I. Ensinar história de modo linear faz com que os alunos se lembrem só dos marcos cronológicos. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Ed. 260, mar. 2013. (Entrevista concedida a Bruna Nicolielo).
- BARCA, I. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: BARCA, I (Org.). **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED), Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- BITTENCOURT, C. **Ensino de História**: Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008
- BITTENCOURT, C. **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARDOSO, M. F. **O Maranhão Por Dentro**. São Luís: LITHOGGRAF, 2001.
- CARDOSO, M. S. D. **Relatório Antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural da Comunidade Remanescente de Quilombo Santa Cruz**, Buriti, MA, 2013.
- COSTA, M. V.; VEIGA NETO, A. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CERRI, L. F. **Os objetivos do ensino de história**. Londrina, 1999, p. 137-146. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276233088>. Acesso em: 22 jun. 2018.

CERRI, L. F. **Ensino de História e Consciência Histórica**: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERRI, L. F. Saberes históricos diante da avaliação: notas sobre os conteúdos de história nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. **Revista Brasileira**, v. 24, n. 48, p. 213-231, 2004.

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. *In*: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

DIAS, C. M. M. **Balaios e Bem-Ti-Vis**: a guerrilha sertaneja. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2014.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Revista Educar**, n. 16, p. 181-191, 2000.

FARIA, R. H. M. de. **Mundos do trabalho no Maranhão oitocentista**: os descaminhos da liberdade. São Luís: EDUFMA, 2012.

FREITAS, S. M. de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas|FFLCH|USP: Imprensa Oficial, 2002.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FERREIRA, M. de M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez. 2002, p. 314-332.

FERREIRA, M. de M. *In*: CARDOZO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 169-186.

FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de História**: Experiências, reflexões e aprendizados. 13. ed. Revista e ampliada. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GONÇALVES, M. de A. História Local: O reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. *In*: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, A. M., MAGALHAES, M. de S. (Orgs). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. 3. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007, p. 175-186.

GOMES, F. dos S. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUSMÁN, P. **O roteiro no cinema documentário.** Mídia Independente, [s. l.], 2009. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/media/2009/06/448249.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 2006.

JANOTTI, M. de L. M. **A Balaiada.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

LAGO, Aderson de Carvalho. **Brejo, aldeia dos Anapurus.** São Luis: Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, 1989.

LIBÂNIO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática.** 5. ed. Goiânia: ed. Alternativa, 2004.

LOWENTHAL, D. **Como Conhecemos o Passado: Projeto História.** São Paulo, (17) nov. 1998.

MARANHÃO. Governo do Estado. **Escola Digna: caderno de orientações pedagógicas – História como componente curricular.** Secretaria de Estado da Educação. São Luís, 2017.

MARQUES, C. A. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão.** 3. ed. São Luís: SUDEMA, 1970.

MACATRÃO, R. P. **Casarões do Brejo e outros pontos.** São Luís: Lithograf, 2009.

MAGALHÃES, D. J. G. de. Memória Histórica e Documentada da Revolução da Província do Maranhão desde 1839 até 1840. **Revista Trimensal de História e Geografia**, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no número do 3º trimestre de 1858.

MATEUS, Y. G. A. S. **A Balaiada na sala de aula: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático “A Guerra da Balaiada”.** 2018. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

MAUAD, A. M.; DUMAS, F. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: novos métodos e possibilidades narrativas. *In*: ALMEIDA, J. R. de; ROVAI, M. G. de O. **Introdução à História Pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Porto Alegre. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Tradução Yara AunKhoury. Projeto História. São Paulo, Dez. 1998.

NASCIMENTO, M. N. **Terra das Palmeiras: Estudos Sociais: Maranhão**. São Paulo: FTD, 1996.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1989, p. 200-212.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**. v. 14, n. 14. fev. 1997.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

PIRES, C. A Performance da coreira do tambor de crioula do Maranhão. **Rv. Interd. Em. Cult. E Soc. (RICS)**, São Luís, v. 2, n. 1, p. 31-46, jan./jun. 2016.

ROVA, M. G. de O. Ensino de história e a história pública: os testemunhos da Comissão Nacional da Verdade em sala de aula. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 89-110. 2019.

RÜSEN, J. Aprendizado histórico. *In*: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). **JörnRüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 41-50.

RÜSEN, J. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *In*: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). **JörnRüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 23-40.

RÜSEN, J. **Reconstrução do passado - Teoria da História II**: os princípios da pesquisa histórica: Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

RÜSEN, J. **História Viva – teoria da história III**: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Ed. da UNB, 2010.

RÜSEN, J. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. *In*: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). **JörnRüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 79-92.

RÜSEN, J. **Razão Histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, J. História: Consciência, Pensamento, Cultura, Ensino. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 42, out./dez., Editora UFPR, p. 43-58, 2011.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. *In*: SILVA, T. T. da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SANTOS, S. R. R. dos. **A Balaiada no sertão**: a pluralidade de uma revolta. São Luís: Editora Uema, 2010.

SANTOS, M. J. V. **A Balaiada e a insurreição de escravos no Maranhão**. São Paulo: Ática, 1983.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. **História Oral na Sala de Aula**. Autêntica: Belo Horizonte, 2015.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História: Pensamento e ação na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. História do Ensino de História no Brasil: Uma proposta de periodização. **Revista História da Educação – RHE**. Porto Alegre, v. 16, n. 37, maio/ago. 2012. p. 73-91.

SILVA, F. C. **Matriz São Bernardo: de capela a santuário**. Fortaleza: Imprece, 2017.

SILVA, M. A.; FONSECA, S. G. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, v. 30, n. 60, p. 13-33, 2010.

SOUSA, R. de O. **Agosto em festa se enfeita: origens e transformações históricas no festejo de São Bernardo**. 2014. Monografia (Graduação em Ciências Humanas/Sociologia) – Universidade Federal do Maranhão, 2014.

TEIXEIRA, C. A. R. A Educação Patrimonial no Ensino de História. **Biblos**, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação)

VAZ, R. N. São Bernardo Documentário: história da matriz de São Bernardo. **Nossa Terra, nossa gente**. Sobral – CE: Sobral Gráfica e Editora Ltda, 2016.

VIANA, K. da S. **TODO ANO TEM!:** Cultura, resistência e tradição na festa de levantamento do mastro em São Bernardo/MA. 2014. TCC (Licenciatura em Ciências Humanas) - São Bernardo, UFMA, 2014.

VIANA, K. da S. **A terra prometida ainda é promessa:** conflitos ambientais e territoriais em Saco das Almas. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES

<p style="text-align: center;">ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES DE SÃO BERNARDO-MA</p> <p>Perguntas pessoais: Nome: Idade: Pertencimento étnico racial: Onde nasceu Escolaridade: Profissão</p>
<p>Perguntas sobre a origem da cidade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a origem da cidade de São Bernardo? 2. Como era São Bernardo antigamente? 3. Quem fundou a cidade de São Bernardo?
<p>Perguntas sobre as memórias da escravidão</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Você sabe dizer se existiu escravidão negra em São Bernardo? 2. Conhece alguma história do passado de escravidão nesta região? 3. Quais os lugares que existiram escravidão? Alguma fazenda ou senzala?
<p>Perguntas sobre as memórias da Balaiada</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. São Bernardo participou da guerra da Balaiada? 2. Seus antepassados guardaram memórias sobre essa guerra que aconteceu nesta região? 3. Quais os lugares de vestígios da Balaiada na região, poderia nos dizer? 4. O exército naquela época recrutava pessoas para a guerra? 5. Você ouviu alguma lenda, história sobre o chamado dia do pega em São Bernardo? Poderia relatar?

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu _____, morador (a) _____, AUTORIZO o uso de minha imagem, captada através das mídias convencionais, como câmeras fotográficas e filmadoras, para a utilização não comercial em fotos, documentário, videoteipes, ou outros meios de publicação da pesquisa, por prazo indeterminado. Em momento algum será permitido qualquer tipo de comercialização das imagens do participante, sendo seu uso restrito a produção de documentário e construção de narrativa da dissertação, apresentação do trabalho em eventos acadêmico, palestras e no produto final apresentado como proposição didática.

Assinatura do participante da pesquisa

Ronilson de Oliveira Sousa
Professor - pesquisador

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo que FILHO (A) _____
participe como voluntário, do estudo que tem como responsável o Professor Ronilson de Oliveira Sousa, mestrando do Programa de Pós – Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará, que pode ser contatado pelo e-mail: ronilsonos@hotmail.com e (91) 985311225.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com moradores da cidade, para a construção de um produto didático (Documentário), com os alunos do Centro de Ensino Déborah Correia Lima. A pesquisa faz parte de sua dissertação com o título: *“O Tempo do Pega”: lugares e memórias da Balaiada no Ensino de História.*

A participação de meu (minha) filho (a) consiste em realizar as entrevistas com os moradores, participar de oficinas, gravações de imagens, construção de roteiro, sobre a orientação do professor. Além disso, sei que posso cancelar a participação de meu (minha) filho(a) na pesquisa quando quiser e que ele(ela) não receberá nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura do Responsável

APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE PESQUISA

ANOTAÇÕES DAS DUPLAS – MINUTAGEM

Dupla: Lívia e Elane

Entrevistado: Maria Aparecida (professora)
 Entrevistador (dupla): Lívia; Elane
 Data da entrevista: 18 de junho de 2019
 Local: residência, Centro, São Bernardo
 Duração: 10 minutos

00:19 – 01:56 – Sobre o surgimento da cidade
 03:25 – 04:05 – sobre a escravidão em São Bernardo
 08:06 – 8:20 – Sobre a Balaiada

Entrevistado: Domingos (vaqueiro)
 Entrevistador (dupla): Lívia; Elane
 Data da entrevista: 22 de junho de 2019
 Local: residência, Pov. Caqueiro, São Bernardo
 Duração: 07:56

01:07 – 02:03 – o surgimento da cidade
 02:07 – 02:52 – sobre a escravidão em São Bernardo
 03:06 – 03:53 – memórias da Balaiada

Dupla: Sttfyson e Raquel

Entrevistado: Maria José (Professora)
 Entrevistador (dupla): Raquel; Sttfyson
 Data da entrevista: 25 de junho de 2019
 Local: residência, Centro, São Bernardo
 Duração: 19:20

07:06 – 07:37 – o surgimento da cidade
 16:50 – 17:25 – sobre a escravidão em São Bernardo
 18:05 – 19:05 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Kleuson (Funcionário Público)
 Entrevistador (dupla): Raquel; Sttfyson
 Data da entrevista: 30 de junho de 2019
 Local: Praça Pública, Centro, São Bernardo
 Duração: 08:44

04:39-05:26 – o surgimento da cidade
 05:30: 05:50 – sobre a escravidão em São Bernardo

06:22 -08:00 – memórias da Balaiada

Dupla: Edson e Carlos

Entrevistado: Raimundo Nonato Vaz (escritor)

Entrevistador (dupla): Edson e Carlos

Data da entrevista: 06 de julho de 2019

Local: Residência, Centro, São Bernardo

Duração: 27:44

05:48 – 07:41– o surgimento da cidade

16:14 – 21:22 – sobre a escravidão em São Bernardo

22:10 – 27:12 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Cindá (lavradora)

Entrevistador (dupla): Edson e Carlos

Data da entrevista: 07 de julho de 2019

Local: Residência, Povoado Porção, São Bernardo

Duração: 24:24

06:35 – 08:11 – o surgimento da cidade

10:00 – 14:45 – sobre a escravidão em São Bernardo

não soube responder – memórias da Balaiada

Entrevistado: Gilvan (lavrador)

Entrevistador (dupla): Edson e Carlos

Data da entrevista: 09 de julho de 2019

Local: Residência, Povoado São José dos Currais, São Bernardo

Duração: 05:13

00:19 – 00:30 – o surgimento da cidade

00:42 – 01:37 – sobre a escravidão em São Bernardo

01:38 – 03:15 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Jânio (Professor)

Entrevistador (dupla): Edson e Carlos

Data da entrevista: 13 de julho de 2019

Local: Residência, Centro, São Bernardo

Duração: 24:24

04:52 – 09:20 – o surgimento da cidade

09:30 – 13:38 – sobre a escravidão em São Bernardo

20:21 – 23:17 – memórias da Balaiada

Dupla: Emanuel e Mariane

Entrevistado: Rosário (lavradora)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 14 de julho de 2019
 Local: Residência, Pov. São Raimundo, São Bernardo
 Duração: 24:24

00: 03 – 01: 20 – o surgimento da cidade
 01:31 – 03:42 – sobre a escravidão em São Bernardo
 04:52 – 06:17 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Maria Alice (lavradora)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 14 de julho de 2019
 Local: Residência, Pov. São Raimundo, São Bernardo
 Duração: 07:45

06:36 – 01:06 – o surgimento da cidade
 01:46 – 03:44 – sobre a escravidão em São Bernardo
 04:15 – 04:45 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Bernardo (vaqueiro)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 21 de julho de 2019
 Local: Residência, Pov. São Raimundo, São Bernardo
 Duração: 10: 05

não respondeu – o surgimento da cidade
 04:11 – 06:18 – sobre a escravidão em São Bernardo
 07:16 – 07:35 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Jesus Vilar (professora)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 27 de julho de 2019
 Local: Residência, Magalhães de Almeida
 Duração: 21:19

Não consta – o surgimento da cidade
 Não consta – sobre a escravidão em São Bernardo
 15: 17 – 16:21 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Ari (lavrador)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 28 de julho de 2019
 Local: Residência, Pov. Currais, São Bernardo
 Duração: 05:49

00:25 – 00:59 – o surgimento da cidade
 01:07 – 02:30 – sobre a escravidão em São Bernardo
 02:44 – 04:29 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Maria (lavradora/pescadora)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 30 de julho de 2019
 Local: Residência, Centro, São Bernardo
 Duração: 05:20

00: 05 – 01:02 – o surgimento da cidade
 01:11 – 02: 02– sobre a escravidão em São Bernardo
 02:44 – 03:29 – memórias da Balaiada

Entrevistado: Francisco “Chico Piaba” (lavrador/pescador)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 30 de julho de 2019
 Local: Residência, Centro, São Bernardo
 Duração: 11:22

00:15 – 01:38 – o surgimento da cidade
 04:26 – 05:24 – sobre a escravidão em São Bernardo
 05:44 – 07:05 – memórias da Balaiada

Dupla: Victor Emanuel e Emanuelle

Entrevistado: Charif (escritor)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 04 de agosto de 2019
 Local: Residência, Bairro Conjunto Novo, São Bernardo
 Duração: 12:23

05:01 – 05:15 – o surgimento da cidade
 04:36 – 04:58– sobre a escravidão em São Bernardo
 00:27 – 04:03 – memórias da Balaiada

Entrevistado: José de Ribamar (lavrador)
 Entrevistador (dupla): Emanuel e Mariane
 Data da entrevista: 11 de agosto de 2019
 Local: Residência, Bairro Faveira, São Bernardo

Duração: 14:44

00:14 – 00:53 – o surgimento da cidade

02:46 – 04:25 – sobre a escravidão em São Bernardo

08:28 – 10:45 – memórias da Balaiada

APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE PESQUISA
ROTEIRO - DOCUMENTÁRIO

ROTEIRO

UFPA - Universidade Federal do Pará

PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional em Ensino de História

C.E. DÉBORAH CORREIA LIMA

WC DRONE

VISUAL FILMS - São Bernardo – Maranhão

“TEMPO DO PEGA”

O passado balaio da Matriz

CENA 1 - Abertura: cenas do centro da cidade de São Bernardo Maranhão
Música: Todos cantam a sua terra (Alcione)

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DAS CENAS
1	<p>Emanuel Meireles Bom dia! Viemos ao Mercado Municipal com o intuito de realizar perguntas aos moradores acerca do passado da balaiada em nossa região.</p> <p>Lilia Carvalho Serão que a população realmente sabe algo sobre o passado dos balaies na nossa cidade? Ou há esquecimentos?</p>	<p>Lilia e Emanuel em frente ao mercado público municipal da cidade de São Bernardo (MA). A cena acontece a partir da fala dos dois alunos, logo em seguida seguem para dentro do mercado.</p> <p>Material audiovisual usado: microfone, celular, drone.</p>	Mercado Municipal
	<p>Lilia Carvalho Emanuel</p> <p>Fala 1: Você já ouviu falar da Guerra da Balaiada?</p>	<p>Os dois alunos seguem para dentro do mercado, transitando entre os moradores e vendedores, perguntam se eles já ouviram falar de uma guerra conhecida como Balaiada ocorrida há 180 anos no Maranhão e seus vestígios na região.</p> <p>A Cena acontece dentro e fora do mercado, ouvindo diferentes pessoas, homens e mulheres.</p>	Mercado Municipal; Rua do Comercio – Rua Barão do Rio Branco; Praça Valdemiro Pereira de Sousa;

**CENA 2 – Exibição de imagens que apresentam lugares antigos do Maranhão, com plantação de algodão no Baixo Parnaíba Maranhense; imagens que reproduzem as batalhas durante a guerra da Balaiada;
Música da trilha sonora: “Sou Mandinga Balaiada” – Mestre Barrão; Banda de Música do Festejo de São Bernardo.**

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DAS CENAS
2	<p>Victor Emanuel:</p> <p>Você já se perguntou como era São Bernardo antigamente? Como surgiu São Bernardo? Quais as histórias da escravidão nos lugares mais antigos desse lugar? Há histórias silenciadas? Como surgiu nossa gente? São Bernardo já foi Vila? Qual a participação de São Bernardo nos eventos da guerra da Balaiada? O que os filhos, netos dos vaqueiros, os lavradores, os moradores mais antigos têm para nos dizer?</p>	<p>A Cena com o aluno Victor Emanuel acontece na praça do santuário de São Bernardo. Usamos o drone para captar as imagens aéreas do local centralizando o aluno na cena filmada.</p>	<p>Igreja Matriz Santuário de São Bernardo. Praça do Santo</p>
	<p>Conrado Filho:</p> <p>Vamos ouvir os Lavradores, Professores, Pescadores, Donas de casa, aposentados, Vaqueiros e Artesãos. Cada um elabora sua própria versão sobre o passado do lugar, levando em conta suas experiências, as lembranças que foram repassadas ao longo de gerações.</p>	<p>Na mesma sequência, o aluno Conrado Filho grava seu texto na Praça Nilza Coelho Lima (Praça do Santo), que fica na parte mais alta da cidade. Na cena, usamos o drone para filmar o aluno em distância considerável ao enquadramento do espaço.</p>	
	<p>Victor Emanuel:</p> <p>Fomos conversar com essas pessoas, saber delas qual a origem de São Bernardo, quais as memórias se mantêm vivas sobre o tempo da escravidão e especialmente sobre os lugares e focos da guerra da Balaiada, ocorrida há 180 anos, na região do Baixo Parnaíba Maranhense.</p>	<p>Com o aluno Victor Emanuel, gravamos sua fala na Praça do Santuário de São Bernardo. O drone filmando do alto enquanto o aluno caminha em direção ao drone.</p>	

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DAS CENAS
3	<p>Edson Rodrigues:</p> <p>A história de São Bernardo vai muito além daquilo que já foi escrito, há múltiplas vozes de gerações que foram “silenciadas”, “apagadas” e até excluída dos livros. As memórias dessas pessoas é um verdadeiro patrimônio cultural, que devemos valorizar.</p>	<p>A cena com aluno Edson Rodrigues ocorre na Praça Valdemiro Pereira de Sousa (Praça do Mercado). Usamos o drone que captou imagens do alto com o aluno caminhando em direção ao drone.</p>	<p>Praça Valdemiro Pereira de Sousa; Balneário Rio Buriti; Praça da Prefeitura Municipal.</p>
	<p>Lívia Oliveira:</p> <p>Nós, alunos da Escola Deborah Correia Lima, percorremos o município de São Bernardo, descobrimos muitas histórias do surgimento do lugar, memórias do período de escravidão e da revolta dos balaies.</p>	<p>A cena filmada com a aluna Lívia ocorre no Balneário Rio Buriti, bairro Abreu. Novamente usamos o drone que registrou o local com imagens áreas.</p>	
	<p>Edson Rodrigues:</p> <p>Encontramos muitas pessoas, conversamos e fizemos perguntas, registramos e apresentamos através deste documentário, as representações das memórias que mesmo fragmentadas resgatam um dos processos mais importantes de nossa história: os focos de resistência balaia em São Bernardo e região do Baixo Parnaíba.</p>	<p>Na mesma sequência, filmamos a Praça Bernardo Coelho de Almeida (Praça da Prefeitura), com o aluno Edson caminhando em direção ao busto do poeta Bernardo Almeida.</p>	

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DAS CENAS
	<p>Emanuel Meireles: Neste documentário daremos destaque aos lugares e memórias da guerra da Balaiada, ocorrida em 1838-1841, sendo a mais importante revolta popular do Maranhão, alcançando também os estados do Piauí e Ceará.</p> <p>Lilia Carvalho: Por meio dos depoimentos, nas vozes dos moradores em diferentes pontos do município e da própria região do Baixo Parnaíba, surgem memórias, histórias e lendas que dão conta dos lugares por onde a Balaiada passou.</p>	<p>A cena acontece no espaço Balneário Rio Buriti. Duas cenas: a primeira com o aluno Emanuel Meireles, a segunda com a aluna Lilia.</p>	<p>Balneário Rio Buriti – São Bernardo.</p>
4	<p>Emanuel Meireles: Os vestígios dessa guerra que mobilizou populações pobres, vaqueiros, negros livres e escravos, mulheres e crianças, é símbolo de resistência, que a memória oral dos moradores aqui entrevistados ressalta os motivos e os embates que tomou conta da região central do conflito.</p> <p>Emanuel Meireles: Em um grupo de 10 (dez) alunos, entrevistamos 15 (quinze) moradores de São Bernardo e região. Entre os meses de maio e Agosto de 2019. Visitamos comunidades, escutamos atentamente cada depoimento, as lembranças que foram repassadas de gerações, os esquecimentos, os medos, as angústias e até mesmo o total desconhecimento daquilo que estávamos buscando compreender: ou seja: as histórias e memórias na</p>	<p>A cena é gravada na Praça Vale de Luz, ao lado do Santuário de São Bernardo. Usando drone que registra o aluno em diferentes movimentos no espaço da praça.</p>	<p>Praça Vale de Luz – Santuário de São Bernardo</p>

	<p>cidade e nos povoados, nos vestígios materiais e imateriais do passado da Balaiada em nossa região.</p> <p>Das entrevistas surgem três momentos, que a memória oral dos moradores evidencia:</p> <p><i>O surgimento da cidade;</i></p> <p><i>O passado da escravidão nos povoados e fazendas antigas;</i></p> <p><i>E a Balaiada, nas histórias de resistência na região.</i></p> <p>Lilia Carvalho: Hora de aprender com o passado e observar o presente.</p>		
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

**I PARTE
O SURGIMENTO DA CIDADE**

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
5	Depoimento da Professora Maria José Meireles (58 anos), sobre o surgimento da cidade.	A gravação da entrevista com a Professora Maria José ocorreu em sua residência. Entrevistador: Sttfyson Marques e Raquel Cardoso.	Residências e em alguns espaços públicos de São Bernardo.
	Depoimento da Professora Aparecida (59 anos), moradora do centro da cidade, oferece outras versões do surgimento da cidade.	A entrevista filmada aconteceu na casa da Professora, na Rua São Vicente, centro da cidade. Entrevistador: Lívia Oliveira e Elane dos Santos.	
	Depoimento do escritor, Sr. Raimundo Nonato Vaz (79 anos) apresenta em sua fala informações do surgimento da cidade de São Bernardo	O encontro com o Sr. Nonato Voz, ocorreu em sua residência no centro da cidade. Entrevistador: Carlos Eduardo e Edson Rodrigues.	
	Depoimento do Senhor Kleuson Michael (37 anos), membro da Academia Bernardense de Letras e Artes – ABELA.	A entrevista com Sr. Kleuson acontece primeiro na praça do santuário, mas devido às condições do lugar (barulho sonoro), a gravação ocorreu em outro local, na praça do santo. Entrevistador :Sttfyson Marques e Raquel Oliveira.	

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
6	<p>Victor Emanuel:</p> <p>Embora existam diferentes narrativas acerca do surgimento do município prevalece no imaginário popular a versão de que a origem da cidade estaria ligada a atuação de padres jesuítas que exploraram o Rio Parnaíba por volta de 1676, mantendo os primeiros contatos com os povos indígenas, dentre eles os índios Anapurus, distribuídos pelo território que posteriormente constituiria a Freguesia de São Bernardo.</p> <p>Os índios Anapurus que ocupavam a região “eram divididos em <i>Anapurus-Mirins</i> e <i>Anapurus-Açu</i>” e dedicavam-se mais à lavoura de alimentos de subsistência do que à pesca e à caça de animais.</p> <p>Quando a Freguesia de São Bernardo foi constituída, em 1741, existia no pequeno arraial uma capela construída por indígenas e escravos em colaboração com um fazendeiro local, Bernardo de Carvalho Aguiar.</p> <p>Durante a época da Balaiada, São Bernardo do Parnaíba, como assim era chamado, pertencia a Brejo.</p> <p>São Bernardo foi elevado à categoria de Vila, em 1859. Já no ano de 1864, a Vila contava com 121 casas, e a freguesia 7.700 pessoas, 33 engenhos de açúcar, aguardente e rapadura, 89 fazendas de criação de gado e 15 casas comerciais.</p> <p>Atualmente, segundo o IBGE, São Bernardo conta com 26.476 habitantes, localizado no Baixo Parnaíba, leste Maranhense a 372 km da capital São Luís. Sua emancipação política ocorre em 28 de março de 1938.</p>	<p>Texto gravado em áudio, com a voz do aluno Victor Emanuel. Em cada sequência do texto imagens da cidade aparecem contextualizando eventos históricos de acordo com a narrativa histórica.</p> <p>Trilha sonora: “No tempo dos Jesuítas” Maria José Meireles.</p>	Studio WC Drone

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
7	<p>Emanuel Meireles:</p> <p>Bom, e quanto a nossa gente? A composição étnica e cultural dos moradores de São Bernardo - estudos apontam que a população local seria resultado do encontro de indígenas, negros, brancos e caboclos que ao longo do século XVIII e início do XIX passara a se fixar na região. Já nas primeiras décadas do século XX, ocorre a chegada de levas de trabalhadores vindos de estados que sofriam com a seca, sobretudo cearenses e piauienses. Os migrantes nordestinos, chegavam no período de seca, encontravam nessa região, com rios e lagoas, espaços propícios para a edificação dos primeiros povoados, a exemplo de São Bernardo, Brejo e Tutóia. Indígenas aldeados, católicos desbravadores e migrantes nordestinos marcam a paisagem cultural e material dessa parte do Maranhão.</p> <p>Outro fato interessante é a posição geográfica do município, localizado na região do Baixo Parnaíba, às margens do Rio Parnaíba, divisa natural entre os estados do Maranhão e Piauí. Há também o rio buriti, que deságua na Lagoa do Bacuri.</p>	<p>Usando drone a cena com o aluno Emanuel Meireles acontece na Ponte sobre o Rio Parnaíba, na divisa do Maranhão (São Bernardo) e Piauí (cidade de Luzilândia). Apresentamos imagens do Rio Parnaíba, do rio Buriti, da Lagoa do bacuri.</p> <p>Trilha sonora: De Teresina a São Luís – Luis Gonzaga</p>	<p>Ponte sobre o Rio Parnaíba, povoado Porto Formoso, São Bernardo na divisa com a cidade de Luzilândia (PI).</p>

II PARTE
MEMÓRIAS DA ESCRAVIDÃO

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
8	<p>Lilia Carvalho: Mas, falando um pouco, da composição étnica, para além dos grupos já mencionados, a presença de negros, e seus descendentes, que chegaram para essas terras com o tráfico negreiro colonial.</p> <p>Na região, além dos relatos orais, encontramos edificações em ruínas que atestam a presença material de senzalas nos povoados de São Raimundo, Santa Maria, Currais e Quilombo. A tradição oral dos moradores antigos da cidade e dos povoados apresentam algumas características das formas de resistência dos escravos.</p>	<p>Para gravar as externas, a equipe escolheu o Povoado Currais, zona rural do município de São Bernardo. A comunidade tem características de descendência negra, no passado era uma antiga propriedade que mantinha o trabalho escravo nas antigas fazendas que formam povoados na atualmente.</p> <p>A equipe de pesquisa encontrou (03) três povoados que no passado serviu de quilombo (Pov. Quilombo; Pov. Engenho Velho; Pov. Santa Maria) na mesma região.</p> <p>Equipamento usado: drone, celular, câmera.</p> <p>Aluna: Lilia Carvalho.</p> <p>SEQUÊNCIA FÍLMICA:</p> <p>Logo após a fala da Lilia, a sequência fílmica apresenta um pequeno videoclipe com imagens de fazendas e senzalas, objetos da cultura material e imaterial negra, com danças e lugares em São Bernardo que se vinculam a memória dos negros escravizados. Por fim, apresentamos um vídeo do grupo tambor de crioula, da Sra. Maria Marinho.</p> <p>Trilha sonora: Negro Rei – Cidade Negra</p>	<p>Povoado Currais – Zona Rural de São Bernardo.</p>

<p>Depoimento do Professor Janio Rocha (41 anos), apresenta informações da ancestralidade negra no Baixo Parnaíba Maranhense.</p>	<p>As gravações ocorreram na residência do pai do Sr. Janio, em São Bernardo. A cozinha foi o espaço escolhido pelo entrevistado para a conversa. Dupla que a entrevistaram: Edson Rodrigues e Carlos Eduardo.</p>	<p>São Bernardo; Povoado Porções; Povoado São Raimundo; Povoado Currais.</p>
<p>O depoimento de dona Cindá (76 anos), moradora do Povoado Porção, comunidade na região dos Currais, apresenta memórias traumáticas da escravidão naquela região, a partir das lembranças de sua mãe de criação.</p>	<p>A entrevista com a dona Cindá acontece em sua residência, no antigo povoado Porção, na região dos Currais, zona rural de São Bernardo. A entrevistada guarda muitas memórias de sua descendência negra que alcançou o período de escravidão e pós-abolição na região. Dupla que a entrevistaram: Edson Rodrigues e Carlos Eduardo.</p>	
<p>O depoimento do senhor Nonato Vaz (79 anos), indica a localização de lugares com vestígios da escravidão na região dos Currais.</p>	<p>O registro de entrevista com o Sr. Nonato Vaz acontece em sua residência, no centro de São Bernardo. Dupla: Edson Rodrigues e Carlos Eduardo.</p>	
<p>No depoimento do Senhor José de Ribamar (89 anos), ele reconhece que os antepassados falavam da escravidão, aponta alguns lugares que tiveram escravidão em São Bernardo.</p>	<p>A entrevista foi gravada em sua residência, no bairro Faveira. O senhor José de Ribamar recebeu a equipe, o aluno Victor Emanuel no quintal de sua casa, respondendo todas as perguntas. Dupla: Victor Emanuel e Emanuella Lima</p>	
<p>Depoimento do Senhor Charif Sabry (83 anos) confirma alguns locais que tiveram a escravidão em São Bernardo.</p>	<p>A entrevista com o Sr. Charif Sabry acontece na porta de sua casa, no bairro Conjunto Novo, São Bernardo. Apesar da fragilidade por conta da idade o Sr. Charif fez questão de responder todas as perguntas. Dupla: Victor Emanuel e Emanuella Lima</p>	
<p>Os castigos com os negros é outro ponto que a dona Cindá apresenta em sua entrevista.</p>	<p>Entrevista no Povoado Porções. Dupla: Edson e Carlos.</p>	

	<p>A Senhora Maria Alice (91 anos), com idade avançada, moradora da comunidade São Raimundo conta com detalhes o passado de escravidão naquele antigo povoado de São Bernardo.</p>	<p>A entrevista foi registrada em sua residência que fica no Povoado São Raimundo. Dona Maria Alice, recebeu o aluno Emanuel Meireles no alpendre de sua casa, sentaram e ela respondeu às perguntas, muitas vezes fugindo das perguntas, mas sempre contando com detalhes as memórias dos seus antepassados naquela comunidade. Dupla: Emanuel Meireles e Mariane Rodrigues.</p>	
	<p>O vaqueiro Senhor Bernardo (62 anos), que cuida da fazenda Paraíso, conta memórias de sua experiência de trabalho na antiga fazenda. As memórias contam casos de violência e resistência dos negros no passado da fazenda paraíso, no povoado São Raimundo.</p>	<p>O registro da entrevista com o vaqueiro Sr. Bernardo acontece em frente sua residência, embaixo de uma árvore no povoado São Raimundo. Dupla: Emanuel Meireles e Mariane Rodrigues.</p>	
	<p>Dona Cindá (60 anos), durante a entrevista conta versões da resistência dos negros no período de escravidão.</p>	<p>Entrevista no Povoado Porções. Dupla: Edson e Carlos</p>	
	<p>Na entrevista com a Professora Maria José (57 anos), quando questionada sobre a escravidão neste território de São Bernardo, ela apresenta uma memória que seu avô comentava sobre as fugas dos negros, do São Raimundo ao Pov. Currais, zona rural do município.</p>	<p>Entrevista realizada na residência da Professora Maria José, no bairro Centro em São Bernardo-MA. Dupla: Sttfyson Marques e Raquel Cardoso</p>	
	<p>O senhor Francisco “Chico” (72 anos), lembra das memórias dos seus antepassados que informam os lugares que existia a escravidão em São Bernardo.</p>	<p>A entrevista com o Sr. Francisco “Chico” acontece no centro de São Bernardo, porém o mesmo foi morador durante muitos anos da região da Lagoa do bacuri, sendo pescador aposentado.</p>	

	<p>Dona Maria do Rosário (61 anos) apresenta memórias que informam as desigualdades e segregações que os negros estavam submetidos durante a escravidão na fazenda paraíso no povoado São Raimundo.</p>	<p>A entrevista com a Sra. Maria do Rosário ocorre em sua residência no Povoado São Raimundo, zona rural do município de São Bernardo. O povoado São Raimundo é um dos lugares mais antigos do município, com vestígios materiais e imateriais da escravidão. Dupla: Emanuel Meireles e Mariane Rodrigues.</p>	
	<p>No povoado Currais, a entrevista com o Sr. Ari (80 anos) lembra de memórias que seus antepassados lhe repassaram acerca do tempo da escravidão naquela localidade.</p>	<p>A entrevista com o Sr. Ari acontece em frente a sua residência, recebendo a equipe, o aluno que lhe fez as perguntas. O Aluno Emanuel Meireles fez as perguntas e o Sr. Ari foi respondendo, durando cerca de 20 minutos.</p>	

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
9	<p>Lívia Oliveira: Esses depoimentos dos moradores, em diversos pontos do município, ajudam a produzir conhecimento sobre o passado da escravidão em São Bernardo. A memória oral resgata o que o tempo apagou fisicamente. Nossos informantes, alguns deles com gerações de famílias que descendem dos últimos escravizados, guardam histórias que acompanham suas raízes familiares desde os “tempo do cativo” ou pós-abolição. Localizamos comunidades que tiveram fazendas escravistas, a exemplo dos povoados: “Currais”, “Santa Maria”, “São Raimundo” e “Quilombo”.</p>	<p>As gravações externas com a aluna Lívia Oliveira acontecem no povoado Currais, na qual a equipe voltou mais de uma vez, para usar o cenário natural do povoado. Local de cena: Rio Buriti, Ponte do Povoado Currais – São Bernardo. Trilha sonora: Canto do Quilombo.</p>	<p>Povoado Currais, zona rural do município de São Bernardo; Praça da Prefeitura, Centro da cidade.</p>
	<p>Edson Rodrigues: As memórias informam os comportamentos, os hábitos alimentares e as relações desiguais entre senhores e escravos. As fugas que ocorriam por conta da violência que os negros sofriam representam os excessos de tirania senhorial, as formas de opressão no cotidiano das fazendas. Os negros também organizavam formas de resistência, que vão desde a formação de quilombos a estratégias de esconder situações para não serem punidos pelos senhores, como aparece em várias versões desta história da “morta da burra”, na qual dona Cindá e o Senhor Bernardo Vaqueiro disseram.</p>	<p>Cena com o aluno Edson Rodrigues na Praça da Prefeitura Municipal, no centro da cidade. Em movimento o aluno inicia sua fala com o registro do vídeo a partir de um drone. Trilha sonora: Canto do Quilombos.</p>	

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
10	<p>Emanuel Meireles:</p> <p>Na época da Balaiada, a maior parte da população da Comarca de Brejo, ou seja: Vilas de São Bernardo do Brejo, de São Bernardo da Parnaíba e de Tutóia, eram identificadas como índios, pretos e pardos. É o que mostra um mapa do ano de 1837 da população dessas vilas.</p> <p>Conforme se ver, uma quantidade significativa de índios, pretos e pardos, sejam livres, sejam escravos, com um total de 15.637 indivíduos, contrastando com os 2.855 brancos identificados.</p> <p>Isso mostra o predomínio da população negra na região, se traduzindo, na formação de comunidades quilombolas: Saco das Almas (Brejo), Quilombo Bom Sucesso (Mata Roma), Quilombo da Lagoa Amarela (Chapadinha), além de outras comunidades na região que são parte dos remanescentes dos quilombos da época da escravidão.</p> <p>São comunidades de uma secular história de luta pela terra, preservando saberes e modos de vida.</p> <p>É desses lugarejos, dessa população, que vão surgir, durante o século XIX, homens e mulheres na maior resistência negra na região leste maranhense.</p>	<p>Texto gravado em áudio com videoclipe de imagens que dão o enredo da cena fílmica, destacando aspectos históricos, culturais e sociológicos da formação étnico racial do Baixo Parnaíba Maranhense. O aluno Emanuel Meireles narra o texto.</p>	Studio

III PARTE
MEMÓRIAS DA BALAIADA

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
11	<p>Raquel Cardoso: A Balaiada é um movimento social que reuniu vaqueiros, artesãos, lavradores, escravos e pequenos fazendeiros (mestiços, mulatos, sertanejos, índios e negros), em toda a faixa da região leste maranhense, e se estendeu por quase todo o Piauí e chegou até mesmo a alguns municípios do Ceará.</p>	<p>As gravações externas com a aluna Raquel Cardoso ocorreram em uma estrada no bairro Abreu, em São Bernardo. Localizamos um ambiente rural, com a paisagem típica da região, com carnaubais. Usando drone gravamos duas cenas da aluna no local. O roteiro se baseia na cena em movimento, com a aluna falando seu texto, gesticulando e caminhando na estrada.</p>	<p>Bairro Abreu; Pov. Formosa; Pov. Porto Formoso; Pov. Cajueiro; Povoado Bebedouro de São Pedro (Magalhães de Almeida); Bairro Conjunto Novo (São Bernardo); Povoado Currais; Bairro Faveira.</p>
	<p>A Entrevista com o Professor Jânio Rocha explica com detalhes a origem do movimento balaiada e o seu significado.</p>	<p>Sequência de entrevista com o Prof. Janio Rocha.</p>	<p>Residência</p>
	<p>Videoclipe com imagens de uma artesã produzindo cesto de palha; de um artesão confeccionando jacá e um vaqueiro cuidando do gado.</p>	<p>Na sequência fílmica apresenta três externas com dois artesões e um vaqueiro: a primeira cena apresenta a artesã Bernarda Caetano (63 anos) “Dona Nadir” que produz cesto usando a palha da palmeira carnaúba; a segunda cena apresenta o Sr Sebastião Pereira (60 anos), artesão de jacá, feito com talho de bambu. A terceira cena, filmada no Povoado Formosa (zona rural de São Bernardo) com o Sr. Francisco das Chagas (55 anos) “DasChagas” vaqueiro. Ele aparece aboiando o gado no campo de uma fazenda.</p> <p>Trilha sonora: A morte do Vaqueiro – Luiz Gonzaga</p>	<p>São Bernardo; Centro; Povoado Porto Formoso; Povoado Formosa</p>

<p>Emanuel Meireles: Ocorrida entre 1838 a 1841, a Balaiada foi uma batalha de resistência em oposição às condições de miséria e opressa, escravidão, maus – tratos, oposição ao abuso de poderes e todo tipo de injustiças existentes na sociedade maranhense. Incluir imagens do filme “Balaiada, a Guerra Maranhense” - que apresenta os três líderes do movimento.</p>	<p>A Cena ocorre na praça do santuário, com o aluno Emanuel em movimento falando seu texto, com imagens captadas a partir do drone. Na sequência fílmica a cena recordada apresenta partes do documentário “Balaiada, a Guerra Maranhense”, apresentando os três líderes do movimento social: Negro Cosme, Balaio e Raimundo Gomes.</p>	
<p>Raquel Cardoso: O movimento popular mobilizou milhares de sertanejo em uma grande extensão do território maranhense, com seus principais líderes vindo das camadas populares. Os rebeldes utilizavam táticas de guerrilhas, as quais provocavam o deslocamento contínuo dos acampamentos balaios. A presença escrava na revolta, foram expressivas, participaram quase três mil negros sob a liderança do ex-escravo Cosme Bento das Chagas, que lutava contra a escravidão.</p>	<p>A externa de gravação com a aluna Raquel acontece no Bairro Abreu, em uma estrada de terra que fica na direção da fazenda “Canta Galo”. A aluna em movimento no centro da estrada caminha em direção ao drone que filma e registra seu movimento em cena. Trilha sonora: Guerreiras Quilombolas – Célia Sampaio</p>	
<p>Edson Rodrigues: Diversas formas de resistências populares existiam na Balaiada, como o quilombismo dos escravos, a resistência contra o recrutamento, as insurreições escravas e as rebeliões dos livres pobres. O recrutamento forçado deixou marcas na memória dos moradores do baixo Parnaíba Maranhense. Gerações de família até hoje transmitem histórias e lendas envolvendo as formas de recrutamento, a repressão, as estratégias para fugir e o clima de medo. Essa pratica já era usada antes da guerra da Balaiada, pelo governo imperial que buscava aumentar o número de soldados para manter o controle da província, nas guerras da independência.</p>	<p>A externa de gravação com o aluno Edson Rodrigues acontece no final do dia, na Praça da Prefeitura. Trilha sonora: Guerreiras Quilombolas – Célia Sampaio</p>	

<p>Durante a revolta balaia, aumentou as formas de repressão, em que famílias inteiras eram obrigadas a servir o exército.</p>		
<p>Fala do Sr. Raimundo Nonato Vaz, explicando como a expressão “O Pego” a partir de memórias e lendas.</p>	<p>Com os alunos Edson Rodrigues (filmando) e Carlos Eduardo (entrevistando) o Senhor Nonato Vaz explica a expressão “O Pega” ocorrida no passado do município.</p>	
<p>O depoimento do escritor Senhor Charif Sabry, menciona relatos da participação de São Bernardo na guerra da Balaiada. O escritor explica como aconteceu o “pego”, o recrutamento forçado de pessoas.</p>	<p>O aluno Victor Emanuel entrevista o Senhor Charif em sua residência, que fica no bairro Conjunto Novo em São Bernardo. Na sequência da entrevista em cena a edição inclui ilustrações que representam o recrutamento de pessoas, na qual o Sr. Charif informa como aconteceu à resistência em São Bernardo no passado da guerra balaia.</p>	
<p>O depoimento do Sr. José de Ribamar, antigo morador do bairro Faveira na cidade, menciona que seu pai de criação falava do recrutamento forçado durante a guerra.</p>	<p>O Aluno Victor Emanuel pergunta e o Senhor José de Ribamar responde, lembrando das memórias que o seu pai de criação lhe contava durante a infância.</p>	
<p>A entrevista com o Senhor Ari morador do Povoado Currais, menciona que ouviu falar que no passado os moradores da localidade foram recrutados na guerra da Balaiada.</p>	<p>O aluno Emanuel Meireles pergunta o Sr. Ari se ele soube de algum recrutamento forçado durante a guerra da Balaiada. O senhor Ari menciona memórias que seus antepassados lhe contavam que em São Bernardo “o pega” ocorreu, inclusive no povoado Currais.</p>	

<p>Victor Emanuel: Segundo o historiador Mathias Assunção, em pesquisa nas décadas de 80, em São Bernardo, Brejo e outras localidades do Baixo Parnaíba, usando informações da tradição oral, ainda presente na região central do conflito, o autor assegura que o recrutamento era o principal motivo imediato da revolta, pois, segundo ele, “tudo começou quando um lavrador da comarca do Brejo, o Balaio, libertou seus filhos recrutados à força, ou ‘pegados’, na expressão cabocla.</p>	<p>Do lado esquerdo da praça do santuário, a cena acontece com o aluno Victor Emanuel em movimento gesticulando enquanto o drone filma a sequência fílmica.</p>	
<p>Fala do Professor Janio Rocha, explicando que a prática do recrutamento “Pega” já era usada antes da guerra dos balaaios. Reforçando o depoimento dos senhores entrevistados.</p>	<p>Sequência de cenas com entrevista.</p>	
<p>Lívia Oliveira: O recrutamento forçado gerou muitas arbitrariedades, os sertanejos, as populações mais humildes sofriam e criavam formas de resistência, fugindo para as matas, na época ou participando da guerra, ao lado dos balaaios. Os moradores aqui entrevistados relatam que o recrutamento forçado é visto como o “tempo do Pega”, ou seja, pegavam os meninos adolescentes a força e levavam para servir ao exército durante a guerra.</p>	<p>A gravação de externas com a aluna Lívia Oliveira ocorre na fazenda Canta Galo. A equipe de pesquisa usa drone e todo o espaço aberto em frente à antiga fazenda.</p>	
<p>Fala do Professor Janio Rocha, que aponta alguns elementos sobre a participação de São Bernardo na guerra da Balaiada.</p>	<p>O aluno Edson Rodrigues pergunta ao Professor Jânio Rocha se São Bernardo participou da guerra da Balaiada. Jânio descreve uma série de informações históricas que situam a importância da localidade no passado da região, durante a resistência balaia.</p>	
<p>Continuação da entrevista com o Prof. Janio.</p>	<p>A externa de gravações acontece na Praça da Prefeitura Municipal.</p>	

<p>Lívia Oliveira:</p>	<p>A externa de cenas com a aluna Lilia na sequência fílmica ocorre no povoado Bebedouro de São Pedro, que fica as margens do rio Parnaíba, no município de Magalhães de Almeida. Do povoado a equipe seguiu até a trincheira de pedra, que ficam nas matas de difícil acesso sendo necessário ajuda dos moradores da localidade. Segundo os moradores a muralha de pedra serviu como acampamento balaio durante a guerra. Com o uso de um drone a equipe gravou as cenas com a aluna no local.</p>
<p>Lília Carvalho:</p>	<p>A equipe se desloca ao município de Magalhães de Almeida, com dois alunos: Mariane Rodrigues e Emanuel Meireles, que entrevistam a Professora Jesus Vilar. Na edição da entrevista, incluímos imagens com o mapa da região, com os dois municípios: São Bernardo e Magalhães de Almeida e localizamos a Lagoa do bacuri que segundo a Professora serviu estrategicamente para a fuga e esconderijo dos rebeldes. Entre a cena da entrevista incluímos efeitos no mapa com pontos indicando a rota na qual a professora moradora do município explica.</p>

<p>A entrevista com o Sr. Bernardo Nunes (70 anos) informa lugares e a movimentação dos balaios as margens do Rio Parnaíba.</p>	<p>Durante a gravação das externas em frente ao mercado público, a equipe encontrou o Sr. Bernardo Nunes, morador da cidade e que soube informa memórias da passagem dos balaios em São Bernardo. O aluno Emanuel Meireles o entrevistou na praça ao lado do mercado.</p> <p>Na sequência do documentário apresentamos fotografias da antiga muralha de pedra que serviu como acampamento balaio no povoado Bebedouro de São Pedro nas Trincheiras, em Magalhães de Almeida.</p>	
<p>Conrado Filho: Outro lugar importante na compreensão da Balaiada tem sido a antiga fazenda Paraíso, que fica no Povoado São Raimundo, há 9 km da cidade. No século XIX, a fazenda concentrou a maior parte dos negros escravizados. A tradição oral reforça diversas histórias de sofrimento, trabalho e fugas no Paraíso. Um dos nossos entrevistados, o senhor Domingos de 98 anos, vaqueiro experiente, nos contou que na fazenda paraíso, os negros participaram da revolta.</p>	<p>No povoado São Raimundo, antiga localidade no município de São Bernardo, as ruínas da senzala e o casarão da fazenda Paraíso é testemunha do tempo da escravidão. A equipe fez duas externas de gravação em frente à antiga fazenda, com o aluno Conrado Filho. Trilha sonora: Juazeiro – Trio de Flautas do Nordeste (instrumental).</p>	
<p>A entrevista com o Sr. Domingos (98 anos), vaqueiro aposentado da fazenda paraíso, contou memórias da escravidão, da violência, da fuga e dos castigos que os negros sofriam na fazenda. Seu Domingos confirma que os negros participaram da revolta balaia.</p>	<p>A gravação da entrevista com o Sr. Domingos ocorre na sala de sua residência no povoado Cajueiro, com a presença das alunas Elane dos Santos (filmando) e Lívia Oliveira (entrevistando).</p>	

<p>A entrevista com a Senhora Maria do Rosário, moradora do Povoado São Raimundo, conta memórias dos seus antepassados na localidade, e das famílias que escondiam objetos de valor durante a guerra. A entrevistada afirma que um tio da geração antiga de sua família participou da guerra sendo recrutado forçadamente.</p>	<p>Dona Rosário recebe a equipe no quintal de sua residência no Povoado São Raimundo. O aluno Emanuel Meireles a entrevista ouvindo atentamente o depoimento da senhora.</p>	
<p>A entrevista com o Senhor José de Ribamar o mesmo não se recorda de memórias dos seus antepassados, apenas lembra que alguns deles diziam ter acontecido à guerra do balaião.</p>	<p>No quintal de sua residência, no bairro Faveira na cidade de São Bernardo, o senhor José de Ribamar recebe a equipe e conversou durante alguns minutos com o aluno Victor Emanuel.</p>	
<p>A entrevista com a senhora Maria Alice “Dona Maria” apresenta uma memória importante do seu avô que teria participado da guerra da balaiada, servindo ao exército.</p>	<p>A entrevista com a dona Maria ocorre em sua residência no centro da cidade. O aluno Emanuel Meireles fez as perguntas e a equipe de pesquisa filma o momento.</p>	

CENA	ÁUDIO	DESCRIÇÃO DE CENA	LOCAL DA CENA
12	<p>Emanuel Meireles: Bom, mas quem efetivamente participou da revolta dos balaios em São Bernardo? Quem foram os homens, mulheres que se juntaram ao grupo de Raimundo Gomes, Negro Cosme e o Balaio? O governo do estado do Maranhão, em 2001, reuniu todos os documentos oficiais da época da Balaiada, na publicação do livro: “Documentos para a História da Balaiada”. Encontramos este livro na biblioteca Farol da Educação, aqui em São Bernardo, já os documentos originais, estão no arquivo público do estado, em São Luís. Nos ofícios, relatórios e outros documentos não constam precisamente a quantidade de rebeldes na vila de São Bernardo.</p>	<p>A gravação das externas acontece em frente ao Farol da Educação, prédio da biblioteca pública do município de São Bernardo, que fica na Praça 29 de Março. Na montagem de cena a edição inclui imagens de um livro usado durante a pesquisa.</p>	Praça 29 de março Povoado Currais Povoado São José
	<p>Lilia Carvalho: Porém, há um documento do final da guerra, uma lista de presos apresentados na Miritiba, em 1941, hoje cidade de Humberto de Campos, que aparecem o nome e a origem 4 pessoas capturados na Vila de São Bernardo. São eles: 1 - Matias Rodrigues, idade de 60 anos, casado, onze filhos; 2- Leandro Furtado dos Santos, de 60 anos, casado; 3 – Francisco Alves Fernando, de 27 anos, casado, três filhos; 4 – Joaquim José Fontenello, 40 anos, solteiro. Todos residentes na Vila de São Bernardo. Três eram escravos e um era soldado.</p>	<p>Com imagens aéreas usando o drone, a equipe grava a cena com a aluna Lilia Carvalho na Praça 29 de Março em São Bernardo. Na composição de cena a edição encaixa documento histórico dando sequência a fala da aluna. A gravação das externas com o aluno Carlos Eduardo acontece na região dos Currais.</p>	
	<p>Carlos Eduardo: Estamos na histórica região do Povoado Currais, que fica a 14 Km da cidade de São Bernardo. A região é toda emoldurada por palmeiras de babaçu, carnaúba e morros que guardam resquícios do tempo do cativoiro. Os povoados e as comunidades deste lugar são banhados pelo rio buriti.</p>	<p>A sequência fílmica com edição apresenta imagens da paisagem natural do município. Em seguida, a sequência fílmica abre a cena com o aluno Carlos que se movimenta sobre uma ponte que liga alguns povoados na região dos Currais.</p>	

<p>Nesta região, além da paisagem natural, nos vestígios materiais de outros séculos, encontramos nos depoimentos memórias que revelam as resistências dos escravos, durante a Balaiada. É o que nos informa o Senhor Gilvan, morador do povoado São José. Vejamos!</p>	<p>Trilha sonora: Capoeira – Toque Berimbau</p>	
<p>A entrevista com o Senhor Gilvan Alves (49 anos), apresenta memórias que os seus antepassados lhe repassaram, sobre a escravidão nos Currais além da presença dos negros na guerra da Balaiada.</p>	<p>Os alunos Carlos Eduardo e Edson Rodrigues entrevistam o Senhor Gilvan em sua residência no povoado São José na região dos Currais, zona rural de São Bernardo. A equipe de pesquisa acompanha os dois alunos e registra o depoimento.</p>	
<p><u>Videoclipe:</u> Escrita videoclipe com a voz do aluno Victor Emanuel.</p>	<p>A edição utiliza-se de escrita videoclipe, com leitura de texto, composta por um conjunto de imagens em movimento associado ao ritmo sonoro de uma música, tudo editado que ganha efeito no documentário.</p> <p>Trilha sonora: “Revolta Olodum” – Gal Costa</p>	

Emanuel Meireles:

Ao longo do tempo, o que se percebeu foi diversas formas de invisibilidade, esquecimento dessas histórias.

A Balaiada é um acontecido vivo, representativo e simbólico, do passado e do presente do Maranhão.

Nas entrevistas, os diferentes olhares, as inúmeras versos, as lendas, as memórias.... Tudo isso, fornece explicações para entender os lugares da Balaiada em São Bernardo e na região de uma secular história de lutas e resistência da população negra, em nosso município.

As desigualdades, a pobreza e a falta de reconhecimento dos direitos sobre a posse da terra, a cidadania, o acesso as políticas públicas, educação e saúde, persistente no passado e no presente do Baixo Parnaíba Maranhense.

Parece, hoje, ser preciso ultrapassar as visões conservadoras, que perdurou durante muito tempo acerca do movimento dos balaios. O protagonismo dos negros, dos lavradores, dos vaqueiros se confirma na representação de resistência e liberdade.

Esta é, uma história “não acabada”, pois são muitas histórias que temos ainda para contar do **“TEMPO DO PEGA”**: **O passado balaio da Matriz.**

Gravação externa na Praça 29 de Março, usando drone capturando imagens do aluno Emanuel.

Trilha sonora: “Sorriso Negro” – Ivone Lara

ENCERRANDO - I VIDEOCLÍPE

O documentário encerra com um videoclipe, apresentando, as imagens produzidas durante a pesquisa de campo. Trilha sonora: “um sorriso negro” de dona Ivone Lara.

II VIDEOCLÍPE

Imagens captadas de um drone apresentam a equipe que participou da pesquisa, em movimento todos os alunos saem da escola Déborah Correia Lima e realizam um agradecimento coletivo na praça em frente à escola. Trilha sonora: “História Pra Ninar Gente Grande” samba enredo da Mangueira, ano 2019.

CRÉDITOS

Roteiro

Ronilson de Oliveira Sousa

EDIÇÃO E PRODUÇÃO

WC Drone “Visual Films”

Wilberth Castro

TRILHA SONORA

Todos Cantam sua terra – Alcione

Revolta Olodum – José Olissa; Domingos Sérgio

Hacksaw Hildge – Playing – Soundtrack

Ilha Bela – CarlinhosVeloz

No tempo dos Jesuítas – Maria José Meireles

De Teresina a São Luís – Luiz Gonzaga

Negro Rei – Cidade Negra

Tambor de Crioula – Grupo: As três Marias

Canto dos Quilombos – Carlos Henrique Machado

Guerreiras Quilombolas – Célia Sampaio

A Saga dos Pampas – Marcus Viana e Orquestra Transfônica

Juazeiro – Trio de Flautas do Nordeste – Instrumental

Além do Tempo – Instrumental

Capoeira – Toque Berimbau

Revolta Olodum – Gal Costa

Sorriso Negro – Dona Ivone Lara

História Pra Ninar Gente Grande – Wantuir – Samba Enredo da Estação Primeira de Mangueira

ALUNOS (AS) C.E DÉBORAH CORREIA LIMA

Emanuella Lima dos Santos | 3º ano B

Edson Fernandes Nascimento Rodrigues | 3º ano B

Victor Emanuel Costa Machado | 3º ano B

Emanuel Meireles | 3º ano B

Conrado Rodrigues da Silva Filho | 3º ano B

Jonas Rocha Santos | 3º ano B

Mariane Rodrigues Sobrinho | 3º ano B

Carlos Eduardo Candeira Marques | 3º ano A

Lívia Oliveira dos Santos | 3º ano A

Elane dos Santos | 3º ano A

Sttfyson Marques Pinto | 3º ano A

Raquel Cardoso dos Santos | 3º ano A

Lília de Carvalho Santos | 2º ano A

ENTREVISTAS

Maria Aparecida Cirqueira | Professora, artista plástica e membro da ABELA
Bernardo Ribeiro da Silva | Vaqueiro da fazenda Paraíso
Charif de Carvalho Sabry | Poeta, membro da ABELA
Maria do Amparo “Cindá” | Lavradora
Maria Alice Silva Gomes | Lavradora
Maria do Rosário de Fátima Silva Sousa | Lavradora
Jânio Rocha Ayres Teles | Professor e Coordenador do Fórum Balaiada
Maria de Jesus Vilar | Professor e Pesquisadora
José de Ribamar dos Santos | Lavrador
Kleuson Michael Cardoso Pereira | Funcionário Público e membro da ABELA
Maria José Meireles Mascarenhas | Professora e membro da ABELA
Raimundo Nonato Vaz | Escritor e membro da ABELA
Gilvan Alves da Silva | lavrador
Francisco de Assis dos Santos | aposentado e pescador
Bernardo Nunes | Aposentado
Domingos Pimentel Ferreira da Silva | Vaqueiro
Bernarda da Silva Caetano “Nadir” | artesã
Maria Alice da Silva | Aposentada
Francisco das Chagas Oliveira Machado “DASCHAGAS” | Vaqueiro
Sebastião Pereira | artesão

AGRADECIMENTO

Arquivo Público do Estado do Maranhão
Farol da Educação – São Bernardo
Centro de Ensino Déborah Correia Lima
Museu da Família Macatrão – Brejo/MA
Fazenda Paraíso – Proprietário Júnior Esperança
Fazenda Canta Galo – Proprietário Bernardo Jairo

IMAGENS E FONTES

Fotografia “São Bernardo antigamente” – (blog WWW.freguesiaSB.blospot.com)
Ilustração “escravos trabalhando” (Internet domínio público)
Ilustração “mapas cidades e principais povoados do Maranhão 1890” – Regina Helena Martins de Faria (Livro: Mundos do Trabalho no Maranhão Oitocentista e os descaminhos da liberdade)
Ilustração “Plano de Campanha de Luis Alves de Lima e Silva na Balaiada” – Iramir Araújo | Ronilson Freire | Beto Nicácio (Livro: Balaiada, a Guerra do Maranhão)
Ilustração da abertura do documentário “O Tempo do Pega” – Matheus Moreira
Ilustração “mapa das comunidades quilombolas” Jânio Rocha
Fotografia “Matriz de São Bernardo” – Raimundo Nonato Vaz (Livro: São Bernardo documentário: história da matriz de São Bernardo)
Fotografia “muralhas de pedra no Pov. Bebedouro de São Pedro” – Ronilson de Oliveira Sousa
Ilustração “mapa da população da Comarca de Brejo (1837) – Rafael Bezerra Gaspar (Livro: O Eldorado dos Gaúchos: deslocamento de agricultores do sul do país e seu estabelecimento no Leste Maranhense)

VÍDEOS

Filme “Balaiada, a Guerra do Maranhão”
Iramir Araújo | Ronilson Freire | Beto Nicácio
Filme “São Bernardo antigamente”

Pe. Felipe Costa | WWW.freguesiasb.blogspot.com (domínio público | Youtube.com)

Filme “Viajando no tempo: São Bernardo – MA anos 90”

Pe. Felipe Costa | WWW.freguesiasb.blogspot.com (domínio público | Youtube.com)

SITES E BLOGS

WWW.freguesiasb.blogspot.com

<http://blogdabalaiada.blogspot.com>

<http://cidades.ibge.gov.br>

LIVROS

A Balaiada e a Insurreição de Escravos no Maranhão – Maria Januária Vilela Santos

Produto da dissertação “A Balaiada na sala de aula: ensino de História do Maranhão imperial – Yuri GivagoAlhadeff Sampaio Mateus

A Guerra dos Bem-te-vis – MatthiasRohrig Assunção

Documentário para a História da Balaiada (Coleção de documentos do arquivo público do estado do Maranhão)

Matriz de São Bernardo: de Capela a Santuário – Felipe Costa Silva

TCC: Agosto em Festa se enfeita: origens e transformações históricas no festejo de São Bernardo. Ronilson de Oliveira Sousa